



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA UEM/UEL**

LEONARDO PESTILLO DE OLIVEIRA

**MOTIVAÇÃO, ESTRATÉGIAS DE *COPING* E
PERFECCIONISMO EM ATLETAS
PROFISSIONALIZADOS E NÃO-
PROFISSIONALIZADOS DE FUTEBOL DE
CAMPO.**

Maringá
2009

LEONARDO PESTILLO DE OLIVEIRA

**MOTIVAÇÃO, ESTRATÉGIAS DE *COPING* E
PERFECCIONISMO EM ATLETAS
PROFISSIONALIZADOS E NÃO-
PROFISSIONALIZADOS DE FUTEBOL DE
CAMPO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física – UEM/UEL, para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira

Maringá
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

O48m Oliveira, Leonardo Pestillo de
Motivação, estratégias de coping e perfeccionismo em atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo / Leonardo Pestillo de Oliveira. -- Maringá : [s.n.], 2009.

101 f. : il.

Orientador : Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina, Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física, 2009.

1. Educação física - Coping - Atletas - Futebol de campo. 2. Coping - Futebol de campo - Motivação. 3. Futebol de campo - Atletas - Perfeccionismo. 4. Atletas - Futebol de campo - Coping. 5. Talento esportivo. I. Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina, Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física. II. Título.

CDD 21.ed.796.334

LEONARDO PESTILLO DE OLIVEIRA

**MOTIVAÇÃO, ESTRATÉGIAS DE *COPING* E
PERFECCIONISMO EM ATLETAS PROFISSIONALIZADOS
E NÃO-PROFISSIONALIZADOS DE FUTEBOL DE CAMPO.**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Estudos do Movimento Humano, para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

APROVADA em de de

Prof. Dr. **Dante De Rose Junior**

Prof. Dr. **Eduardo Augusto Tomanik**

Prof. Dr. **José Luiz Lopes Vieira**
(Orientador)

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai, minha mãe e meu irmão, que mesmo estando longe sempre me apoiaram em minhas decisões, e me parabenizaram pelas minhas conquistas.

Agradecimentos

Ao terminar este trabalho, gostaria de agradecer àqueles que contribuíram para minha formação acadêmica na pós-graduação:

Ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, em especial ao corpo docente pela contribuição à minha formação acadêmica.

Ao meu orientador José Luiz Lopes Vieira, pela contribuição ao meu amadurecimento acadêmico, profissional e pessoal, bem como pela amizade e relacionamento pessoal.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Gomes e ao Prof. Alison Gustavo Laurindo Pereira pela contribuição significativa para realização deste estudo.

Ao Clube Atlético Paranaense e aos técnicos das Escolas de Seleção e Formação de Talentos no Futebol do Clube Atlético Paranaense, com sedes em Curitiba, Londrina, Cianorte, Sarandi, e Umuarama.

À professora Lenamar Fiorese Vieira pela participação em mais uma fase da minha vida, acadêmica, profissional e pessoal.

A todos os colegas de Mestrado, em especial, Schelyne, Viviane (Guto), Paula, Jane e Clarice pela companhia tanto nas horas de trabalho quanto nas horas de diversão.

Aos amigos de República, Kazu, Marcelo, João Gustavo, Bianca, Saulo e em especial João Ricardo, companheiro de graduação, pós-graduação, noites de estudo e dias de trabalho.

Em especial meu pai Adécino, minha mãe Aparecida e meu irmão Adécino Junior pelo incentivo e cooperação em todos os momentos da minha vida.

E a Deus pelas bênçãos e a oportunidade de ultrapassar mais uma etapa da minha vida.

OLIVEIRA, Leonardo Pestillo de. Motivação, estratégias de *coping* e perfeccionismo em atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

RESUMO

O objetivo deste estudo descritivo tipo correlacional foi investigar a motivação, as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo de atletas de futebol de campo profissionalizados e não-profissionalizados. Os sujeitos foram divididos em 2 grupos, 63 profissionalizados com idade média de 17,59 anos ($\pm 0,77$), e 119 não-profissionalizados com idade média de 14,01 anos ($\pm 1,53$). Como instrumentos de medida foram utilizados: *Sport Motivation Scale*; *Athletic Coping Skills Inventory-28*; e *Multidimensional Perfectionism Scale*. Para análise dos dados utilizou-se os testes: *Shapiro-Wilk*, *Mann-Whitney* e o coeficiente de *Spearman*, adotando $P < 0,05$. Os resultados demonstraram que em relação à motivação tanto os atletas profissionalizados quanto os não-profissionalizados apresentaram maiores escores para a motivação intrínseca com destaque para a *motivação intrínseca para experiências estimulantes*. Os atletas profissionalizados apresentaram escores superiores aos não-profissionalizados para a *motivação intrínseca para atingir objetivos*, *motivação intrínseca para experiências estimulantes* e para o *índice de autodeterminação*, sendo essas diferenças estatisticamente significativas. A estratégia de *coping* mais utilizada pelos atletas profissionalizados foi a *confiança e motivação*, já os não-profissionalizados as estratégias *confronto com a adversidade*, *confiança e motivação*, e *treinabilidade*. Os atletas profissionalizados apresentaram escores superiores aos não-profissionalizados para as seguintes estratégias de *coping*: *rendimento máximo sob pressão*, *formulação de objetivos e confiança e motivação*, além do *índice de confronto no esporte*, todas com diferenças estatisticamente significativas. As características do perfeccionismo mais presente em ambos os grupos foram a *organização e padrões de realização pessoal*, a característica menos presente foi a de *crítico parental*. As diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ocorreram para as subescalas de *expectativas parentais* e *crítico parental* com os profissionalizados apresentando escores inferiores aos não-profissionalizados, e para *padrões de realização pessoal* e *organização*, com escores superiores para os atletas profissionalizados. Para os atletas profissionalizados foi encontrada correlação entre o *índice de autodeterminação* e o *índice de confronto no esporte*. Nas correlações entre a motivação e o perfeccionismo foi encontrada correlação entre o *índice de perfeccionismo ajustado normal* e estilos regulatórios da motivação intrínseca. E também foi encontrada correlação entre o *índice de confronto no esporte* e o *perfeccionismo ajustado normal*. Para os atletas não-profissionalizados foram encontradas correlações entre o *índice de autodeterminação* e o *índice de confronto no esporte*; e entre o *índice de confronto no esporte* e o *perfeccionismo ajustado normal*. Concluindo, os resultados indicam que os fatores motivacionais apresentados pelos atletas devem ser considerados como influenciadores na utilização das estratégias de *coping* durante uma situação estressante na competição esportiva, bem como fatores

indicativos da forma como demonstram suas características da personalidade, por exemplo, as características do perfeccionismo.

Palavras-chave: Motivação, *Coping*, Perfeccionismo, futebol de campo.

OLIVEIRA, Leonardo Pestillo de. Motivação, estratégias de *coping* e perfeccionismo em atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

ABSTRACT

The objective of this descriptive study with correlational type was to investigate motivation, coping and characteristics of perfectionism of professionalized and not professionalized soccer players. The sample was divided in 2 groups, 63 professionalized with average age of 17,59 years ($\pm 0,77$), and 119 not professionalized with average age of 14,01 years ($\pm 1,53$). As measure instruments were used: Sport Motivation Scale; Athletic Coping Skills Inventory-28; and Multidimensional Perfectionism Scale. Data analysis was performed through the testes: Shapiro-Wilk, Mann-Whitney and Spearman coefficient, adopting $P < 0,05$. The results showed that in relation to motivation both athletes professionalized and not professionalized showed higher scores for intrinsic motivation with emphasis on *intrinsic motivation to experience stimulation*. Professionalized athletes presented higher scores in relation to not professionalized for *intrinsic motivation to accomplish things*, *experience stimulation* and for the *self-determination index*, showing statistical significant differences. The coping strategy of choice of the professionalized athletes was *confidence and achievement motivation*, as for those non professionalized the coping strategies of choice were *coping with adversity*, *confidence and achievement motivation* and *coachability*. Professionalized athletes showed higher scores in relation to not professionalized to the following coping strategies: *peak under pressure*, *goal setting* and *confidence and achievement motivation*, as well as for the *sport confrontation index*, all showing statistical significant differences. Perfectionism characteristics more frequent in the professionalized as in the not professionalized were *organization* and *personal standards*; the less frequent characteristic for both groups was *parental criticism*. Statistical differences between groups were observed in the subscales *Parental expectancies* and *parental criticism* with not professionalized showing higher scores in relation to professionalized and *Personal standards and organization*, with higher scores to professionalized athletes. The professionalized athletes showed correlations between the *self-determination index* and the *sport confrontation index*. In the correlations between motivation and perfectionism a correlation between *adjusted perfectionism index* and intrinsic motivation regulation styles. Also, a correlation was found between *sport confrontation index* and *normal adjusted perfectionism*. As for the non professionalized athletes correlations between the *sport confrontation index* and *normal adjusted perfectionism*. In conclusion, the results indicate that motivational factors showed by the athletes must be considered as influences in the selection and use of coping strategies during and stressful situation in sport competition, as well as indicative factors to the demonstration of personality characteristics, such as, perfectionism characteristics.

Keywords: Motivation, Coping, Perfectionism, soccer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Continuum</i> de Autodeterminação (DECI e RYAN, 1985).....	16
Figura 2 - Mapa ecológico dos talentos esportivos (VIEIRA, 1999a).....	34
Figura 3 - Distribuição das escolas de futebol de campo de um clube paranaense participante da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estilos regulatórios da motivação de atletas profissionalizados e não-profissionalizados praticantes de futebol de campo.....	47
Tabela 2 - Estratégias de <i>coping</i> dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados praticantes de futebol de campo.....	52
Tabela 3 - Características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados praticantes de futebol de campo.....	58
Tabela 4 - Correlação entre os estilos regulatórios da motivação e estratégias de <i>coping</i> de atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.....	62
Tabela 5 - Correlação entre os estilos regulatórios da motivação e as características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.....	67
Tabela 6 - Correlação entre as estratégias de <i>coping</i> e características do perfeccionismo para os atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.....	71

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

SMS	<i>Sport Motivation Scale</i>
ACSI-28	<i>Athletic Coping Skills Inventory-28</i>
MPS	<i>Multidimensional Perfectionism Scale</i>
MI	Motivação Intrínseca
ME	Motivação Extrínseca
Perfec.	Perfeccionismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 Justificativas.....	05
1.2 Definição de termos.....	06
2 OBJETIVOS	07
2.1 Objetivo Geral.....	07
2.2 Objetivos Específicos.....	07
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	08
3.1 Considerações Acerca dos Talentos Esportivos.....	08
3.2 Motivação no Processo de Formação Esportiva.....	13
3.3 Estresse e Estratégias de <i>Coping</i> no Esporte.....	21
3.4 O Papel do Perfeccionismo no Desenvolvimento Atlético.....	27
3.5 Família e Outros Fatores que Influenciam na Carreira Esportiva.....	32
4 MÉTODOS	40
4.1 Caracterização do Estudo.....	40
4.2 População Alvo.....	40
4.3 Instrumentos de Medida.....	40
4.4 Coleta dos Dados.....	43
4.5 Análise dos Dados.....	44
5 RESULTADOS e DISCUSSÃO.....	45
5.1 Motivação em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados no Futebol de Campo.....	46
5.2 Estratégias de <i>Coping</i> em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados no Futebol de Campo.....	51
5.3 Características do Perfeccionismo em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados no Futebol de Campo.....	57
5.4 Correlação entre Motivação, Estratégias de <i>Coping</i> e Características do Perfeccionismo em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados do Futebol de Campo.....	61
5.4.1 Estilos regulatórios da motivação e estratégias de <i>coping</i>	62
5.4.2 Estilos regulatórios da motivação e características do perfeccionismo..	66
5.4.3 Estratégias de <i>coping</i> e características do perfeccionismo.....	70
6 CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS E APÊNDICES.....	92

1 INTRODUÇÃO

É comum na sociedade atual a idéia de que existem indivíduos mais dotados e mais capazes que outros de utilizar as suas potencialidades em qualquer domínio do conhecimento, ou seja, em diferentes áreas como a música, artes plásticas, esporte, ciências exatas, entre outras; esses indivíduos são denominados expoentes, *experts* ou até mesmo talentos (MAIA, 2000, MORAES, RABELO e SALMELA, 2004).

Para Maia (2000) o significado da palavra talento sugere algo valioso e invulgar, sendo que os portadores de talento ou capacidades invulgares representariam para a sociedade uma fonte preciosa devido às expectativas que geram à sua volta, sobretudo pela possibilidade de expressarem a excelência em diferentes domínios da atividade humana. Já para Böhme (1995) o talento esportivo é a denominação dada a uma pessoa que em determinada fase de desenvolvimento mostra pressupostos como condições corporais e psicológicas, as quais com grande probabilidade podem levar posteriormente a um alto desempenho esportivo.

No contexto esportivo, segundo Pearson, Naughton e Torode (2006) o processo de identificação de talentos é complexo e o prognóstico de sucesso é imperfeito, sendo que essa identificação baseia-se em torno do reconhecimento da dotação natural ou a capacidade de uma qualidade superior, além de ser multifacetada e complexa. O talento no esporte é identificado por características que são pelo menos parcialmente geneticamente determinadas, afetadas por inúmeras condições ambientais e difíceis de determinar com precisão.

O processo de identificação e desenvolvimento de talentos esportivos tem crescido muito em vários países nos últimos anos (ABBOTT, COLLINS, MARTINDALE e SOWERBY, 2002), e vários estudos são conduzidos a fim de descrever modelos e métodos para a identificação e desenvolvimento desses talentos, como os de Bloom (1985), Bompa (1994), Gagné (1993), Gimbel (1976), Harre (1982), Matsudo, Rivet e

Pereira (1987), Montpett e Cazorla (1988), Piirto (2000), Renzulli (2002) e Tennenbaum (1993), entre outros.

A característica que predomina na determinação de talentos esportivos é que os processos baseiam-se em evidências e discussões teóricas que resultam na descrição e identificação de condições e características que possam identificar e caracterizar as pessoas como talentos dentro de determinada população (BOHME, 1995). A maioria dos programas de identificação de talentos é conduzida durante a adolescência, descartando assim o efeito do crescimento e da maturação que podem confundir a predição da performance futura (PEARSON, NAUGHTON e TORODE, 2006). O estudo da detecção e do desenvolvimento de talentos em diferentes contextos é necessário, sendo essa prática mais observada nos domínios do esporte e da música (BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993; ERICSSON, KRAMPE, e TESCH-ROMER, 1993; HELSEN, HODGES, VAN WINCKEL, e STARKES, 2000; SINGER e JANELLE, 1999).

Apesar da grande importância apresentada no âmbito das ciências do esporte, o desenvolvimento do tema não escapa às críticas, indefinições, contradições e limitações metodológicas. Isto porque muitas das pesquisas realizadas centravam-se apenas na detecção, sem se preocupar com a definição concreta do que seria o talento esportivo, quais as características e capacidades psicológicas que caracterizam estes talentos (BARREIROS, 2005). O foco principal das investigações realizadas está apenas na performance atual, no momento em que os atletas são jovens; os especialistas não realizam uma avaliação a longo prazo a fim de predizer um sucesso desse atleta em idades futuras (MARTINDALE, COLLINS e DAUBNEY, 2005). O que muitas vezes não se leva em conta é que existe um grande número de fatores que influenciam jovens no desenvolvimento de sua carreira esportiva e também em sua vida particular (fora do esporte), fatores estes que irão contribuir ou até mesmo atrapalhar sua carreira, tais como os objetivos traçados pelo atleta, a prática de identificação e desenvolvimento de talentos, os processos técnicos, recursos financeiros, apoio dos pais e técnicos, competições, estrutura disponibilizada pelo clube em que treina, entre outros (INGHAM, CHASE e BUTT, 2002; MARTINDALE, COLLINS e DAUBNEY, 2005).

Quando um atleta é considerado talento em uma idade muito jovem, corre o risco de vivenciar uma especialização precoce; a pressão e a cobrança (da família, do técnico, da mídia, etc.), a inexperiência, a preparação física excessiva (ZAKHAROV, 1992; MARQUES, 1993) entre outros fatores que podem ocasionar um abandono também precoce da prática esportiva por parte desse atleta, fenômeno este conhecido como *drop out*. Para evitar o desperdício de talentos, autores discutem e afirmam ser necessário a condução de programas que apresentem uma visão a longo prazo, processos associados de identificação de talentos a fim de evitar esse abandono precoce do esporte (MARTINDALE, COLLINS e DAUBNEY, 2005). Altos resultados esportivos realizados por jovens atletas no período de iniciação ou desenvolvimento (BLOOM, 1985) são objetos de duas críticas principais: primeiro há a possibilidade de provocarem um esgotamento precoce das reservas de adaptação do jovem atleta (BRITO, Fonseca e ROLIM, 2004), a segunda relaciona-se com a ausência de trabalho de base essencial para se obterem resultados de alto nível na idade adulta (CAFRUNI, MARQUES e GAYA, 2006; COELHO, 2000; MARQUES, 1993; NADORI, 1990; WIERSMA, 2000).

Alguns estudos foram conduzidos de forma a entender e descrever as características presentes nos talentos esportivos em diferentes fases do seu desenvolvimento (ABBOTT, COLLINS, MARTINDALE e SOWERBY, 2002; PEARSON, NAUGHTON e TORODE, 2006). Esses estudos demonstraram empiricamente as limitações dos programas de identificação e desenvolvimento de talentos. Bloom (1985) descreve em seu estudo com 25 atletas adultos de elite, que apenas 10% desses foram considerados talentos esportivos quando na idade de 11 ou 12 anos, demonstrando que 90% dos eventuais 25 melhores atletas do mundo não brilhavam como supremos em seus esportes quando jovens. Dentro deste âmbito a maioria dos estudos realizados tem utilizado o método retrospectivo e realçado alguns fatores que distinguem os atletas considerados talentos daqueles que não apresentam o mesmo nível de desempenho. Um desses fatores é a motivação, a determinação dos atletas para iniciar a prática esportiva, bem como para investir os seus recursos e capacidades e até mesmo para persistir a um longo e exigente processo de treinamento e competição (BLOOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993; GAGNÉ, 1993; HOLT, 2003;

ORLICK e PARTINGTON, 1988; PATRICK et al., 1999; PIIRTO, 2000; VALLERAND e LOSIER, 1999).

A motivação é considerada um fator indispensável para o sucesso em qualquer atividade; sem a motivação se torna impossível aprender, se desenvolver e obter sucesso. Atletas amadores podem não melhorar sua performance justamente porque acreditam que já alcançaram (em suas mentes) um nível aceitável (ERICSSON, 2003). Diferentes estágios do desenvolvimento exigem diferentes tipos de motivação, sendo a motivação intrínseca e a autodeterminação forças cruciais em todos os níveis (BLOOM, 1985; VAN ROSSUM, 2001).

A Teoria da Autodeterminação (DECI e RYAN, 1985) tem sido a base teórica de maior impacto para o estudo da motivação nas últimas três décadas no esporte (HAGGER e CHATZISARANTIS, 2007), e os estudiosos têm buscado investigar a personalidade e a motivação humana, focalizando as tendências evolutivas, as necessidades psicológicas inatas e as condições contextuais favoráveis à motivação, ao funcionamento social e ao bem-estar pessoal.

Além da motivação outras características psicológicas como estratégias de *coping*, comprometimento com o objetivo a ser alcançado (GEISLER e KEER, 2007; GIACOBBI JR, FOORE e WEINBERG, 2004; PENSGAARD e DUDA, 2003), determinação, atitude competitiva (STORNES, 2001; TAUER e HARACKIEWCZ, 2004; VANSTEENKISTE, SIMONS, LENS, SHELDON e DECI, 2004), apoio dos pais e dos técnicos (MARTINDALE, COLLINS e DAUBNEY, 2005; MORAES, RABELO e SALMELA, 2004) apresentam forte impacto no desempenho desses atletas considerados talentos.

Desta forma, o que se pretende com esta pesquisa é analisar a motivação, as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo de atletas de futebol de campo profissionalizados e não-profissionalizados, podendo esta avaliação revelar-se determinante para uma melhor orientação do processo de treino esportivo.

1.1 Justificativas

Uma pergunta fundamental para entender o desempenho esportivo de alto rendimento que muitos psicólogos do esporte e estudiosos do desenvolvimento motor se fazem a respeito dos talentos esportivos é: Estão estes atletas prontos? (MAGGIL e ANDERSON, 1996; PASSER, 1996; SEEFELDT, 1996). Smoll e Smith (1996) afirmam que já é bem conhecido que a idade cronológica sozinha é um indicativo pobre para o grau individual de progresso rumo à maturidade, devido ao fato de que o relógio biológico avança em graus diferentes. Fatores biológicos, no entanto, não devem ser os únicos a serem considerados para responder a esta pergunta; concomitantes a eles devem ser considerados o desenvolvimento social, emocional e cognitivo desses atletas (INGHAM, CHASE e BUTT, 2002).

Muitos programas de detecção de talentos privilegiam em princípio a ótica genética e neuromotriz principalmente através de testes fisiológicos, em detrimento da ótica neurocognitiva (PEARSON, NAUGHTON e TORODE, 2006). Com isso a influência do meio ambiente, da família e particularmente a capacidade de desenvolvimento e aprendizagem na formação do atleta, que devem ser levadas em consideração, são fatores desconsiderados na indicação do talento esportivo (NADORI, 1990).

Com isso torna-se necessário o estudo de características psicológicas que acompanham os talentos esportivos ao longo de sua carreira, pois fatores ambientais e sociais também influenciam no desempenho de atletas. Assim, muitos autores como Durand-Bush e Salmela (2002) acreditam que apesar de os modelos de detecção de talentos estarem alicerçados em pressupostos científicos, estes se mostram ineficazes para indicar uma prestação futura, pois a interação entre fatores genéticos e ambientais é de difícil determinação. Pesquisas são propostas a fim de que as investigações acerca do tema sejam focadas no controle e desenvolvimento do talento e não na sua detecção, reconhecendo assim a natureza evolutiva do mesmo (BARTMUS, NEUMANN e MARÉES, 1987; ABBOTT e COLLINS, 2004).

Atualmente o paradigma da detecção do talento esportivo vem dando lugar a uma nova perspectiva, ou seja, a do desenvolvimento do talento, sugerindo que o atleta

considerado como um talento é um ser complexo, multidimensional e dinâmico, que se desenvolve segundo diferentes fases ao longo de sua vida. Apesar do enorme número de pesquisas acerca da detecção de talentos, bem como a contribuição dos mesmos para o desenvolvimento científico, existe ainda pouca informação que dizem respeito ao desenvolvimento das características psicológicas em jovens atletas considerados talentos.

Na prática, o trabalho do psicólogo esportivo não se resume apenas na busca pela excelência esportiva, mas também no auxílio no momento em que se escolhe um jovem atleta para integrar uma equipe profissional, e no desenvolvimento da carreira atlética, processo este que não pode ser ignorado quando se pretende formar um atleta de sucesso.

Frente ao exposto pretende-se neste trabalho analisar a motivação, as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo de atletas de futebol de campo profissionalizados e não-profissionalizados, o que permitirá auxiliar profissionais responsáveis pela formação de jovens atletas a entender melhor alguns processos psíquicos que influenciam seu desenvolvimento e desempenho esportivo.

1.2 Definição de Termos

Atletas profissionalizados: Jovens atletas de futebol, profissionalizados de uma equipe do estado do Paraná que disputa a 1ª Divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. A partir de um contrato profissional os atletas são federados junto à Federação de Futebol do estado correspondente.

Atletas não-profissionalizados: Jovens atletas de futebol que atuam de forma não profissionalizada, que praticam a modalidade apenas em centros de treinamento credenciados pela equipe envolvida, e que no período de realização da pesquisa não haviam sido selecionados para fazerem parte do outro grupo, ou seja, em processo de profissionalização. Atletas que não apresentam nenhum tipo de contrato profissional e também não são federados junto à Federação de Futebol do estado correspondente.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a motivação, as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo em atletas de futebol profissionalizados e não-profissionalizados.

2.2 Objetivos Específicos

Identificar a motivação, as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo em atletas profissionalizados e não-profissionalizados.

Comparar os níveis de motivação, estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo entre os atletas profissionalizados e os atletas não-profissionalizados.

Correlacionar a motivação, as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo tanto para os atletas profissionalizados como os não-profissionalizados.

3 REVISÃO DE LITERATURA

No primeiro capítulo serão abordadas considerações a respeito dos talentos esportivos, desde a origem do termo até as formas de identificação e desenvolvimento. O segundo, o terceiro e o quarto capítulos tratam das características de Motivação, *Coping* e Perfeccionismo, que são abordadas no estudo. O quinto e último capítulo trata da influência da família e de outras variáveis que podem influenciar de forma positiva ou negativa no desenvolvimento da carreira esportiva de atletas.

3.1 Considerações Acerca dos Talentos Esportivos.

O futebol atualmente é considerado um esporte de espetáculo, um produto da indústria cultural, e se configura como um dos ramos mais lucrativos da economia de serviços de entretenimento, tornando-se um negócio altamente milionário, que movimenta anualmente uma quantia superior a 250 bilhões de dólares. As transformações sociais e culturais modificaram as pautas dos intercâmbios estabelecidos entre o futebol e a formação de novos talentos (CARRAVETTA, 2001). Essa formação de novos talentos esportivos é influenciada pelas diferenças individuais das pessoas que modificam suas eventuais características, incluindo suas capacidades, de forma direta ou indireta, e de forma previsível ou imprevisível (HOWE, 1999).

Segundo Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1993) o termo “talento” remonta a uma origem bíblica, pois era um nome que denotava a uma unidade monetária, uma moeda valiosa amplamente utilizada no Oriente Médio, é um sentido metafórico que deriva da parábola dos talentos (Mateus, 25), uma seção do Novo Testamento da Bíblia. Mais na ótica do desenvolvimento humano, as investigações têm sugerido que o talento é um fenômeno complexo, multidimensional e dinâmico, que ocorre segundo diferentes etapas e ao longo de um conjunto alargado de anos, sendo que essa determinação de talentos, principalmente no âmbito esportivo, baseia-se nas evidências abstratas e discussões teóricas que resultam na descrição e identificação de possíveis condições e

características que possam resultar na identificação das pessoas como “talentos” dentro da população (BARREIROS, 2005; BOHME, 1995).

O talento não é uma categoria natural, é uma construção cultural, é um rótulo de aprovação que se estabelece a uma característica pessoal que tem um valor positivo e um contexto particular no qual vive o ser humano (CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993). Segundo Abbot, Collins, Martindale e Sowerby (2002) o interesse na identificação e desenvolvimento de talentos esportivos tem crescido muito nos últimos anos, porém o processo de identificação de talentos para times esportivos é complexo e a predição do sucesso é imperfeita (PEARSON et al., 2006).

Sobral (1994) coloca que o processo de identificação de talentos ocorre através de três fases: a identificação, a seleção e a promoção. A identificação ocorre na infância, uma avaliação baseada no desenvolvimento corporal, coordenações motoras de base e o gosto pela prática. A segunda fase ocorre na puberdade, em que o foco está nos desvios de postura, fragilidade do aparelho locomotor, traços de crescimento e composição corporal. Já a última fase culmina com o processo de promoção do talento, em que estes atletas começam a participar de competições esportivas representativas em seu país e até internacionais.

Os programas de detecção de talentos privilegiam a ótica neuromotriz em detrimento da ótica neurocognitiva, não levando em conta também a influência do meio ambiente, da família, e particularmente a capacidade de desenvolvimento e aprendizagem do atleta no seu processo de formação. A identificação de um talento baseia-se em torno do reconhecimento da dotação natural ou a capacidade de uma qualidade superior aos outros, porém esta identificação é multifacetada e complexa, pois as características individuais são parcialmente geneticamente determinadas, e são afetadas por inúmeras condições ambientais e difícil de determinar com precisão (PEARSON et al., 2006).

A simples menção do termo seleção evoca Darwin, à seleção natural e uma série de preconceitos e juízos de valor sobre o esporte e a competição esportiva. A seleção pressupõe diversidade ou variação de características morfológicas, de potencial fisiológico, de qualidades motoras e de atributos psicológicos (SOBRAL, 1994).

Segundo Durand-Bush e Salmela (2002) os modelos de detecção de talentos esportivos, apesar de alicerçados em pressupostos científicos, mostram-se ineficazes para prever a prestação futura, uma vez que a interação entre fatores genéticos e os fatores ambientais é muito difícil de determinar.

Outra dificuldade para a predição de que alguém se tornará um atleta de alto nível é o que as habilidades podem ser identificadas ou promovidas em desenvolvimento a fim de alcançar um sucesso em curto prazo, mas pode se tornar redundante em anos posteriores. Pelo fato de a maioria dos programas de identificação de talentos ser conduzida durante a adolescência, os efeitos do crescimento e da maturação podem confundir a predição do desempenho futuro (MARTINGALE et al., 2005; PEARSON et al., 2006).

Segundo Barreiros (2005) o paradigma da “detecção de talento” esportivo tem dado lugar a uma nova perspectiva, mais propriamente conhecida como “desenvolvimento de talento”, tendo o trabalho coordenado por Bloom (1985) como o precursor na comunidade científica. Holt (2002) desenvolveu uma teoria semelhante às etapas da participação esportiva de Côté (1999) para explicar as competências psicossociais envolvidas durante o processo de desenvolvimento de um atleta até atingir o profissionalismo. Na primeira das três fases, a criança tem que apresentar habilidades acima da média, que lhe possibilitem o ingresso em um clube com perspectivas profissionais. A segunda fase compreende o período em que o jovem adolescente integra a organização profissional propriamente dita, em que o desenvolvimento de características como a resiliência parece ser fundamental assim como a existência de estratégias eficazes de *coping*, em relação a situações de pressão competitiva e social, como por exemplo, reagir positivamente aos erros e ao criticismo. Já a terceira fase inicia-se com o cumprimento de um contrato como profissional, o qual implica um conjunto complexo de desafios e adaptações.

Assim, para Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1993) o que distingue os jovens talentos é o fato de possuírem qualidades com valor cultural e traços da personalidade que conduzem a elevados níveis de concentração (realização e resistência), bem como

a uma maior predisposição para a aprendizagem e para a experiência (consciência e compreensão). Além de qualidades complementares como o balanço motivacional que leva o indivíduo a persistir e sentir prazer numa atividade específica. Nenhum outro domínio investiu tanto no papel da detecção, seleção e desenvolvimento de talento como o esporte, e conseqüentemente muitos têm sido os estudos realizados por pesquisadores de diferentes países propondo modelos e metodologias para a identificação e desenvolvimento de “talentos esportivos” (BARREIROS, 2005).

Nos últimos anos, vários autores têm vindo a dedicar-se ao estudo do desenvolvimento do talento e à aquisição de performances de excelência em diversos contextos, nomeadamente nos domínios do esporte e da música (BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999, CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993). Bloom (1985) coloca ainda que as crianças necessitam suporte de um grande número de indivíduos e instituições para desenvolver seu talento. Sem pais dedicados, técnicos e mentores experientes, bons colégios e oportunidades desafiadores para expressar seus dons, é muito difícil para os adolescentes persistirem com a disciplina exigida para o cultivo do talento.

O foco dos responsáveis pelo desenvolvimento dos jovens atletas está na sua performance atual, o que ocorre é que os especialistas não realizam uma avaliação a longo prazo a fim de predizer o sucesso desse atleta mais tarde. Fato comprovado através dos estudos de Bloom (1985) mostrando que apenas 10% dos atletas de elite adultos foram considerados talentos quando na idade de 11 ou 12 anos, isso significa que 90% dos eventuais 25 melhores atletas do mundo estudados não brilhavam como supremos em seus esportes quando eram jovens. Entretanto muitos são os fatores que influenciam jovens no desenvolvimento de sua carreira esportiva e também a sua vida, tais como os processos técnicos, financeiros, recursos, avaliação, gratificação técnica, competição e estrutura do clube (MARTINDALE et al., 2005).

Os psicólogos esportivos e os estudiosos do desenvolvimento motor compartilham da mesma dúvida, ou seja, se os atletas considerados talentos estão realmente prontos. Smoll e Smith (1995) apontaram que a idade cronológica sozinha é um indicativo pobre para o grau individual de progresso rumo à maturidade, isto porque o relógio biológico

avança em um grau diferente, assim, fatores biológicos não devem ser os únicos a serem considerados para esclarecer esta dúvida. O desenvolvimento social, emocional e cognitivo também devem ser considerados.

O desenvolvimento cognitivo é um dos principais fatores a serem considerados no desenvolvimento do talento esportivo, com isso as características psicológicas associadas ao sucesso esportivo tem merecido a dedicação de muitos investigadores na área. Assim, segundo Morris (2000) é consenso entre os autores de que a principal abordagem metodológica adotada no passado foi o estudo comparativo dos traços da personalidade de atletas adultos de elite e de nível inferior, partindo do pressuposto de que as características que identificam os que atingem o sucesso são aquelas que interessa detectar nos jovens adolescentes. Porém, apesar do crescente interesse no estudo, até agora a verdade é que ainda existe pouca informação relativamente aos processos de desenvolvimento das características psicológicas em jovens atletas de sucesso.

Uma característica a ser analisada é a motivação dos atletas para persistir em um longo processo, que envolve grandes exigências, pelo que normalmente os mais talentosos e que atingem mais sucesso são atletas que parecem ser muito motivados intrinsecamente, que procuram estabelecer grandes padrões de realização pessoal, e que utilizam estratégias de *coping* eficazes, no sentido de garantir o sucesso das diferentes transições associadas à carreira esportiva. Sobral (1994) coloca ainda que outro elemento importante na identificação do talento é a capacidade de desenvolvimento, que coincide de certa forma, com a treinabilidade.

Seguindo a mesma linha, Nadori (1990) caracteriza o talento como sendo alguém que possui as seguintes características: reação mais eficaz aos estímulos em geral; reação mais favorável aos estímulos de elevada intensidade; aplicação mais correta e criativa da técnica; soluções individuais para os problemas e, criatividade e capacidade de aprendizagem.

O esporte de rendimento apresenta exigências de natureza diversa, ou seja, físicas, motoras, perceptivas, sociais, emocionais e intelectuais. O êxito no esporte de

competição não assenta exclusivamente na capacidade atlética e na maestria motora, o ajuste emocional de atletas principalmente nas idades mais baixas frente às pressões competitivas determina uma parte significativa do nível de rendimento e da sua consistência, e ainda na sua orientação para a prática esportiva (SOBRAL, 1994). Especificamente no futebol, Carravetta (2001) escreve que os atletas se transformaram em verdadeiros produtos industriais, pois além de atletas passaram a funcionar como produtos comercializáveis e que desde o início de suas carreiras esportivas já são acostumados com a idéia de que o futebol é um negócio altamente lucrativo, sendo este mais um fator a ser considerado no processo de desenvolvimento de um talento esportivo.

3.2 Motivação no Processo de Formação Esportiva

No âmbito esportivo, a motivação representa uma das variáveis mais importantes. Técnicos e atletas concordam que a motivação é um dos elementos chave que irão facilitar não apenas o desempenho, mas também uma experiência positiva na área esportiva. Vários profissionais como dramaturgos, filósofos e psicólogos têm dado atenção ao estudo da motivação, psicólogos em particular têm estudado ao longo dos últimos dois séculos e fornecido algumas definições gerais deste constructo (VALLERAND, 2004).

Os estudos centrados na motivação tentam responder a algumas perguntas que permeiam a mente dos profissionais que trabalham com esporte, ou seja, “Porque uma pessoa inicia a prática esportiva?” “Porque uma pessoa pratica o esporte por vários anos e abandona sua prática?”. Assim os estudos são conduzidos por autores interessados na origem, direção e persistência da prática esportiva, mais precisamente sobre os motivos presentes no ser humano que levam uma pessoa a praticar um determinado esporte (BAKKER, WHITING e BRUG, 1993). A direção e a intensidade dos esforços de uma pessoa para determinada prática são os fatores que compõem a motivação, a direção do esforço refere-se a fato de um indivíduo procurar, aproximar-se ou ser atraído a certas situações, já a intensidade refere-se a quanto esforço uma pessoa coloca em uma determinada situação (WEINBERG e GOULD, 2001).

Uma definição de motivação amplamente aceita é representada pelo constructo hipotético usado para descrever forças internas e/ou externas que conduzem à iniciação, direção, intensidade e persistência de um comportamento, um motivo ou conjunto de motivos que levam alguém a se esforçar, a agir, persistir ou trabalhar em prol de algum objetivo (DOUGLAS e ARAUJO, 2004; VALLERAND, 2004). Entretanto, a existência de diferentes sistemas de classificação dos motivos humanos dificulta uma definição exata. Bakker et al. (1993) citam que alguns dos motivos pessoais dizem respeito a que as atividades implicadas possuem um valor intrínseco (alegria, prazer) e em consequência vale a pena esforçar-se para realizá-las, pois causam efeitos positivos à saúde, e ao realizar essas atividades as pessoas obtêm uma sensação de competência.

Weinberg e Gould (2001) apresentam algumas visões que tentaram ao longo do tempo definir o que seria a motivação. A primeira delas é a *Visão centrada no traço*, que sustenta que o comportamento motivado se dá em função da personalidade da pessoa, as suas necessidades e seus objetivos, assim algumas pessoas apresentam atributos pessoais que parecem torná-las mais predispostas ao sucesso e a altos níveis de motivação, enquanto outras parecem necessitar de motivação, de objetivos pessoais e de desejo. Contrariamente à primeira, a *Visão centrada na situação* apresenta definições de que o nível de motivação é determinado primariamente pela situação, entretanto essa não é uma visão muito aceita pelos autores pelo fato de que por mais negativa que seja uma situação em algumas situações o sujeito continua motivado mostrando que a situação não é, neste caso, o fator primário influenciando o seu nível de motivação. A visão mais aceita pelos psicólogos esportivos é a *Visão interacional*, que leva em conta o indivíduo e a situação, afirmando que a motivação não resulta somente de fatores relacionados ao sujeito, nem de fatores situacionais, o ideal seria examinar o modo como esses dois conjuntos de fatores interagem.

A partir destas considerações, o estudo da motivação constitui-se como um dos aspectos importantes para a compreensão das diferenças individuais presentes na prática esportiva, isto porque alguns indivíduos apresentam padrões motivacionais adaptacionais à medida que aplicam determinado esforço para o sucesso, persistindo

assim na prática esportiva, enquanto outros abandonam a prática esportiva frente aos primeiros momentos de insucesso (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005). As situações de sucesso e fracasso têm alto valor informativo no ambiente competitivo, e diferenças também são encontradas entre os gêneros, pois autores como Weinberg e Gould (2001) sugerem que homens exibem níveis significativos mais altos de motivação intrínseca após sucessos do que após fracassos, enquanto as mulheres não variam muito nas condições de sucesso e de fracasso, demonstrando que o sucesso na competição é mais importante para os homens do que para as mulheres.

Dentro do contexto da atividade física e do esporte a *Teoria da Autodeterminação* se tornou um dos enquadramentos teóricos mais utilizados para examinar as questões da motivação. Esta abordagem teórica aponta para a natureza e a função da motivação em conjunto com as bases psicológicas a partir das quais os motivos se desenvolvem, sendo que a motivação varia ao longo de um *continuum* regulatório (DECI e RYAN, 1985; WILSON, ROGERS, RODGERS e WILD, 2006). A base inicial desta teoria é a concepção do ser humano como organismo ativo, dirigido para o crescimento, desenvolvimento integrado do sentido do *self* e para a integração com as estruturas sociais. A busca de experiência com atividades interessantes estaria incluída neste empenho evolutivo a fim de o indivíduo alcançar determinados objetivos como desenvolver habilidades e exercitar capacidades, buscar e obter vínculos sociais e obter um sentido unificado do *self* por meio da integração das experiências intrapsíquicas e interpessoais (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004).

A proposta da *Teoria da Autodeterminação* é desenvolver um olhar diferenciado sobre a motivação que se traduz em diferentes processos regulatórios nos quais os resultados relacionados a uma atividade são exercidos, e que os homens têm um desejo inato para a estimulação e aprendizagem desde a nascença, que é reforçado ou desencorajado pelo meio social (DECI e RYAN, 1985; PELLETIER e SARRAZIN, 2007). Os processos regulatórios incluem *Amotivação*, *Motivação Extrínseca* (externa, introjetada, identificada e regulação integrada) e *Motivação Intrínseca*, que são alocadas em um *continuum* de autodeterminação.

De acordo com a Teoria da Autodeterminação, a motivação extrínseca é composta por quatro estilos regulatórios, como descritos anteriormente. A *Regulação Externa* é o mais baixo nível de autodeterminação, em que o indivíduo rege seu comportamento com o objetivo de obter uma recompensa ou evitar uma punição, sendo a fonte de controle externa a si (BRIÈRE, VALLERAND, BLAIS e PELLETIER, 1995). Este estilo regulatório consiste na imposição de contingências externas por parte de outra pessoa (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005). A *Regulação Introjetada* consiste em uma representação interna dos contingentes externos, sendo que a fonte de controle do comportamento se encontra no interior da pessoa, ou seja, é ela que exerce a pressão sobre si mesma para regular seu comportamento (BRIÈRE et al., 1995). Deci e Ryan (1985) afirmam que neste caso os estilos regulatórios não são tão explícitos e a regulação é mais afetiva do que cognitiva.

Na *Regulação Identificada* o indivíduo se identifica com as conseqüências e o comportamento, sendo este valorizado, julgado, importante para o indivíduo e proveniente de sua própria escolha; a pressão interior e mesmo as tensões que caem sobre o indivíduo são mais autônomas. Este estilo é verificado quando uma ação ou comportamento é motivado pela apreciação dos resultados e benefícios da participação numa atividade (BRIÈRE et al., 1995). Já o último estilo regulatório chamado de *Regulação Integrada* é a forma mais autodeterminada ou autônoma da regulação externa de um comportamento, e segundo Deci e Ryan (1985), apesar deste tipo de motivação extrínseca representar uma forma integrada e autodeterminada, considera-se ser um comportamento motivado extrinsecamente, na medida em que é realizado com vista à concretização de objetivos pessoais e não pelo próprio prazer advindo do envolvimento nessa atividade.

Apesar dos quatro tipos de estilos regulatórios existentes, a Teoria da Autodeterminação postula que a motivação intrínseca é unidimensional em sua natureza, sendo definida como o fato de o indivíduo engajar-se em uma atividade por si mesmo e pelo prazer e satisfação derivada dessa participação (PELLETIER et al., 1995; VALLERAND, 2004). Pelletier e Sarrazin (2007) citam que altos níveis de autodeterminação no *continuum* são associados com um reforço para as funções

psicológicas. Vários estudos em diferentes domínios, mais especificamente no esporte, têm demonstrado mais comportamentos efetivos, compreensão conceitual, persistência intencional, ajustamento pessoal, *coping* positivo e um aumento do bem estar como uma mudança da amotivação para a motivação intrínseca.

Segundo Vallerand e Losier (1999) a motivação intrínseca define-se em duas formas: 1) pela participação voluntária do individuo numa atividade, em uma aparente ausência de recompensas ou pressões externas; e, 2) pela participação numa atividade, pelo interesse, satisfação e prazer que o indivíduo obtém desse envolvimento. Configura-se como uma tendência natural para buscar novidade, desafio, para obter e exercitar as próprias capacidades (CSIKSZENTMIHALYI, 1991). Os profissionais responsáveis pela promoção da atividade física e do esporte acreditam que a motivação intrínseca é o aspecto chave para a manutenção de bons desempenhos e do envolvimento esportivo (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005).

A motivação intrínseca assenta em três necessidades psicológicas específicas: necessidades de autonomia, competência e estabelecimento de vínculos (DECI e RYAN, 1985; FAIRCHILD, HORST, FINNEY e BARRON, 2003). As três necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência e estabelecimento de vínculos) são inatas, integradas e interdependentes. Dessa forma, a satisfação de cada uma delas reforça e fortalece as demais, e é considerada essencial para um ótimo desenvolvimento e saúde psicológica (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004; TREASURE, LEMYRE, KUCZKA, STANDAGE, 2007).

A necessidade de autonomia é encontrada quando o sentimento e o comportamento das pessoas têm origem em si mesmo, um sentimento volitivo é necessário para sustentar comportamentos motivados e um funcionamento eficaz. A necessidade de competência reflete os desejos de se sentir capaz e sentir que tem a oportunidade de exhibir suas competências, e é satisfeita quando as pessoas se sentem eficazes na interação com o ambiente social alcançando seus resultados desejados; o sentimento de competência é necessário para que o indivíduo desenvolva uma abordagem ótima para os desafios que lhe permita aprender e desenvolver. Já a necessidade por

estabelecer vínculos envolve os sentimentos de uma conexão ou pertença com outros, sendo satisfeita exatamente quando as pessoas autenticamente se conectam com outros e se sentem envolvidas em um contexto social (CONROY, ELLIOT e COATSWORTH, 2007; MCDONOUGH e CROCKER, 2007). Apesar de a satisfação das necessidades psicológicas básicas ser o componente central da Teoria da Autodeterminação, poucas são as pesquisas envolvendo os resultados associados à percepção de autonomia e estabelecimento de vínculos comparadas às existentes sobre a percepção de competência no âmbito da atividade física e do esporte.

Vallerand (2001) propôs a existência de três tipos de estilos regulatórios referentes à motivação intrínseca: *Conhecimento*, *Realização* e *Estimulação*. O primeiro tipo de regulação (Conhecimento) é representado por muitos conceitos tais como a exploração, a curiosidade, os objetivos intrínsecos de aprender, a motivação intrínseca intelectual, o desejo de conhecer e de saber e a busca do significado. A Motivação Intrínseca de Realização é composta por conceitos tais como eficácia, motivação pela maestria da tarefa e uma orientação relacionada à tarefa, como forma de demonstrar a si mesmo que é competente, interagindo com o ambiente a fim de criar realizações únicas. Já o último estilo regulatório referente à motivação intrínseca, a estimulação, está presente nas pessoas que fazem uma atividade pelo simples prazer, por apreciar a atividade (VALLERAND, 2007; DECI e RYAN, 1985).

Pelletier et al. (1995) colocam que a motivação das pessoas varia na linha com que ocorrem mudanças na percepção de competência e da autodeterminação. Os eventos que levam a ganhos em qualquer um desses sentimentos podem aumentar a motivação intrínseca e a identificação enquanto diminui a introjeção, a regulação externa e a amotivação. Entretanto, os eventos que podem diminuir um sentimento de competência ou autodeterminação podem conduzir a uma perda da motivação intrínseca e da identificação, mas à um aumento da introjeção, regulação externa e amotivação.

Numerosos fatores que estimulam a motivação surgem no processo de desenvolvimento técnico dos atletas, seja através de objetos, pessoas ou situações que impulsionam estados de atuação, porém estes fatores não atuam com a mesma

intensidade e não são os mesmos para todos os atletas. A motivação dos atletas geralmente advém da obtenção de bons resultados, da progressão do desempenho esportivo, por um desafio pessoal e pela busca de atenção diferenciada. No futebol, Carravetta (2001) cita a motivação extrínseca baseada nas recompensas materiais como o fator que predomina como prioritário.

Martindale et al. (2005) colocam que a motivação é absolutamente indispensável para o sucesso em qualquer atividade, e que sem esta é impossível o ser humano aprender, desenvolver e ter sucesso. Assim, atletas amadores podem não melhorar seu desempenho justamente porque acham que já alcançaram (em suas mentes) um nível aceitável (ERICSSON, 2003). Segundo Treasure, Lemyre, Kuczka e Standage (2007) a maioria dos estudos que examinam a motivação pela perspectiva da autodeterminação no esporte tem sido conduzidos com atletas que não são de elite ou atletas que praticam o esporte como recreação, ocasionando uma lacuna na literatura sobre a motivação em atletas de elite. Nos estudos realizados, os autores utilizaram o método retrospectivo e realçam os estilos regulatórios que distinguem os atletas com mais sucesso daqueles que não atingem os mesmos níveis de prestação.

Keegan, Harwood, Spray e Lavallee (in press) desenvolveram uma pesquisa com atletas e concluíram que atletas mais jovens viviam em um clima motivacional que se mostra consistente com os modelos de motivação existentes, sugerindo que são necessários mais estudos para esta população. Além disso, a influência dos pais sobre estes atletas era muito acentuada, em termos de forma como dão suporte ao aprendizado e à participação das crianças. Já em relação à motivação autodeterminada, Vissoci, Vieira, Oliveira e Vieira (2008) concluíram em sua pesquisa que a motivação autodeterminada intrinsecamente se constituiu como fator favorável para atitudes positivas voltadas às convenções esportivas, regras e juízes, influenciando na preocupação e comprometimento com o oponente e na tendência a comportar-se agressivamente.

Sobre atitudes positivas frente à prática esportiva, Donahue, Miquelon, Valois, Goulet, Buist e Vallerand (2006) encontraram resultados em que atletas que apresentam estilo

de motivação mais autodeterminado (intrínseco) são menos propensos a se comportarem de forma antiética como o uso de substâncias ilícitas que possam melhorar seu desempenho esportivo. Quanto mais autodeterminado o atleta mais suas necessidades psicológicas de autonomia, competência e estabelecimento de vínculos estão superadas, levando-os a resultados mais positivos (MCDONOUGH e CROCKER, 2007).

Nesse sentido, estudar a motivação implica em investigar o *porquê* de se realizar uma ação e o *modo* como tal ação está relacionada ao estudo do julgamento do indivíduo sobre o que é certo e o que é errado, para assim se atribuir um significado moral à ação e definir a melhor maneira de se comportar.

3.3 Estresse e Estratégias de *Coping* no Esporte

Durante muito tempo o pensamento tradicional dos autores da Psicologia Esportiva foi de que o estresse por si só tem um efeito prejudicial em vários processos cognitivos e psicofisiológicos, e a aceitação de que é necessário e fundamental que os atletas desenvolvam competências de confronto apropriadas. Entretanto, o fato de se considerar o estresse apenas como algo que se refere a emoções negativas, reflete uma visão negativista que dominou o pensamento da Psicologia, que se preocupava mais com a prevenção da doença do que com a promoção da saúde, com o foco principalmente no estudo da patologia e da cura, esquecendo-se do bem estar e da prevenção, o que remete aos aspectos positivos da experiência humana (DIAS, 2005).

O estresse é definido como um desequilíbrio substancial entre a demanda e a capacidade de resposta, sob condições em que a falha em satisfazer aquela demanda tem importantes conseqüências, um conjunto de reações orgânicas e psíquicas de adaptação que o organismo emite quando é exposto a qualquer estímulo que o excite, irrite, amedronte ou lhe proporcione grande prazer. Em geral, quanto mais importante for um evento (demanda) mais vai gerar estresse, conseqüentemente quanto maior o grau de incerteza de um indivíduo em relação a um resultado ou a sentimentos e avaliações de outros, maior a ansiedade-estado e o estresse, visto que a ansiedade é um processo estritamente relacionado com o estresse, quando um determinado nível

de estresse é avaliado como ameaçador, provoca uma reação de estado de ansiedade de magnitude quantificável (MARQUES, 2005; WEINBERG e GOULD, 2001).

Dias (2005) coloca ainda que o estado emocional e motivacional do atleta pode gerar diferentes respostas relacionadas com a tarefa. Algumas respostas são consideradas relevantes, ou seja, que facilitam o desempenho do atleta, e outras consideradas ainda irrelevantes. Ambas podem ser de natureza cognitiva, fisiológica ou comportamental, sendo que o equilíbrio entre elas irá afetar e influenciar decisivamente o rendimento e o desempenho dos atletas. Determinada situação (estressor) é percebida como perigosa ou não, representando um determinado grau de perigo físico ou psicológico, a reação ao estressor depende da percepção e avaliação que o indivíduo faz deste (MARQUES, 2005).

Marques (2005) apresenta alguns modelos de gestão de estresse desenvolvidos por autores que se destacam nesta área: Meichenbaum (1985) desenvolveu o “*Treino de Inoculação de Estresse*” (SIT), um modelo que possibilita aos atletas a introdução de estratégias cognitivas que os preparam para utilizarem construtivamente as respostas psicológicas e fisiológicas ao estresse na busca de um melhor desempenho. O objetivo principal desse modelo é desenvolver e favorecer os recursos de *coping* do atleta, para que suas respostas ao estresse sirvam de estratégias mobilizadoras.

Outro modelo de gestão de estresse conhecido é chamado de “*Pesquisa Comportamental Visuo-Motora*” (MVBR), desenvolvido por Suinn (1972), em que é pedido aos atletas para visualizarem o seu desempenho sem erros. Segundo o autor, essa estratégia capacita os atletas a se prepararem para a competição e evitarem os erros, através da pesquisa de respostas corretas para cada momento. Este modelo fornece aos atletas uma sensação de já terem tido sucesso, capacitando-os para avaliar o desempenho, nunca excedendo as suas capacidades percebidas (citado em MARQUES, 2005).

A partir do momento em que atletas de elite entram em uma competição estão expostos a vários estressores que podem ter efeito negativo sobre o seu desempenho. Saber se o estresse é percebido, no entanto, varia de atleta para atleta, e uma variável que afeta

a percepção do estresse, e as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com o estresse percebido, é a concretização da meta do atleta. O modo como as pessoas lidam com o estresse tem sido assunto de interesse na Psicologia nas últimas três décadas (PENSGAARD e ROBERTS, 2003).

A competição esportiva impõe ao atleta exigências físicas e psicológicas, sendo que uma das principais competências a se levar em conta está relacionada com a autorregulação emocional do atleta em função da situação de competição. Este conjunto de competências é também conhecido por estratégias de *coping* (BARREIROS, 2005). O *coping* é a forma como os atletas tentam lidar com vários tipos de exigências, tais como lesões, quebras de rendimento, gestão do tempo ou expectativas deles próprios e dos outros, constitui um fenômeno psicológico complexo, determinado e passível de ser planejado, diretamente relacionado com o plano emocional; é um processo, não um traço da personalidade (BARREIROS, 2005; DIAS, 2005).

Já o *coping* pode ser definido de duas maneiras, a primeira como uma reação positiva a um resultado esperado e a outra como uma estratégia independente do resultado. Folkman e Lazarus (1988) o descreve como uma mudança cognitiva constante e um esforço comportamental para controlar demandas específicas externas e/ou internas que são avaliadas como exigindo demais ou excedendo a capacidade da pessoa.

Antoniuzzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998) descrevem o *coping* como o conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas. Os esforços despendidos pelos indivíduos para lidar com situações estressantes, crônicas ou agudas, têm se constituído em objeto de estudo da psicologia social, clínica e da personalidade, encontrando-se atrelado ao estudo das diferenças individuais. Uma visão *Psicanalítica* do *coping* o descreve como um processo inconsciente de defesa que permite ao organismo gerir o instinto, o afeto e o estresse. Nesta visão, o altruísmo, a sublimação e o humor são considerados formas maduras de *coping*, que permitem ao indivíduo lidar com o estresse (MARQUES, 2005).

O *coping* é visto pela *Perspectiva disposicional/traço* como um traço de personalidade que permite ao indivíduo lidar com o estresse de uma forma mais ou menos eficaz,

porém os vários problemas que tem surgido na pesquisa da personalidade do esporte em geral afetam este modelo. Já a *Perspectiva transacional-processo* define o *coping* como todos os esforços cognitivos e comportamentais do indivíduo para lidar com as exigências específicas internas e/ou externas, que são avaliadas como excedendo os seus recursos (FOLKMAN e LAZARUS, 1988; MARQUES, 2005).

Sobre *coping*, é importante esclarecer dois conceitos existentes, distinguir entre o que os pesquisadores denominam de *estratégias de coping* e *estilos de coping*. Em uma primeira visão os *estilos de coping* estão mais relacionados a características de personalidade, enquanto as *estratégias de coping* se referem a ações cognitivas ou de comportamento tomadas no curso de um episódio particular de estresse (ANTONIAZZI, DELL'AGLIO e BANDEIRA, 1998).

De acordo com Carver e Scheier (1994) os *estilos de coping* não são definidos em termos de preferência de um aspecto de *coping* sobre outros, mas em termos de tendência a usar uma reação de *coping* em maior ou menos grau, frente a situações de estresse. Entretanto, os *estilos de coping* não necessariamente implicam a presença de traços de personalidade que predispõem a pessoa a responder de determinada forma, mas sim podem refletir a tendência a responder de uma forma particular quando confrontados com uma serie específica de circunstâncias. Já as *estratégias de coping* são vinculadas a fatores situacionais e Folkman e Lazarus (1988) enfatizam o papel assumido por elas, e que as mesmas podem mudar de momento para momento, durante os estágios de uma situação estressante, assim, as *estratégias de coping* refletem ações, comportamentos ou pensamentos usados para lidar com um estressor.

Historicamente, três gerações de pesquisadores são destacadas no estudo do *coping*. Os pesquisadores vinculados à Psicologia do Ego descrevem o *coping* como correlato aos mecanismos de defesa, motivado interna e inconscientemente como forma de lidar com conflitos sexuais e agressivos; para esta primeira geração de autores o estilo de *coping* utilizado pelos indivíduos era concebido como estável, numa hierarquia de saúde *versus* psicopatologia (ANTONIAZZI et al., 1998). A partir da década de 60, a segunda geração de autores apresentou uma nova perspectiva com relação ao *coping*,

buscando enfatizar os comportamentos de *coping* e seus determinantes cognitivos e situacionais. Assim o *coping* passou a ser conceitualizado como um processo transacional entre a pessoa e o ambiente, com ênfase no processo (FOLKMAN e LAZARUS 1988). Já a terceira geração se voltou para o estudo das convergências entre o *coping* e a personalidade, sendo que os traços de personalidade mais amplamente estudados, que se relacionam às estratégias de *coping*, são otimismo, rigidez, auto-estima e *locus* de controle.

Marques (2005) coloca que é importante reconhecer que não é suficiente descrever o *coping* e desenvolver estratégias de avaliação do *coping*, é necessário determinar como é que o *coping* influencia o estresse e as respostas apresentadas pelos indivíduos, porém a avaliação da eficácia do *coping* não é uma tarefa tão fácil quanto se imagina. Uma das maiores dificuldades dessa investigação diz respeito à existência de vários comportamentos específicos do *coping* que podem ser exibidos como resposta à uma dada situação estressante, e que ainda variam de indivíduo para indivíduo mesmo frente a um mesmo estressor.

Duas dimensões funcionais do *coping* são apresentadas e discutidas por alguns autores (ANTONIAZZI et al., 1998; DIAS, 2005; FOLKMAN e LAZARUS, 1988) que são, o *coping* centrado no problema (CCP) e o *coping* centrado na emoção (CCE). Duas dimensões que se influenciam mutuamente no decorrer de uma situação estressante. O primeiro tipo (CCP) inclui comportamentos específicos como a aceitação da responsabilidade, a planificação de uma solução para o problema, empregar competências de gestão do tempo, ato controle, aumento do esforço, focalização no problema; qualquer uma dessas estratégias permite ao atleta controlar a situação desagradável (ANTONIAZZI et al., 1998; DIAS, 2005; FOLKMAN e LAZARUS, 1988).

Já a segunda dimensão (CCE) engloba a regulação das respostas emocionais que resultam do problema que causa estresse ao indivíduo, envolvendo atividades puramente cognitivas que não alteram a relação real com o envolvimento, mas sim a forma como esta é percebida. O *coping* centrado no problema é mais utilizado pelas pessoas quando se deparam com uma situação que não é passível de mudança. Entre

alguns dos comportamentos apresentados estão o distanciamento, o desvio da atenção, a fuga-evitação, esforços cognitivos para modificar o significado da situação, a procura por apoio social, religioso ou espiritual, relaxamento, entre outros (DIAS, 2005; FOLKMAN e LAZARUS, 1988).

Marques (2005) apresenta ainda outra classificação de Endler e Parker (1990), em que adicionam, a essas duas dimensões anteriores, uma terceira chamada de *evitação do coping*, que está relacionado com os esforços de desligamento físico ou mental da situação estressante. O autor apresenta ainda o modelo de Cox e Ferguson (1981) que acrescentaram a essas três, mais uma dimensão, a categoria de avaliação, que integra os esforços para avaliação ou re-avaliação do problema estressante ou da situação que o indivíduo encara.

Em termos de pesquisa, as investigações do *coping* na Psicologia em geral têm aumentado desde a década de 80, com o surgimento de testes específicos para a identificação das estratégias de enfrentamento utilizadas por atletas para superar uma dificuldade ou situação desagradável. Entretanto as pesquisas não se baseiam apenas em testes, muitos autores realizaram e continuam a realizar pesquisas de caráter qualitativo, em que através de entrevistas são identificadas as estratégias utilizadas por cada atleta. Marques (2005) atenta para o fato de que as investigações sobre o *coping* estão focadas mais nos esportes individuais e pouca atenção é dada às potenciais diferenças na percepção de estresse e *coping* entre os atletas de esportes individuais e coletivos.

A maioria dos estudos realizados sobre *coping* referem-se à construção de instrumentos de medida. Embora muitos anos de desenvolvimento teórico e pesquisa tenham se passado, e uma grande variedade de inventários e checklists tenham sido desenvolvidos, não chegaram, ainda, a um entendimento compreensivo da estrutura do *coping*. Porém, algumas pesquisas têm buscado relacionar os processos de *coping* com adaptação ao *stress* durante a infância e adolescência. Estes trabalhos têm investigado, mais especificamente, o *coping* relacionado a apego e separação durante a infância, suporte social, resolução de problemas interpessoais e cognição, *coping* em

contextos aquisitivos, resiliência e invulnerabilidade ao *stress*, regulação da emoção, temperamento entre outros (FLETT, HEWITT e ROSA, 1996).

Pesquisa de Giacobbi Jr. e Weinberg (2000), revelou que atletas que apresentavam alta ansiedade traço respondiam às situações estressantes usando diferentes comportamentos de *coping*, o contrario ocorrendo com os atletas com baixa ansiedade traço, que utilizavam apenas um comportamento, mais definido. Em uma pesquisa com atletas olímpicos, Pensgaard e Duda (2000) relataram que em geral, os atletas sentiam emoções otimistas muito freqüentemente. Emoções otimistas eram relacionadas com o uso efetivo de estratégias de *coping*, enquanto surgiam como um positivo preditor de resultados objetivos a competição. Ainda em pesquisa com atletas campeões olímpicos, Gould et al. (2002) confirmaram que estes atletas apresentavam elevados índices de confiança, despreocupação, formulação de objetivos, preparação mental e concentração.

No Brasil, os estudos sobre as estratégias de *coping* ainda são escassos, alguns estudos tem buscado investigar o *coping* e suas relações com situações de estresse e aspectos psicopatológicos. Assim, novos estudos sobre *coping* são necessários, através de trabalhos teóricos e principalmente empíricos, que contribuam para a criação de programas de intervenção e políticas sociais adequadas à população brasileira.

3.4 O Papel do Perfeccionismo no Desenvolvimento Atlético

Na literatura da Psicologia Geral, o perfeccionismo é tradicionalmente visto como um traço permanente de personalidade. No entanto, existem inúmeras definições de perfeccionismo na literatura, teóricos concordam que a fixação de padrões de alto rendimento é um elemento central da construção, estas normas podem ser avaliadas de acordo com fatores intrapessoais e critérios interpessoais, conseqüentemente o perfeccionismo é visto por muitos pesquisadores como um constructo multidimensional (DUNN et al., 2006).

Atletas de elite se diferem dos demais atletas por apresentarem alta auto-estima, pensamentos mais positivos, estratégias de *coping* mais efetivas para controlar a

ansiedade e lidar com as distrações e os erros, melhor concentração, e menor ansiedade. Outros atributos e habilidades mentais que são relacionados ao desempenho superior desses atletas são o bom desenvolvimento de rotinas competitivas e planos, altos níveis de motivação e comprometimento, auto-regulação da excitação, estabelecimento de metas, visualização mental. As habilidades mentais têm um importante papel no desempenho de atletas de elite e no enfrentamento de estressores que acompanham o esporte de alto nível (VOOGD, 2007). Os estudos de Weinberg e Gould (2001) mostraram que os atletas que obtiveram sucesso mencionaram utilizar mais frequentemente a preparação mental e a importância de aderir às rotinas de preparação mental do que atletas com menos sucesso, relatando que isso seria a chave para o sucesso.

Entretanto, Frost et al. (1990) citam que apesar da literatura do perfeccionismo ter se concentrado na elucidação do perfeccionismo em relação à psicopatologia, o termo perfeccionismo ainda não está claramente definido, sendo que as primeiras tentativas de se definir este termo foram para provar que o perfeccionismo teria uma natureza unidimensional, já os estudos mais recentes tem se aproximado muito de uma abordagem multidimensional. Na última década, tem aumentado o interesse pelo constructo do perfeccionismo e sua possível relação com diversas situações psicopatológicas, incluindo a patologia do comportamento alimentar e fenômenos obsessivo-compulsivos (SOARES, GOMES, MACEDO, SANTOS e AZEVEDO, 2003).

Por outro lado, pesquisas alternativas centraram-se sobre uma abordagem diferente, em que o perfeccionismo pode desempenhar um papel saudável. Comportamentos perfeccionistas diferem em grau e intensidade, os estudos estão fornecendo apoio à dupla natureza do perfeccionismo (normal e neurótico, satisfeito e insatisfeito, adaptativo e mal adaptativo) (HAASE e PRAPAVESSIS, 2004). Flett e Hewett (2002) colocam que não existe uma simples definição de perfeccionismo, sendo geralmente considerado como sendo disposição multidimensional da personalidade.

O perfeccionismo é caracterizado pelo estabelecimento de padrões excessivamente elevados de desempenho, acompanhado por uma tendência excessivamente crítica da

avaliação de um determinado comportamento (FROST et al., 1990). Estes autores consideram o perfeccionismo como sendo multidimensional, o aspecto central do perfeccionismo que distingue o perfeccionismo positivo do perfeccionismo negativo é que as pessoas que apresentam características negativas de perfeccionismo têm a tendência a ser exageradamente críticas quanto ao seu próprio desempenho. Perfeccionistas negativos são impulsivos pelo medo de falhar ao invés de serem impulsionados à alcançar algo, apresentando assim uma auto-avaliação negativa e uma necessidade de aprovação externa como o constructo central do perfeccionismo negativo. Já entre as características positivas relacionadas ao perfeccionismo estão um alto padrão de desenvolvimento e alto sentimento de organização (VOOGD, 2007).

Apesar de os modelos teóricos apresentarem o perfeccionismo como tendo várias dimensões, estudos tem consistentemente encontrado que o conteúdo das medidas é definido por apenas dois fatores. O primeiro fator, conhecido por perfeccionismo mal adaptativo reflete as dúvidas e as preocupações sobre suas decisões e a percepção das expectativas que os outros têm sobre seu desempenho. O segundo fator, o perfeccionismo adaptativo, reflete a aderência a um conjunto de normas em relação aos níveis de realização em vários domínios de sua vida. O perfeccionismo mal adaptativo é ligado a problemas de saúde mental, enquanto o perfeccionismo adaptativo é relacionado a estratégias de *coping* efetivas (PAGE, BRUCH E HAASE, 2008).

De acordo com Burns (1983) o perfeccionismo pode ser definido como uma rede de cognições, incluindo expectativas e interpretações de eventos e avaliações de si mesmo e de outros, caracterizado por um ambiente de padrões irreais, rígidos e indiscriminada participação a estes e a equação de seu próprio valor e desempenho, assim perfeccionismo diz respeito à definição e a continuação dos altos padrões de desempenho pessoal, em qualquer área da vida.

Hamachek (1978) propôs dois tipos de orientação perfeccionista, uma orientação ajustada, também chamada de perfeccionismo normal, saudável ou positivo; e uma orientação de caráter disfuncional, neurótica, também conhecida como perfeccionismo desajustado ou negativo. Indivíduos com perfeccionismo ajustado possuem padrões de

realização pessoal muito elevados, sentem uma forte necessidade por alcançar o sucesso e são altamente motivados para dar o seu melhor em tarefas nas quais estão envolvidos ou comprometidos. Por outro lado, as pessoas que apresentam características de um perfeccionismo desajustado são motivadas por uma necessidade tremenda de evitar o insucesso, percebendo o envolvimento como uma ameaça e não como uma fonte de suporte social.

Assim, como Hamachek (1978), o modelo influente do perfeccionismo de Hewitt e Flett (1991) diferencia duas formas de perfeccionismo: o perfeccionismo auto-orientado e o perfeccionismo socialmente prescrito. A primeira forma compreende as crenças de que se esforçando para chegar à perfeição e ser perfeito são fatores importantes e são caracterizados por ajustar excessivamente altos padrões e ter uma motivação perfeccionista para si próprio. A segunda compreende as crenças de que os outros têm altas normas para si próprio e que a aceitação pelos outros é condicionada ao cumprimento dessas normas.

Outra abordagem utilizada para definir o perfeccionismo (FROST, et al., 1990) considera que o perfeccionismo é composto por quatro dimensões que avaliam qualidades individuais, tais como esforço para alcançar altos padrões pessoais, uma necessidade de ordem e organização, uma preocupação com os erros, e um generalizado sentimento de autódúvida sobre algumas ações. Frost et al. (1990) afirmam também que duas dimensões interpessoais que medem as elevadas expectativas parentais e o excessivo criticismo parental ainda definem o constructo, embora alguns tem sugerido que estas dimensões são antecedentes da alienação ao invés de características definidoras (HALL, KERR, KOZUB e FINNIE, 2007).

Voogd (2007) acredita ser importante entender o papel do perfeccionismo no esporte porque elevados níveis de perfeccionismo entre atletas tem sido associados com uma variedade de correlações, afetivas, cognitivas e comportamentais incluindo estado de ansiedade pré-competitiva, traços de agressividade competitiva, baixa auto-estima e *burnout*. Entretanto, enquanto o perfeccionismo tem sido estudado largamente na

literatura da Psicologia Geral, o estudo do perfeccionismo no esporte tem recebido pouca atenção.

Enquanto traço de personalidade de natureza multidimensional, o perfeccionismo tem merecido atenção de vários estudos no campo da Psicologia Social ao longo de duas décadas (FLETT, HEWITT e ROSA, 1996). Assim, os estudos têm investigado o perfeccionismo em associação com a perturbação mental, as relações parentais e a auto-estima, o estresse e estratégias de *coping*, entre outros (BARREIROS, 2005).

Mais especificamente no âmbito esportivo, o perfeccionismo tem sido analisado em atletas de elite em relação à psicopatologia, especificamente com transtornos alimentares, problemas de desempenho em competições e ansiedade traço. Os atletas estão constantemente em busca da perfeição, focando internamente em sua resistência física e mental para alcançar resultados perfeitos, e vivem em constante pressão de fatores externos altamente estressantes, tais como a competição, o técnico, colegas e família. Devido a isso, Haase e Prapavessis (2004) colocam que quando ocorre a falha, conseqüências trágicas e comportamentos compensatórios podem suceder, emergindo como forma de ansiedade, depressão ou transtornos alimentares em resposta para tentar manter ou alcançar a perfeição.

Voogd (2007) cita várias formas que os autores utilizam para definir o perfeccionismo positivo e o negativo. O perfeccionismo positivo pode ser chamado por alguns de perfeccionismo favorável, perfeccionismo adaptativo, perfeccionismo normal, perfeccionismo positivo e perfeccionismo saudável. Já as formas negativas de perfeccionismo também são chamadas de perfeccionismo desfavorável, perfeccionismo mal adaptativo, perfeccionismo neurótico, perfeccionismo patológico, perfeccionismo negativo e perfeccionismo não-saudável.

Segundo Hall et al. (2007) o tipo de perfeccionismo é relacionado com o tipo de motivação, em outras palavras, a orientação para a tarefa e o perfeccionismo adaptativo estão relacionados, assim como a orientação para o ego e o perfeccionismo mal adaptativo. Indivíduos orientados para a tarefa tentam melhorar os padrões que definem para si próprios, e pessoas que apresentam características do perfeccionismo

adaptativo também têm esses comportamentos positivos. Entretanto, indivíduos orientados para o ego relacionam o sucesso a padrões normativos; pessoas com características do perfeccionismo mal adaptativo relacionam o sucesso à aprovação de outros e por isso também a padrões normativos. Os autores afirmam ainda que fatores motivacionais mostram um importante papel no estabelecimento de metas para atingir a realização pessoal.

Em uma amostra de 105 estudantes, que responderam a *Multidimensional Perfectionism Scale*, o estudo de Flett et al. (1996) demonstrou correlação entre os dados, ou seja, perfeccionismo socialmente prescrito estava associado com uma variedade de problemas psicossociais ajustados, incluindo maior solidão, timidez e medo de uma avaliação negativa, e baixos níveis de auto-estima social. Além disso, estudantes com perfeccionismo socialmente prescrito tiveram menos auto-percepção de suas habilidades sociais.

Em relação ao perfeccionismo auto-orientado, Hewitt, Caelian, Flett, Sherry, Collins e Flynn (2002) e Saboonchi e Lundh (1997) relataram que este era significativamente associado com depressão e ansiedade, considerando que o perfeccionismo socialmente prescrito era significativamente correlacionado com depressão, ansiedade, estresse social e raiva.

As pesquisas de Stoeber e Stoeber (in press) indicaram que em vários domínios, sujeitos perfeccionistas são internamente motivados e não externamente motivados, além disso, os autores mostraram que, enquanto alguns perfeccionistas podem ser perfeccionistas em vários domínios, muitos perfeccionistas são perfeccionistas apenas em domínios selecionados.

3.5 Família e Outros Fatores que Influenciam na Carreira Esportiva

Para que o atleta alcance os mais altos níveis de excelência esportiva, depende de muitas variáveis, mas é difícil determinar o papel de cada uma delas e como estas vão influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento desse indivíduo. Entretanto, a idéia de que a carreira dos atletas deve ser fruto de um planejamento extremamente

minucioso, é consenso entre os profissionais da área. Estas questões inerentes ao planejamento da carreira atlética estão diretamente relacionadas ao percurso do jovem atleta e envolvem, entre outros fatores, o treinamento, as competições e a influência que a família exerce sobre os filhos.

Além dos treinamentos, das competições, da influência dos técnicos e da família, Csikszentmihalyi et al. (1993) afirmam que as características individuais ajudam a determinar se uma pessoa irá ou não irá desenvolver seu talento. Os autores colocam ainda que é a organização psíquica, e não a família, as formas de treinamento ou as competições que ressaltam o desenvolvimento do talento, sendo que a principal função da família é em ajudar na forma dessa organização psíquica.

De acordo com Böhme (1995) as características que devem ser consideradas no processo de determinação de um talento esportivo são complexas e englobam diferentes fatores constitucionais, sociais, físicos e psicológicos, e ainda da dependência da capacidade de desempenho da idade biológica do atleta, que deve ser considerado como critérios de desempenho no diagnóstico ou determinação da aptidão do indivíduo a ser avaliado como provável talento esportivo. As características de ordens constitucionais e sociais são as mais fáceis de mensurar, através de medidas e questionamentos, apesar de que os fatores da área social possam modificar-se rapidamente.

Considerando o ambiente, as relações sociais e o tempo de prática, o contexto do esporte competitivo no estudo de Vieira (1999a) sobre talentos esportivos, tendo como suporte teórico a Teoria dos Sistemas Ecológicos de Bronfenbrenner, o autor considerou os seguintes parâmetros contextuais: *microssistema*, *mesossistema*, *exossistema* e *macrossistema*. Os dois primeiros níveis englobam a modalidade esportiva e a família, ou seja, os ambientes nos quais o talento esportivo está inserido (microssistema); e as relações entre os ambientes do primeiro nível, por exemplo, modalidade esportiva-família caracterizam o mesossistema. Já os ambientes que influenciam os microssistemas, mas no qual o talento não está inserido compõem o exossistema é composto por secretarias de esporte, federações, patrocinadores e

outras instituições que estruturam a modalidade esportiva; e por fim o macrosistema, que representa os valores e as crenças da cultura na qual o talento está inserido e que de alguma forma contribuem para a permanência ou o abandono do envolvimento com o esporte competitivo de rendimento (VIEIRA, VIEIRA e KREBS, 2003).

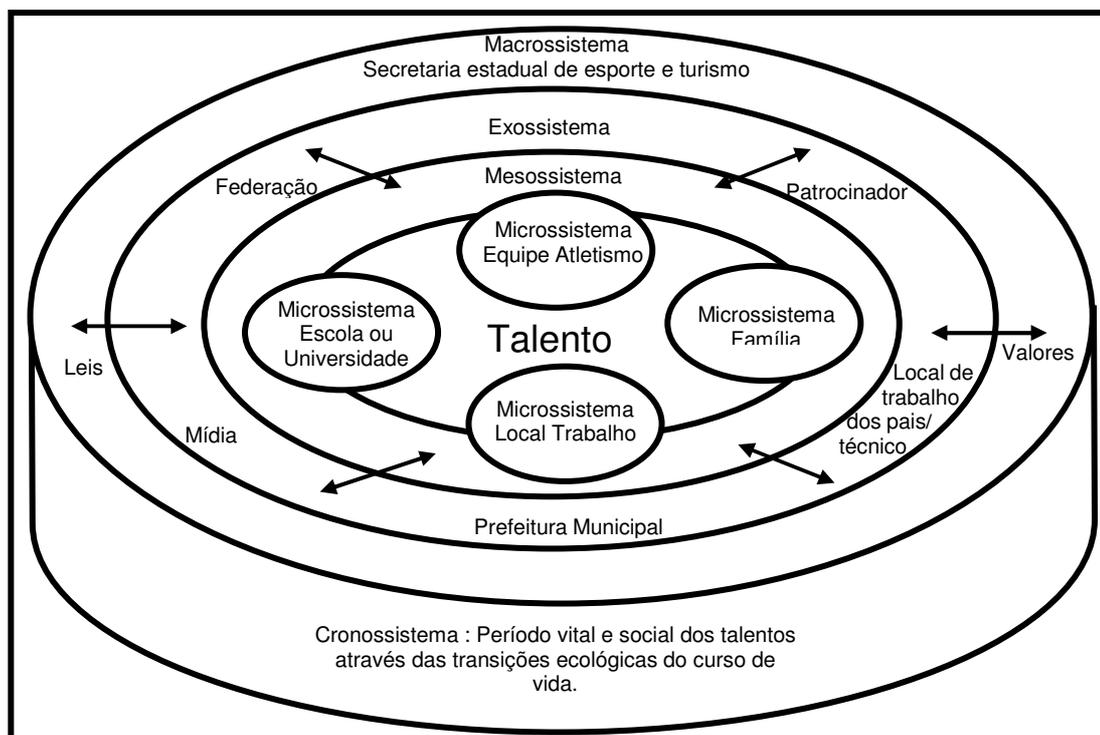


Figura 2 - Mapa ecológico dos talentos esportivos (VIEIRA, 1999a).

Mesmo levando em conta os parâmetros da perspectiva desenvolvimentista, um critério de seleção cada vez mais utilizado para descrever um atleta como talento ou não talento esportivo é o seu desempenho em competições, pois através dele é possível verificar o nível de desenvolvimento esportivo, físico, técnico e tático, em interação com a personalidade (aspectos psicológicos) do atleta, podendo dessa forma ser observado o resultado individual dentro do perfil de exigências requerido para a modalidade (LANARO FILHO e BÖHME, 2001). Seguindo essa lógica, Orlick (2000) evidencia que não seriam as qualidades físicas e técnicas, mas sim a preparação mental que poderia predizer o sucesso a nível olímpico. O autor identificou algumas características que eram comuns a campeões olímpicos e mundiais, estes atletas demonstraram forte compromisso com o treino e a competição, estabelecendo objetivos muito claros para

atingir o sucesso, de tal maneira que suas carreiras esportivas eram os seus projetos de vida mais importantes.

Apesar das características individuais de cada atleta, a expressão ou a confirmação do talento implica também em um forte empenho na preparação esportiva, mas que não se realiza sem um conjunto de condições sociais que suportam o envolvimento das crianças e jovens no esporte e na preparação esportiva visando o alto rendimento. Neste caso o ambiente familiar e o empenho dos pais para a experiência esportiva dos filhos parece ser uma dessas principais condições sociais (VIEIRA e VIEIRA, 2001). As famílias afetam os jovens de inúmeras maneiras, elas diferem enormemente em relação aos valores, ao tipo de modelos fornecidos, e também diferem no grau com que fornecem aos jovens oportunidades de se identificarem com indivíduos bem sucedidos. Howe (1999) acrescenta a isso que alguns jovens obtêm sucesso apesar de aparentemente terem vivido em circunstâncias desfavoráveis, e outros falham apesar de suas famílias terem lhes proporcionado todas as condições e ambientes estimulantes.

Estudos demonstram o papel crucial dos pais no desenvolvimento atlético dos jovens, especialmente durante os anos iniciais de experimentação e nos anos de especialização dos atletas. Segundo Côté (1999) e Durand-Bush e Salmela (2002) afirmam, estes estudos demonstram que quando os atletas recebem um apoio apropriado dos pais, especialmente na infância, há o enriquecimento da participação dos mesmos possibilitando grandes experiências e permanência no esporte. Howe (1999) cita duas formas existentes pelas quais a família influencia os jovens, a primeira é fornecendo estímulos, ou seja, estimulando os jovens a estudar, demonstrando a importância da educação, e a outra é fornecendo estrutura e suporte, isto porque em um grupo de jovens igualmente inteligentes e com futuro promissor alguns obtêm mais sucesso do que outros, visto que passam mais tempo se dedicando aos estudos do que outros.

O jovem atleta precisa de apoio e suporte para iniciar sua carreira esportiva e vencer na vida com confiança e segurança, sendo que todo esforço que o atleta jovem ou adulto

necessita dispensar será baseado na confiança que sua família deposita no seu potencial (DOUGLAS e ARAUJO, 2004). No contexto esportivo a família é considerada a influência mais importante da vida de um atleta, começando por criar um envolvimento e experiências emocionais que permitam desenvolver a identidade, as autopercepções e as características motivacionais. Assim, os pais são os principais responsáveis pela iniciação dos filhos na participação esportiva, pela ajuda na manutenção do seu envolvimento no contexto esportivo, mas também pelo papel que desempenham no seu desenvolvimento, pelo ajustamento dos comportamentos às diferentes etapas e transições implícitas a este processo (BARREIROS, 2005).

Da mesma opinião, Carravetta (2001) coloca a família como base e o principal centro para a formação e o desenvolvimento de atletas de futebol, sendo ela, ao lado da escola, uma das principais instituições que definem a formação e a orientação profissional, o papel de casa, alterado no decorrer do tempo, como as qualidades e qualificação dos professores, parecem ser fundamentais (BLOOM, 1985). A origem familiar é muito variável e por isso são encontradas as mais diversas combinações em relação aos códigos morais, às normas, à organização, aos costumes e aos valores. É no seio familiar também que interiorizam a motivação para a prática do esporte, através da aprovação e do entusiasmo transmitido pelos seus responsáveis, sendo que o apoio da família na formação do jogador pode ser fundamental, na dimensão afetiva, na socialização com o novo grupo, nos enfrentamentos de desafios físicos, técnicos e táticos, no preparo para vencer desafios externos, da mídia e da torcida, além da construção de uma conduta de cidadão consciente de seus direitos.

Um estudo de Côté (1999) sobre os padrões da dinâmica da família para o desenvolvimento de jovens remadores contribuiu para uma visão geral do comportamento dos pais, no desenvolvimento do potencial de seus filhos em diferentes fases. O autor apresentou três estágios de participação esportiva: 1) *anos de experimentação* (6 a 13 anos); 2) *anos de especialização* (13-15 anos); e 3) *anos de investimento* (15 anos em diante). No primeiro estágio, *anos de experimentação*, os pais introduzem os filhos no esporte com ênfase no divertimento, euforia e agitação, sendo que as características da dinâmica familiar nesse estágio são de que os pais

proporcionem oportunidades para seus filhos gostarem de esporte, reconhecendo também um “dom” na criança.

O estágio *anos de especialização* é marcado pelo crescente interesse e comprometimento com o esporte, em que os pais enfatizam a produção na escola e no esporte, investindo tempo e dinheiro, e as crianças começam a concentrar sua atenção em uma ou duas atividades esportivas específicas. Já no último estágio, *anos de investimento*, ocorre um aumento do compromisso dos filhos e pais demonstrando grande interesse e suporte para superar as dificuldades da progressão do treinamento. Os elementos mais importantes neste estágio são o desenvolvimento da estratégia, da competitividade e de habilidades características do esporte (CÔTÉ, 1999, VIANNA JUNIOR, 2002).

Esse envolvimento dos pais no esporte, segundo Hellstedt (1990), é um *continuum* que vai do subenvolvimento ao envolvimento moderado e, por fim ao superenvolvimento. O autor define o subenvolvimento como uma relativa falta de comprometimento emocional, financeiro ou funcional dos pais, que tem como indicativos a falta de comparecimento a jogos e eventos; pouco envolvimento em atividades voluntárias e pouquíssimo contato com os treinadores. No envolvimento moderado, considerado pelo autor como sendo o ideal, os pais são firmes em suas orientações, dando suporte e ajudando os filhos a estabelecerem metas realísticas, além de serem financeiramente participativos. E por último o superenvolvimento ocorre quando os pais excedem em sua participação na vida esportiva dos filhos, não sabendo separar seus próprios desejos, fantasias e necessidades daquelas dos seus filhos.

Entretanto, autores como Csikszentmihalyi et al. (1993) acrescentam que um talento em potencial pode facilmente ser desviado de seu curso natural se as experiências da criança forem escassas, conflitivas, ou negligenciadas por parte dos seus pais. Pais de crianças que mostram sinais de talento em uma das artes geralmente desencorajam seus filhos a entrarem em um campo que em sua cultura ofereça pouca recompensa material. Portanto, para que uma criança se desenvolva no esporte e possa demonstrar

suas capacidades atléticas, o suporte familiar, tanto em termos psicológicos como materiais, são essenciais (VIEIRA, 1999b).

No Brasil, a participação e influencia dos técnicos e, principalmente dos pais parece ser muito diferente da realidade geralmente encontrada nas pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa, como por exemplo, no futebol brasileiro, em que os atletas iniciam o treinamento, muitas vezes, de forma não estruturada, mudam-se para as grandes cidades e passam a ter um contato com os pais cada vez menos freqüente (MORAES, RABELO e SALMELA, 2004). Essa mudança muitas vezes pode acarretar o abandono da prática esportiva, talvez os atletas percam o interesse pela área porque já não estão aptos a manter a habilidade exigida, porém programas de treino psicológico são necessários para saber se existe um estado psicológico característico que permita aos atletas alcançarem seu melhor rendimento (DURAND-BUSH e SALMELA, 2002; GOULD, DIEFFENBACH e MOFFETT, 2002).

O maior dogma da Psicologia Esportiva é que as habilidades psicológicas são importantes determinantes do desempenho esportivo, e considerável ênfase tem sido dada para identificar relevantes habilidades e instruir consultores, técnicos e atletas em como ensinar, aprender e aplicar essas habilidades (SMITH, SCHUTZ, SMOLL e PTACEK, 1995). Há duas razões fundamentais para que os jovens possam dedicar uma boa quantia de energia psíquica para desenvolver seu talento. A primeira inclui as recompensas intrínsecas, que são a brincadeira, a diversão e curiosidade; já a segunda consiste nas recompensas extrínsecas, que incluem premiação em competições, dinheiro, status, ou algum outro incentivo para executar uma ação que é externa à sua própria ação (CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993).

Moraes et al. (2004) constataram que os pais dos atletas estudados tinham pouco envolvimento nos treinamentos e competições, não alterando sua rotina familiar em função do acompanhamento atlético dos filhos, entretanto esse pouco envolvimento não prejudicou o progresso dos filhos pois estes praticavam futebol livremente.

A presença dos pais nas competições pode em algumas situações ser interpretado pelos filhos como um fator de pressão, que em altos níveis é prejudicial ao desempenho

dos atletas, entretanto, em níveis adequados, essa presença promove reações positivas, ajudando-os a desempenhar bem suas funções (HELLSTEDT, 1990).

Kay (2000) realizou pesquisa com famílias de jovens atletas entre 12 e 20 anos com o objetivo de analisar a forma como a dinâmica familiar influenciou a carreira atlética dos jovens, e confirmou o papel decisivo que a família assume no desenvolvimento dos jovens atletas identificando duas razões pelas quais a dinâmica familiar se adapta às exigências que o suporte familiar impõe. A primeira razão gira em torno do financeiro, fator referido por todas as famílias como tendo impacto significativo na vida familiar e a segunda situa-se nas conseqüências que o apoio ao jovem atleta tem no estilo de vida, nomeadamente nos efeitos que trás para cada elemento.

O futebol é para os brasileiros, mais do que um esporte: é uma paixão que faz parte da cultura, e vem sendo praticado de várias formas, em locais oficiais e improvisados, por pessoas de todas as classes sociais, e também atualmente, as mulheres estão praticando. Assim, estudos com atletas de futebol devem ser realizados com o intuito de entender melhor a rota de sucesso dos jovens atletas, especialmente sobre os fatos relacionados à extensão que o papel da família pode ter no contexto do desenvolvimento de atletas no âmbito do futebol.

4 MÉTODOS

4.1 Caracterização do Estudo

Este estudo teve características de uma pesquisa descritiva tipo correlacional, pois visa descrever as características de determinado grupo de sujeitos (THOMAS e NELSON, 2004). O estudo teve a aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá sob o Parecer N^o 085/2008 (ANEXO A).

4.2 População Alvo

A população total de sujeitos do estudo era de 182 atletas, sendo que todos participaram da pesquisa.

Os sujeitos do estudo foram divididos em duas categorias: Atletas profissionalizados e não-profissionalizados (da região Norte Central Paranaense) de uma equipe de futebol paranaense, com idade entre 12 e 18 anos.

Grupo A: 63 atletas profissionalizados de uma equipe do estado do Paraná que disputa a 1^a Divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, com idade média de 17,59 anos ($\pm 0,77$).

Grupo B: 119 atletas não-profissionalizados que praticam a modalidade apenas em centros de treinamento credenciados pela equipe envolvida, com idade média de 14,01 anos ($\pm 1,53$), e que ainda não haviam sido selecionados para integrarem ao grupo de atletas profissionalizados.

4.3 Instrumentos de Medida

A avaliação da Motivação, das Estratégias de *Coping* e das características do Perfeccionismo foi realizada através de três instrumentos.

Para mensurar a Motivação foi utilizada a *Sport Motivation Scale* – SMS (PELLETIER, FORTIER, VALLERAND, BRIÉRE, TUSON e BLAIS, 1995.) – versão portuguesa (SMSp) adaptada por Serpa, Alves e Barreiros (2004). As características motivacionais foram avaliadas a partir do questionário SMSp, específico do esporte, este instrumento baseia-se na Teoria da Autodeterminação desenvolvida por Deci e Ryan (1985), que apresenta a motivação sobre a perspectiva de um *continuum*, e é composto por 28 itens com uma escala tipo Likert de 7 pontos cada, variando de “discordo totalmente” até “concordo totalmente”. Os resultados são baseados em sete subescalas, que são denominadas Estilos Regulatórios da Motivação: a) amotivação (AM); b) motivação extrínseca regulação externa (MERE); c) motivação extrínseca introjeção (MEINT); d) motivação extrínseca identificação (MEID); e) motivação intrínseca para conhecer (MIC); motivação intrínseca para a realização, ou atingir objetivos (MIR); e motivação intrínseca para experiências estimulantes (MIEE). Os valores de consistência interna confirmados pelos autores (PELLETIER et al., 1995), são considerados satisfatórios (alfas variando entre .63 e .80; M=.75). O valor mais baixo é referente à motivação extrínseca introjetada. Cada subescala contém quatro itens e os valores absolutos registrados em cada um deles são somados e divididos por quatro de forma a obter um valor médio para cada subescala. Pode-se ainda calcular um “Índice de Autodeterminação” que revela se um indivíduo é mais ou menos autodeterminado, através da seguinte fórmula $2*(MIR+MIC+MIEE)/3+MEID-(MEINT+MERE)/2-2*AM$, o qual teoricamente pode variar entre -72 (baixa autodeterminação) e 72 (elevada autodeterminação) (ANEXO B).

Para mensurar as estratégias de *Coping* foi utilizado o *Athletic Coping Skills Inventory-28* – ACSI-28 (SMITH, SCHUTZ, SMOLL e PTACEK, 1995) – versão portuguesa adaptada por Serpa e Palmeira (1997). Instrumento que avalia as estratégias de *coping* ou competências de adaptação psicológica à situação esportiva, composto de 28 itens em uma escala de Likert de 4 pontos, variando de “quase nunca” até “quase sempre”. Os resultados são classificados em sete subescalas que avaliam as seguintes competências psicológicas: a) rendimento máximo sob pressão; b) ausência de preocupações; c) confronto com a adversidade; d) concentração; e) formulação de objetivos; f) confiança e motivação para a realização; e g) treinabilidade ou

disponibilidade para a aprendizagem a partir do treino. Os valores de consistência interna foram considerados adequados pelos autores (alfas variando entre .62 e .78). Cada subescala contém quatro itens e os valores absolutos registrados em cada um deles são somados e divididos por quatro de forma a obter um valor médio para cada subescala; os valores dos itens da escala de preocupações e dois dos itens da escala de treinabilidade (03 e 10) são invertidos. É possível ainda calcular um valor global, denominado “Índice de Confronto no Esporte” através do somatório de todos os itens e da sua divisão pelo número de sub-escalas, obtendo um valor que pode variar entre 0 (baixa capacidade de confronto perante a situação de competição) e 12 (elevada capacidade de confronto perante a situação de competição) (ANEXO C).

Para mensurar as características do Perfeccionismo foi utilizada a *Multidimensional Perfectionism Scale* – MPS (FROST, MARTEN, LAHART e ROSENBLATE, 1990) – versão portuguesa adaptada por Serpa, Alves e Barreiros (2004). Instrumento que visa indicar a capacidade de estabelecer padrões elevados de realização pessoal e auto-avaliação crítica, ou seja, as Características do perfeccionismo, composto por 35 itens em uma escala de Likert de 5 pontos, variando de “discordo plenamente” a “concordo plenamente”. Os resultados são classificados a partir de seis subescalas: a) preocupações com os erros (nove itens); b) padrões de realização pessoal (sete itens); c) expectativas parentais (cinco itens); d) criticismo parental (quatro itens); e) dúvidas na ação (quatro itens); e f) organização (seis itens). Cada subescala é calculada a partir da média do somatório dos itens que a integra, podendo ainda calcular-se um “Índice de Perfeccionismo Global”, a partir do somatório dos valores absolutos dos itens, sendo que este valor poderá variar entre 35 e 175. Os valores de consistência interna são considerados adequados (alfas variando entre .77 e .93). Além do “Índice de Perfeccionismo Global” existem outros 2 tipos de perfeccionismo: 1) *Perfeccionismo ajustado ou normal* quando se encontram elevados valores nas sub-escalas “padrões de realização pessoal” e “organização”. O intervalo de valores possíveis de obter é de 13 a 65, que pode ser associada a uma menor (ex. 13) ou maior (ex. 65) tendência de perfeccionismo ajustado ou normal; e 2) *Perfeccionismo desajustado ou neurótico* quando se encontram elevados valores nas sub-escalas “preocupações com os erros”, “dúvidas na ação” e “criticismo parental”. O intervalo de valores possíveis de obter é de

17 a 85, que pode ser associada a uma menor (ex. 17) ou maior (ex. 85) tendência de perfeccionismo desajustado ou neurótico (ANEXO D).

4.4 Coleta de Dados

Os dados foram coletados através do contato direto com os sujeitos da pesquisa em horários de treinamento previamente agendados para a aplicação dos instrumentos de medida, que foram respondidos de forma individual. Antes da coleta dos dados foi solicitada autorização aos pais ou responsáveis dos atletas (APÊNDICES E, F e G) bem como uma explicação prévia de como proceder no preenchimento das respostas.

O mapa do Paraná abaixo indica as regiões em que foram coletados os dados. Os atletas profissionalizados moravam em Curitiba, e os atletas não-profissionalizados moravam em Londrina e em outras três cidades das regiões Noroeste Paranaense e Norte Central Paranaense.



Figura 3 - Distribuição das escolas de futebol de campo de um clube paranaense participante da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol.

4.5 Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada seguindo parâmetros estatísticos específicos após a verificação de normalidade (teste de normalidade Shapiro-Wilk). Para os três instrumentos avaliados foram utilizados testes estatísticos não paramétricos devido à distribuição de normalidade das subescalas.

Para a análise descritiva foi utilizada a Mediana (medida de tendência central) e Quartis (medida de dispersão). Foram utilizados ainda o Teste Mann-Whitney para comparação dos dados entre os dois grupos e o coeficiente de correlação de Spearman. Para todo o tratamento estatístico foi estabelecido uma significância de 5%.

5 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A literatura em geral trata de análise de características psicológicas existentes em grupos denominados “talentos esportivos” e “não-talentos esportivos”, sendo que o primeiro grupo se caracteriza por indivíduos mais dotados e capazes que outros de utilizar suas potencialidades para realizar feitos superiores em qualquer domínio do conhecimento, neste caso o esporte (MAIA, 2000, MORAES et al., 2004).

Porém, a discussão em torno dos “talentos esportivos” não se remete apenas a identificar quais as características predominantes nos atletas, mas também o processo de identificação e desenvolvimento desse talento. Entretanto, autores divergem em suas opiniões a respeito do melhor método de identificação e também de desenvolvimento, mesmo que tenham crescido muito em vários países nos últimos anos, visto que esse processo de identificação é complexo e o prognóstico de sucesso é imperfeito, enfatizando fatores parcialmente geneticamente determinados e se esquecendo de como essas características são afetadas por inúmeras condições ambientais e difíceis de determinar com precisão (ABBOTT et al., 2002; PEARSON et al., 2006).

As diferentes fases de desenvolvimento de um atleta foram temas de muitas pesquisas, algumas inclusive se preocupando em entender e descrever as características presentes nos atletas nestas diferentes fases (BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999; DURAND-BUSH e SALMELA, 2002; GOULD et al., 2002). Dentre estas características destaca-se a motivação como sendo um fator indispensável para o sucesso em qualquer atividade, pois sem motivação se torna impossível aprender, se desenvolver e obter sucesso (ERICSSON, 2003).

Além da motivação, outras duas características foram analisadas, sendo consideradas importantes por vários autores. A primeira chamada de estratégias de confronto, ou *coping*, que é considerada a forma como os atletas tentam lidar com várias exigências deles próprios e dos outros, constituindo um fenômeno complexo, determinado e

passível de ser planejado, e que segundo Barreiros (2005) e Dias (2005) é um processo e não um traço da personalidade. A outra característica é o perfeccionismo, mais especificamente as características do perfeccionismo presentes nos atletas, que de acordo com Burns (1983) é definido como uma rede de cognições que inclui expectativas e interpretações de eventos e avaliações de si mesmo e de outros, que se caracteriza por um ambiente de padrões irrealis e rígidos (HAASE e PRAPAVESSIS, 2004).

A partir das considerações iniciais, os resultados serão apresentados de acordo com os objetivos propostos, sendo assim, primeiro serão abordadas a motivação, as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados. Posteriormente será realizada a comparação da motivação, das estratégias de *coping* e das características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e dos atletas não-profissionalizados. Por fim serão apresentados os coeficientes de correlação existentes entre as variáveis.

5.1 Motivação Em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados no Futebol de Campo.

O estudo da motivação assume-se como um dos aspectos importantes para a compreensão das diferenças individuais na prática esportiva, dado que alguns indivíduos exibem padrões motivacionais adaptacionais à medida que aplicam um determinado esforço para o sucesso, persistindo assim na prática esportiva, enquanto outros, às primeiras ocasiões de insucesso, abandonam a prática esportiva em questão (STEINBERG e MAURER 1999, citado por FERNANDES E VASCONCELOS-RAPOSO, 2005).

Logo, a identificação do estilo de motivação presente em atletas é um fator importante que auxilia no desenvolvimento da carreira profissional de jogadores de futebol, Neste sentido, apresenta-se a Tabela 1 com os resultados do nível de motivação, através dos estilos regulatórios, dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

TABELA 1 - Estilos regulatórios da motivação de atletas profissionalizados e não - profissionalizados praticantes de futebol de campo.

ESTILOS REGULATÓRIOS	PROFISSIONALIZADOS			NÃO-PROFISSIONALIZADOS			P
	Md	Q1	Q3	Md	Q1	Q3	
Amotivação	1,25	1,00	2,50	2,00	1,25	3,25	0,002*
ME Regulação Externa	4,00	3,00	5,25	4,00	3,00	5,00	0,570
ME Introjeção	4,50	2,75	5,25	4,50	3,50	5,25	0,594
ME Identificação	3,75	2,50	5,25	4,00	3,00	5,25	0,605
MI Conhecer	5,25	3,75	6,00	5,00	4,00	5,75	0,375
MI Atingir Objetivos	5,25	4,25	6,25	4,50	3,50	5,50	0,003*
MI Experiências Estimulantes	5,75	4,75	6,50	5,25	4,25	6,00	0,008*
Índice de autodeterminação	25,67	16,50	36,00	19,50	8,83	27,00	0,001*

* Diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$)

De acordo com a Tabela 1, os atletas profissionalizados demonstraram que os estilos regulatórios correspondentes à motivação intrínseca foram os que apresentaram maiores escores medianos quando comparados com os estilos regulatórios da motivação extrínseca, se destacando a *Motivação intrínseca para experiências estimulantes* (5,75). Considerando a motivação como a direção e a intensidade dos esforços despendidos por uma pessoa para realizar determinada tarefa (SAGE, 1977, citado em WEINBERG e GOULD, 2001), e ainda como entendida sob duas fontes, a intrínseca e a extrínseca, os atletas profissionalizados apresentaram-se mais motivados intrínsecamente. Os atletas não-profissionalizados também apresentaram os estilos regulatórios correspondentes à motivação intrínseca (*atingir objetivos, experiências estimulantes e conhecer*) com escores superiores aos estilos correspondentes à motivação extrínseca (*regulação externa, introjeção e identificação*), porém não todos, apenas o estilo de *Motivação intrínseca para experiências estimulantes* e o de *Motivação intrínseca para conhecer*. Assim como os atletas profissionalizados, os não-profissionalizados se demonstraram mais motivados para experiências estimulantes, sendo este o estilo regulatório que mais predomina também neste grupo.

Essa característica da motivação intrínseca dos atletas profissionalizados pode ser definida de duas maneiras, a primeira seria uma participação voluntária numa atividade, sob uma “aparente” ausência de recompensas ou pressões externas, e a outra como uma participação em uma atividade pelo interesse, satisfação e prazer que o sujeito

obtem desse envolvimento. Refere-se então ao engajamento em uma atividade puramente pelo prazer e satisfação derivados do fato de realizar uma atividade, seja ela qual for (PELLETIER et al., 1995; VALLERAND e LOISIER, 1999).

Já a motivação extrínseca, ao contrário da anterior tange a uma ampla variedade de comportamentos que são engajados como um meio para um fim e não para o seu próprio bem. Esse tipo de motivação é dependente de múltiplos fatores de recompensas, em que o executar da tarefa não é o único objetivo, existem fatores externos que direcionam as ações dos indivíduos com grande influencia, tais como dinheiro, fama, sucesso, reconhecimento, entre outros (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005).

Tanto os atletas profissionalizados quanto os não-profissionalizados demonstraram praticar o futebol pelo prazer que sentem, com participação voluntária na atividade sem a necessidade de recompensas ou pressões externas, apreciam a atividade, sentem prazer em jogar futebol, sendo esta, segundo Deci e Ryan (1985), a sensação mais pura de motivação intrínseca. O prazer que estes atletas sentem ao praticar o futebol advém da atividade, ao invés de recompensas extrínsecas como dinheiro, prêmios ou reconhecimento social (VALLERAND e LOISIER, 1999).

Apesar dos atletas apresentarem resultados semelhantes quanto às suas características motivacionais, independente de serem profissionalizados ou não, algumas diferenças estatisticamente significativas ocorreram quando comparados os estilos regulatórios dos dois grupos, sendo essas diferenças para a *Amotivação*, *Motivação intrínseca para atingir objetivos*, *Motivação intrínseca para experiências estimulantes* e para o *índice de autodeterminação*.

A diferença estatisticamente significativa encontrada para a escala de *Amotivação* indica que os atletas profissionalizados se apresentaram mais motivados do que os não-profissionalizados. Outra diferença estatisticamente significativa observada refere-se aos atletas profissionalizados apresentarem escores superiores em relação aos atletas não-profissionalizados na subescala de *Motivação intrínseca para atingir objetivos*. Os atletas profissionalizados se demonstraram mais motivados à orientação

relacionada à prática do futebol. A terceira diferença estatisticamente significativa entre os estilos regulatórios dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados observada foi para a *Motivação intrínseca para experiências estimulantes*, em que os profissionalizados apreciam a prática do futebol mais do que os não-profissionalizados.

Por fim, os atletas profissionalizados apresentaram escores superiores aos não-profissionalizados também no *índice de autodeterminação*. Assim os atletas profissionalizados sentem mais prazer e satisfação pela prática do futebol do que os atletas não-profissionalizados. Demonstraram-se mais autodeterminados, pois quanto maior o índice de autodeterminação, maior será a vontade dos atletas em realizar a atividade esportiva, no caso o futebol.

O comportamento menos motivado dos não-profissionalizados é inclinado e regulado por algo além do seu controle, ocorrendo nestes, ausência de intenção na prática esportiva (DECI e RYAN, 1985). O fato de os atletas profissionalizados serem mais intrinsecamente motivados do que os não-profissionalizados demonstra que são atletas mais inclinados à prática do futebol como forma de demonstrar a si mesmo que são competentes (PELLETIER et al., 1995), não são guiados por fatores extrínsecos tais como recompensas materiais para que possam jogar futebol (VALLERAND e LOSIER, 1999), e ainda praticam o futebol sem que as influências externas se tornem fatores que por ventura possam atrapalhar seu desenvolvimento atlético, sendo atletas muito focados e determinados na busca de uma carreira atlética de sucesso (SERPA, ALVES e BARREIROS, 2004).

Em pesquisa realizada em Portugal com atletas com características semelhantes, ou seja, jogadores de futebol do sexo masculino com idade entre 15 e 16 anos, os autores verificaram resultados nos quais, o estilo regulatório que se destacou para os atletas foi o de *Motivação Intrínseca para Experiências Estimulantes* (PORÉM, ALMEIDA e CRUZ, 2001). Alves (2007) utilizando o mesmo instrumento de medida em atletas de futebol de campo considerados talentos comparados com seus pares considerados não talentos não encontrou diferenças significativas entre os níveis de motivação intrínseca e extrínseca, porém o que diz respeito à *Amotivação*, o autor verificou que esta era

significativamente maior nos jovens atletas com menor talento, quando comparados com os atletas considerados talentos esportivos. Outra diferença significativamente encontrada foi quanto à *Autodeterminação*, o autor identificou que os jovens considerados talentos esportivos eram significativamente mais autodeterminados do que seus pares com menor talento.

Resultados de estudos recentes (MALLET e HANRAHAN, 2004) com atletas de elite, sugerem que atletas de elite têm vários motivos para participar, que abrangem estilos regulatórios contidos no *continuum* de autodeterminação. Apesar de as entrevistas revelarem importantes motivos como excitação, prazer, um amor pela competição de alto nível, e um senso de estabelecimento de vínculos com um grupo de atletas, motivos menos autodeterminados também apareceram. Especificamente, alguns atletas identificaram dinheiro e reconhecimento social como motivos enquanto outros relataram o aspecto de trabalho do esporte. Apesar de os atletas iniciarem a prática do esporte por motivos intrínsecos, as condições sociais que definem os atletas de elite tornam esta afirmação provavelmente insustentável.

Um fator a ser levado em conta com relação à motivação dos atletas, diz respeito aos estilos regulatórios relacionados à motivação extrínseca (*Regulação externa, Introjeção e Identificação*); nenhum desses estilos regulatórios apresentou diferença estatisticamente significativa entre atletas profissionalizados e não-profissionalizados, demonstrando assim que os fatores externos que motivam a prática esportiva dos atletas não se modificaram ao longo do tempo, atletas profissionalizados e não-profissionalizados apresentaram os mesmos motivos extrínsecos, por mais que a motivação intrínseca (autodeterminação) se torne maior para os profissionalizados, a motivação extrínseca continua no mesmo patamar.

Formas não autodeterminadas de motivação podem gerar conseqüências negativas durante o desenvolvimento atlético de jovens, conseqüências como o *drop out*, ou seja, o abandono da prática esportiva. Apesar dos programas de desenvolvimento de jovens atletas que visam evitar o abandono precoce da prática esportiva, um fator que deve ser levado em conta é a motivação dos atletas para continuarem a praticar o esporte,

esse fenômeno também se agrava com a pressão da família, a inexperiência e a preparação física excessiva são alguns dos fatores que podem atrapalhar o desenvolvimento de um atleta (ZAKHAROV, 1992; MARQUES, 1993; SARRAZIN, BOICHÉ, e PELLETIER, 2007).

5.2 Estratégias de *Coping* em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados no Futebol de Campo.

A participação esportiva de caráter competitivo (prática esportiva de rendimento) impõe aos atletas exigências físicas e psicológicas, pressão por resultados, obrigando os atletas a se dedicarem na busca da excelência esportiva. Entre as principais competências para o sucesso esportivo, destaca-se a capacidade de auto-regulação emocional do atleta na situação de competição. O conjunto dessas competências (ausência de preocupações, confiança, motivação, concentração, controle de ansiedade) utilizadas para se adaptar a circunstâncias adversas é conhecido por estratégias de confronto ou *coping*.

Segundo Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998) o *coping* é descrito como o conjunto de estratégias utilizadas, ou os esforços despendidos pelas pessoas para se adaptarem a circunstâncias adversas, para lidar com situações estressantes, crônicas ou agudas. Devido à existência de centenas de comportamentos específicos de estratégias de *coping*, se torna difícil a investigação do *coping*, pois variam de indivíduo para indivíduo mesmo que estejam enfrentando os mesmos estressores. Entretanto muitos estudos têm sido realizados nos últimos anos com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre as fontes de estresse e o impacto que o mesmo tem no bem estar do atleta (MARQUES, 2005).

Portanto, as estratégias de *coping* são componentes essenciais a serem diagnosticadas entre as competências que podem diferenciar atletas profissionalizados e não-profissionalizados. Em seguida, a Tabela 2 apresenta os resultados para as estratégias de *coping* de atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

TABELA 2 - Estratégias de *coping* dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados praticantes de futebol de campo.

ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>	PROFISSIONALIZADOS			NÃO-PROFISSIONALIZADOS			P
	Md	Q1	Q3	Md	Q1	Q3	
Rendimento Máximo sob pressão	2,25	1,75	2,75	2,00	1,50	2,25	0,001*
Ausência de preocupações	1,50	1,00	2,00	1,50	0,75	1,75	0,562
Confronto com adversidade	2,00	1,75	2,50	2,25	1,75	2,50	0,266
Concentração	2,00	1,75	2,25	1,75	1,50	2,25	0,086
Formulação de objetivos	2,00	1,75	2,50	2,00	1,50	2,25	0,029*
Confiança e motivação	2,50	2,25	2,75	2,25	2,00	2,50	0,049*
Treinabilidade	2,25	1,75	2,50	2,25	1,75	2,75	0,968
Índice de confronto no esporte	8,29	7,75	9,00	7,71	6,86	8,57	0,004*

* Diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$)

Na Tabela 2, pode-se observar que a estratégia de *coping* mais utilizada pelos atletas profissionalizados é a *Confiança e motivação*, sendo esta a subescala que apresentou o maior escore em relação às outras. Atletas profissionalizados se demonstraram confiantes e motivados em ultrapassar quaisquer barreiras durante a prática esportiva, no caso o futebol, são confiantes e motivados para alcançar novos objetivos. Os atletas profissionalizados demonstraram serem atletas que aproveitam o máximo sua habilidade para o esporte, sentem-se confiantes de que vão desempenhar bem suas funções na atividade esportiva e que não precisam que lhes pressionem para jogar ou treinar com empenho, são atletas que sempre se esforçam ao máximo (SMITH et al., 1995). A motivação pode ser comprovada anteriormente através do teste de motivação esportiva, pois este grupo de atletas se demonstrou mais motivado para experiências estimulantes, não necessitando de influências externas para praticar o futebol. Entretanto, os atletas profissionalizados mesmo confiantes e motivados, apresentaram preocupação quanto ao seu desempenho atlético, isto porque, a estratégia de *coping* menos presente nestes atletas é a *Ausência de preocupações* (Tabela 2), ou seja, se preocupam muito com o resultado de sua prática, porém essa preocupação não é suficiente para provocar uma situação estressante que atrapalhe seu desempenho.

Já os atletas não-profissionalizados apresentaram escores superiores para as subescalas *Confronto com a Adversidade*, *Confiança e motivação*, e *Treinabilidade*. Isto demonstra que não apresentam uma estratégia de *coping* bem definida para

enfrentarem uma situação difícil de competição, evidenciaram utilizar uma variedade de estratégias de *coping*, não apresentando uma que se destacasse. Atletas com estas características procuram se manter entusiasmados e com pensamento positivo durante a competição mesmo que as coisas estejam indo mal, mantendo o controle emocional independentemente se a situação estiver boa ou ruim; não se aborrecem quando um treinador lhe corrige um erro, corrigindo o erro sem problema nenhum, e quando ouve os conselhos e instruções do treinador melhora suas capacidades (SERPA e PALMEIRA, 1997).

Alves (2007) avaliou as estratégias de *coping* de atletas considerados talentos e não talentos. Os talentos esportivos apresentaram valores elevados para as estratégias de *Confiança e Motivação e Rendimento sob pressão*. Outro resultado da pesquisa de Alves (2007) que se assemelha ao presente trabalho é quanto à estratégia de *coping Ausência de preocupações*, sendo esta a estratégia menos presente nos atletas considerados talentos. Os mesmos resultados foram encontrados para os atletas considerados não talentos, sendo a estratégia de *coping* mais utilizada a *Confiança e Motivação*, já a estratégia menos presente nos não talentos esportivos foi a *Formulação de objetivos*.

Dias (2005) cita algumas das primeiras pesquisas realizadas com o objetivo de identificar os fatores associados à experiência de estresse em atletas de futebol, luta e patinagem, em que foram encontrados alguns fatores que podem afetar o equilíbrio entre as exigências da competição e as capacidades pessoais. Os primeiros fatores são chamados de *interpessoais* em que os jovens possuíam percepções crônicas de incapacidade e auto-estima e baixas expectativas de rendimento, fazendo com que experienciem maiores níveis de estresse em situações de competição. O segundo grupo de fatores é chamado de *situacionais* que enfatizam um desempenho bem sucedido, podendo gerar elevados níveis de estresse e ansiedade antes e durante a competição, se preocupando se vão desempenhar bem ou não suas funções atléticas. Os últimos são os fatores *relacionados com avaliações e/ou pressões de adultos significativos*, incluindo pais e treinadores, que são pessoas associadas mais ao estresse pré-competitivo.

Na comparação das estratégias de *coping* utilizadas dos profissionalizados em relação aos não-profissionalizados, três apresentaram diferenças estatisticamente significativas (*Rendimento máximo sob pressão, Formulação de objetivos e Confiança e motivação*) além do *índice de confronto no esporte*. Para todas estas subescalas os atletas profissionalizados apresentaram escores superiores aos não-profissionalizados (Tabela 2), porém na subescala de *Formulação de objetivos* que apresentou valores medianos idênticos para os dois grupos, sendo esta diferença comprovada através dos quartis, mais especificamente o 3º quartil, que para o grupo de atletas profissionalizados foi superior ao grupo de atletas não-profissionalizados (2,50 e 2,25 respectivamente).

Os resultados da Tabela 2 indicam que os atletas profissionalizados tendem a jogar melhor sob pressão do que os não-profissionalizados pensam de maneira mais clara frente às pressões, quanto maior a pressão mais gostam de jogar, se concentram melhor e as situações de pressão são desafios que os agradam (*Rendimento máximo sob pressão*).

Os resultados superiores para a *Formulação de objetivos* indicam que os atletas profissionalizados com mais frequência estabelecem objetivos que os orientem em suas ações, pois os objetivos a serem alcançados os estimulam a treinar e se dedicar cada vez mais. A *Confiança e Motivação* superior dos atletas profissionalizados demonstram que já confiam em suas habilidades técnicas e táticas para desempenhar bem no esporte, não necessitam que alguém os pressione para treinar ou jogar com o máximo de dedicação e quando não alcançam um objetivo isso faz com que se empenhem cada vez mais.

Assim, os atletas profissionalizados apresentaram estratégias de *coping* melhor definidas do que os atletas não-profissionalizados, sendo atletas que frente a uma situação estressante que possa vir a atrapalhar seu desempenho atlético, rendem o seu máximo frente às pressões impostas, formulam e definem melhor seus objetivos, sendo mais confiantes e motivados para enfrentar as adversidades. Esta maior facilidade dos atletas profissionalizados frente aos não-profissionalizados de enfrentarem uma situação estressante é comprovada através do *Índice de confronto no esporte*. Neste

Índice de confronto no esporte ocorreu diferença estatisticamente significativa, ou seja, os atletas profissionalizados definem melhor quais as estratégias utilizadas para enfrentar uma situação estressante e as utilizam de maneira mais eficaz do que os atletas não-profissionalizados.

Estudo de Pierce e Stratton (1981) com jovens atletas revelou que a maior preocupação destes com relação à participação esportiva está relacionada com não jogar bem, sendo que 40% dos atletas revelaram que esta preocupação os impediam de apresentar um ótimo desempenho. Resultado este que vai de encontro com os descritos anteriormente, visto que tanto os atletas profissionalizados quanto os não-profissionalizados se apresentaram confiantes quanto seu desempenho atlético. A pesquisa de Pierce e Stratton (1981) apresentou resultados semelhantes ao desta pesquisa, visto que a estratégia de *coping Ausência de preocupações* foi a que apresentou menores valores tanto para os atletas profissionalizados quanto para os não-profissionalizados, indicando que estes atletas são muito preocupados com suas ações e seu desempenho frente a uma situação competitiva.

Em uma pesquisa de caráter qualitativo Gould, Eklund e Jackson (1992) utilizaram entrevistas para examinar as estratégias de *coping* utilizadas por lutadores dos EUA que participaram dos Jogos Olímpicos de Seul (1988). A investigação realizada com 20 atletas revelou que os lutadores empregavam quatro categorias principais de *coping*. A primeira categoria, e a que mais apareceu (citada por 80% dos atletas), englobava estratégias de controle do pensamento, como bloquear as distrações, tomada de perspectiva, pensamento positivo, rezar. A segunda categoria (40% dos atletas) estava relacionada com as estratégias focadas na tarefa e emergiam fatores como o foco mais imediato e concentração nos objetivos. As duas outras categorias encontradas remetiam a estratégias baseadas no comportamento e estratégias de controle emocional, a primeira com subcategorias como mudar ou controlar o meio envolvente e seguir uma rotina estabelecida, e a segunda com controle da ativação e estratégias de visualização.

Outro estudo com atletas olímpicos foi realizado por Pensgaard e Duda (2003), que encontraram resultados que indicam predominância de estratégias de *coping* centradas nas emoções, tais como aceitação, redefinição e crescimento; seguidas pelas estratégias centradas no problema, como o confronto ativo e o planejamento. Gould et al. (2002) realizaram uma pesquisa de forma retrospectiva para avaliar como campeões olímpicos lidavam com o fato de terem alcançado sucesso e confirmaram que campeões olímpicos registram elevados índices de confiança, despreocupação, formulação de objetivos, preparação mental e concentração. Resultados semelhantes aos encontrados nesta pesquisa, visto que tanto os atletas profissionalizados quanto os não-profissionalizados apresentaram altos índices de *Confiança e Motivação*, bem como os atletas profissionalizados apresentaram índices não tão altos assim de *Formulação de Objetivos e Concentração*, mas que também se destacam. A diferença encontrada entre as duas pesquisas foi referente à *Ausência de Preocupações* visto que tanto os atletas profissionalizados quanto os não-profissionalizados apresentaram baixos índices para esta estratégia, demonstrando serem atletas preocupados com seu desempenho atlético.

Folkman e Lazarus (1988) afirmaram que os padrões de confronto estão adaptados à idade das pessoas e o fato de os indivíduos mais velhos usarem significativamente mais estratégias centradas nas emoções está relacionado com o fato de as pessoas ficarem mais maduras nos seus comportamentos de confronto à medida que amadurecem, fazendo avaliações das situações como menos controláveis. Já em relação aos mais novos, os autores citam que estes avaliam os seus encontros estressantes como mais modificáveis do que os mais velhos e, por isso, recorriam geralmente a estratégias mais ativas, interpessoais e centradas no problema.

Santos (2001, citado em Marques, 2005) analisou as diferenças existentes entre as estratégias utilizadas por atletas de decatlo de elite e de média competição encontrando resultados que indicaram diferenças pontuais e concluindo que os atletas de elite apresentaram maior capacidade de lidarem com a ansiedade e para se focarem nas pistas mais relevantes, além de adaptarem-se melhor à rotina, e se concentrarem mais. Dias (2005) avaliou as diferenças existentes entre atletas de diferentes escalões

(seniores e juniores) encontrando diferenças entre os dois grupos em relação às competências de confronto. Os atletas juniores pareciam recorrer mais do que os seniores à estratégia de desinvestimento comportamental, ou seja, deixam de se esforçar para alcançar um objetivo com o qual o agente estressor interfere, já os seniores exibiam valores mais elevados nas estratégias de planejamento, reavaliação positiva das situações e aceitação. Quanto às diferenças existentes entre as estratégias de *coping* dos atletas considerados talentos e não talentos Alves (2007) cita que os jovens atletas com talento são significativamente superiores em *Confiança, Motivação* e no *Rendimento máximo sob pressão* com relação aos não talentos esportivos, além da *Concentração e Treinabilidade*.

5.3 Características do Perfeccionismo em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados no Futebol de Campo.

O perfeccionismo é considerado uma rede de cognições, incluindo expectativas e interpretações de eventos e avaliações de si mesmo e de outros, caracterizado por um ambiente de padrões irrealistas e rígidos, porém a definição de perfeccionismo não é simples e, geralmente é considerado como sendo uma disposição multidimensional da personalidade (BARREIROS, 2005; HAASE e PRAPAVESSIS, 2004).

Nos dias atuais o pensamento perfeccionista desempenha um papel poderoso ou debilitador no contexto da competição esportiva. Gould, Dieffenbach e Moffett (2002) consideram que um dos traços que parece recorrente em atletas de alto nível é o perfeccionismo ajustado, tido como uma tendência por estabelecer elevados *padrões de realização pessoal*.

Esta busca de atletas pela realização pessoal e por desempenhar suas funções corretamente leva a necessidade de estudar as características do perfeccionismo dos atletas. Assim, a Tabela 3 apresenta as características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

TABELA 3 - Características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados praticantes de futebol de campo.

CARACTERÍSTICAS DO PERFECCIONISMO	PROFISSIONALIZADOS			NÃO-PROFISSIONALIZADOS			P
	Md	Q1	Q3	Md	Q1	Q3	
Preocupação com erros	2,89	2,33	3,33	2,89	2,22	3,44	0,816
Dúvidas na ação	2,75	2,50	3,25	3,00	2,50	3,50	0,053
Expectativas parentais	2,60	2,20	3,40	3,20	2,60	3,60	0,004*
Criticismo parental	2,00	1,50	2,50	2,50	2,00	3,25	0,001*
Padrões de realização pessoal	3,71	3,29	4,14	3,57	3,00	4,00	0,029*
Organização	4,00	3,67	4,33	3,83	3,50	4,33	0,008*
Índice de perfeccionismo global	111,00	96,00	117,00	112,00	98,00	122,00	0,233
Perfec. ajustado normal	50,00	46,00	54,00	47,00	42,00	52,00	0,010*
Perfec. desajustado neurótico	45,00	38,00	51,00	49,00	39,00	56,00	0,051

* Diferença estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$)

A Tabela 3 demonstra que o grupo de atletas profissionalizados possui escores superiores para as características do perfeccionismo *Organização* e *Padrões de realização pessoal*, demonstrando que são atletas que se consideram muito organizados e que apresentam excessivo padrão de alto desempenho, além de uma ênfase exagerada no significado desses padrões, ou seja, exigem seu melhor desempenho (FROST et al., 1990). A característica do perfeccionismo que menos se destaca para os atletas profissionalizados é a de *Criticismo parental*, refletindo que os pais destes atletas não são (ou eram) excessivamente críticos sobre os esforços de realização dos mesmos.

Já para o grupo de atletas não-profissionalizados os resultados foram semelhantes, tanto para os escores superiores quanto para os escores inferiores. Altos escores foram encontrados para as características do perfeccionismo *Organização* e *Padrões de Realização pessoal*, e baixo escore para a característica *Criticismo parental*.

Estudo realizado por Alves (2007) revelou que para os atletas considerados talentos esportivos, as características do perfeccionismo que se apresentaram mais presentes foram as de *Organização* e *Padrões de realização pessoal*, já as características menos presentes foram as de *Criticismo parental* e *Expectativas parentais*, sendo estes resultados os mesmos encontrados neste trabalho para os atletas profissionalizados,

tanto para as características mais presentes quanto para às menos presentes. Com relação aos não talentos esportivos as características perfeccionistas que mais se destacaram, assim como para os talentos, foram as de *Organização* e *Padrões de realização pessoal*, e as características que menos se destacaram foram as de *Criticismo parental* e *Expectativas parentais*. Estes resultados, tanto para os talentos quanto para os não talentos esportivos, são expressos num *Índice de perfeccionismo ajustado* elevado e em um *Índice de perfeccionismo desajustado neurótico* de reduzido a moderado, assim, os dois grupos apresentam um *índice de perfeccionismo global* considerado moderado com uma tendência perfeccionista ajustada elevada, que pode ser entendida por uma forte capacidade de organização e altos padrões de realização pessoal por parte destes atletas.

Considerando-se que o *Índice de perfeccionismo global* varia de uma pontuação de 35 a 175, de acordo com a Tabela 3 tanto dos atletas profissionalizados quanto dos não-profissionalizados apresentaram escores altos para este *Índice* (111 e 112 respectivamente). Este resultado deve ser analisado com cuidado, pois índices altos de perfeccionismo podem até determinar uma inibição das conseqüências positivas na prestação, o que pode ser considerado um perfeccionismo desajustado ou neurótico (FROST et al., 1990). O *Perfeccionismo ajustado normal* tanto dos atletas profissionalizados (50) quanto dos não-profissionalizados (47) apresentou índices altos, já o *Perfeccionismo desajustado neurótico* não apresentou resultados altos para nenhum dos dois grupos.

Entretanto, mesmo que as características dos profissionalizados e não-profissionalizados sejam semelhantes, há algo que os diferencia, ou seja, os resultados comparados entre os atletas profissionalizados e não-profissionalizados indicam que algumas das características do perfeccionismo são mais presentes em um grupo do que em outro. Uma das diferenças são as *Expectativas parentais* em que os atletas profissionalizados apresentam escores inferiores aos dos atletas não-profissionalizados, outra característica que os atletas profissionalizados apresentaram escores inferiores foi para o *Criticismo parental*, sendo que essas diferenças foram estatisticamente significativas. Os atletas não-profissionalizados interpretam o comportamento dos pais

como excessivamente crítico em relação ao desempenho dos filhos, com expectativas de que os filhos apresentem altos padrões de desempenho, o contrário ocorrendo com a interpretação dos atletas profissionalizados.

Outros resultados que apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos estudados foram para as características de *Padrões de realização pessoal* e *Organização*, com escores superiores para os atletas profissionalizados. Estes atletas vivem em um ambiente em que altos padrões de desempenho são exigidos além de se demonstrarem atletas mais organizados do que os atletas não-profissionalizados. Além disso, quando se analisa os índices de perfeccionismo, mais especificamente o *Perfeccionismo ajustado normal*, o grupo de atletas profissionalizados apresenta escore superior ao do grupo de atletas não-profissionalizados, indicando que aqueles possuem as seguintes características, de forma mais acentuada do que os atletas não-profissionalizados: *padrões de realização pessoal* muito elevados, sentem necessidade de alcançar o sucesso e são altamente motivados para dar o seu melhor em tarefas nas quais estão envolvidos ou comprometidos, sendo essa diferença estatisticamente significativa (FROST et al., 1990). Gould et al. (2002) mostraram também em seus estudos que atletas olímpicos apresentavam características de perfeccionismo adaptativo.

Já os atletas profissionalizados apresentaram escore inferior ao dos atletas não-profissionalizados para o *Índice de Perfeccionismo desajustado neurótico*, demonstrando não serem atletas que são motivados por uma necessidade de evitar o insucesso, e se sentem bem com a sua prestação, no entanto esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Quanto às diferenças existentes entre jovens atletas considerados talentos esportivos e não talentos, Alves (2007) encontrou resultados indicando que os talentos esportivos se demonstraram com mais *Organização* e *Padrões de realização pessoal*, além de um perfeccionismo mais ajustado do que os atletas considerados não-talentos. Entretanto, os talentos esportivos apresentaram características perfeccionistas significativamente menos presentes do que nos atletas considerados não talentos, sendo que os talentos

recebem menos críticas de seus pais para que desempenhem bem suas funções de atleta, e também o *Perfeccionismo desajustado neurótico* destes atletas é menor do que o dos não talentos. Assim, os jovens atletas considerados talentos apresentaram um maior perfeccionismo ajustado e um menor perfeccionismo desajustado do que os atletas considerados não talentos esportivos.

Completando, estudos de Dunn, Dunn e Syrotuik (2002) mostraram que as dimensões da *Multidimensional Perfectionism Scale* se relacionavam com as características do perfeccionismo adaptativo e que estas eram relacionadas com a orientação para a tarefa. Isto pode mostrar que, a tendência de atletas com alta orientação para a tarefa apresentarem normas de auto-referência para o desempenho como um indicador de sucesso/habilidade no esporte, pode diminuir na medida em que eles estão em risco de desenvolver um perfeccionismo mal adaptativo. Entretanto, isto não pode ser concluído no presente estudo, visto que a pesquisa não tinha como objetivo investigar nos atletas suas orientações para o ego e para a tarefa.

Voogd (2007) coloca ainda que o perfeccionismo mal adaptativo se desenvolve como uma reação aos pais que se excedem muito com os filhos e são críticos em tudo com seus filhos. Além disso, esses pais fornecem pouco suporte emocional e sensibilidade inconsistente quando as crianças tentam responder a estas exigências. Os resultados do presente estudo mostraram que estas colocações são pertinentes com relação aos atletas não-profissionalizados que demonstraram, no momento da pesquisa, receber mais críticas dos pais do que os atletas profissionalizados. Essas críticas excessivas por parte dos pais pode ser uma das características que influenciaram estes atletas não-profissionalizados a desenvolverem mais características do perfeccionismo desajustado do que os atletas profissionalizados.

5.4 Correlação entre Estilos Regulatórios da Motivação, Estratégias de *Coping* e Características do Perfeccionismo em Atletas Profissionalizados e Não-Profissionalizados do Futebol de Campo.

Neste momento serão apresentados os dados referentes aos coeficientes de correlação entre as variáveis avaliadas. Primeiramente serão apresentados os dados dos atletas

profissionalizados e em seguida os dados dos atletas não-profissionalizados. Para cada um dos grupos serão discutidos os dados na seguinte seqüência: *Motivação X Coping*; *Motivação X Perfeccionismo*; e *Coping X Perfeccionismo*.

5.4.1 Estilos regulatórios da motivação e estratégias de *coping*

A motivação é considerada um fator primordial para o desempenho atlético, grandes campeões no esporte são aqueles que apresentam altos índices de motivação. Douglas e Araujo (2004) entendem a motivação como o motivo ou o conjunto de motivos que levam alguém a se esforçar, a agir, persistir ou trabalhar em prol de algum objetivo. Essa busca dos atletas por atingir um objetivo ou uma meta muitas vezes esbarra em situações que dificultam o seu desempenho e é o momento de se utilizar de estratégias de enfrentamento. O modo como as pessoas lidam com o estresse é um dos assuntos de grande interesse da psicologia atualmente; *coping* é considerado por Pensgaard e Roberts (2003) como uma mudança cognitiva constante e um esforço comportamental para controlar demandas específicas externas e/ou internas que são avaliadas como exigindo demais ou excedendo a capacidade da pessoa. Considerando que o estilo de motivação pode influenciar na maneira como os atletas enfrentam as situações estressantes e as dificuldades que encontram no decorrer do seu desenvolvimento atlético, a Tabela 4 apresenta os valores de correlação entre os estilos regulatórios da motivação e as estratégias de *coping* dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados.

TABELA 4 - Correlação entre os estilos regulatórios da motivação e estratégias de *coping* de atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

PROFISSIONALIZADOS	1	2	3	4	5	6	7	8
Amotivação	0,040	-0,236	0,088	-0,157	0,015	-0,090	-0,280	-0,195
ME Regulação Externa	0,187	-0,156	0,312	0,000	0,261	0,252	-0,239	0,122
ME Introjeção	0,304	-0,044	0,482*	0,081	0,299	0,356	-0,114	0,306
ME Identificação	0,117	-0,189	0,453*	0,122	0,264	0,176	-0,254	0,136
MI Conhecer	0,339	0,093	0,553*	0,223	0,273	0,405*	0,007	0,474*
MI Atingir Objetivos	0,215	-0,116	0,436*	0,285	0,379	0,327	0,180	0,383
MI Experiências Estimulantes	0,187	-0,149	0,507*	0,238	0,433*	0,307	-0,012	0,338
Índice de autodeterminação	0,184	0,138	0,366	0,347	0,325	0,319	0,205	0,431*

NÃO-PROFISSIONALIZADOS	1	2	3	4	5	6	7	8
Amotivação	0,048	-0,309	-0,114	-0,030	-0,050	-0,215	-0,314	-0,278
ME Regulação Externa	0,274	-0,280	0,033	-0,007	0,001	-0,032	-0,257	-0,054
ME Introjeção	0,234	-0,138	0,003	0,085	0,002	0,047	-0,178	0,032
ME Identificação	0,210	-0,130	0,127	-0,052	0,067	0,001	-0,092	0,056
MI Conhecer	0,187	-0,101	0,301	0,159	0,222	0,219	0,166	0,329
MI Atingir Objetivos	0,174	-0,143	0,147	0,158	0,177	0,182	0,124	0,212
MI Experiências Estimulantes	0,197	0,003	0,191	0,223	0,221	0,228	0,230	0,365
Índice de autodeterminação	0,108	0,209	0,268	0,111	0,259	0,289	0,429*	0,483*

Nota: 1-Rendimento Máximo sob pressão; 2-Ausência de preocupações; 3-Confronto com adversidade; 4-Concentração; 5-Formulação de objetivos; 6-Confiança e motivação; 7-Treinabilidade; 8-Índice de confronto no esporte. * **Correlação estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$)**

A Tabela 4 indica que para os atletas profissionalizados a estratégia de *coping* que apresentou maior número de correlações com as variáveis da motivação foi a de *Confronto com adversidade*, que apresentou correlações estatísticas moderadas com a *Motivação extrínseca de introjeção*; a *Motivação extrínseca de identificação*; *Motivação intrínseca para conhecer*; a *Motivação intrínseca para atingir objetivos*; e a *Motivação intrínseca para experiências estimulantes*. Assim, a estratégia de *coping* de *Confronto com adversidade*, mesmo não sendo a estratégia de *coping* mais utilizada pelos atletas profissionalizados, apresentou uma relação significativa tanto com as variáveis da motivação extrínseca (*Introjeção e Identificação*) quanto com as variáveis da motivação intrínseca (*Atingir objetivos, Experiências estimulantes e Conhecer*). Estes resultados demonstram que, para os atletas profissionalizados que apresentam a estratégia de *Confronto com adversidade* como sua principal estratégia de enfrentamento de uma situação estressante não apresentam definição do estilo de motivação utilizado, pois se utilizam de aspectos tanto intrínsecos (prazer de praticar a atividade esportiva, de atingir seus objetivos pré-determinados e realizar a atividade para conhecê-la) quanto de aspectos extrínsecos (uma representação interna de contingentes externos exercendo uma pressão sobre si mesmo para regularizar seu comportamento) e ainda se identificando com as conseqüências que poderiam advir caso essa situação estressante.

O estilo regulatório que predominou nos atletas profissionalizados foi o da *Motivação intrínseca para experiências estimulantes*. Houve correlação entre esta variável e a

estratégia de *coping* de *Formulação de objetivos* , indicando que para esses atletas quanto maior a motivação intrínseca maior será a utilização de estratégias de *formulação de objetivos* para se enfrentar uma situação estressante. São atletas que quanto maior o seu prazer em praticar o futebol, maior sua capacidade de formular seus objetivos em prol do sucesso esportivo, são atletas calmos e controlados emocionalmente durante uma competição mesmo que as coisas não estejam ocorrendo bem, e mais vão estabelecer objetivos que orientem suas ações, seus treinos e suas competições.

Juntamente com a estratégia *Confronto com a adversidade* , a estratégia *Confiança e motivação* foi uma das que apresentou escores superiores de utilização pelos atletas profissionalizados (Tabela 2), e esta também apresentou correlações estatísticas com a variável *Motivação intrínseca para conhecer* . Assim, quanto mais os atletas se utilizam da estratégia de *Confiança e motivação* significa que maior será sua motivação para ultrapassar essas barreiras que atrapalham seu desempenho para que possam se envolver com o esporte que praticam.

Após discutir as relações existentes entre os estilos de motivação e as estratégias de *coping* utilizadas, vale ressaltar as relações existentes entre o *índice de autodeterminação* e o *índice de confronto no esporte* desses atletas. A Tabela 4 apresenta resultados que indicam correlação entre essas duas variáveis, ou seja, quanto mais autodeterminado o atleta, mais vai utilizar estratégias de enfrentamento para superar uma situação aversiva, estressante. Para estes atletas, quanto mais realizam uma atividade por suas próprias vontades, sem necessitar de contingências externas, mais estarão aptos a lidar com vários tipos de exigências como lesões, quedas no rendimento esportivo, gestão do tempo, e expectativas próprias ou de outros importantes como pais e técnicos (DIAS, 2005).

A partir dos dados constantes na Tabela 4, percebe-se que para o grupo de atletas profissionalizados o número de correlações existente entre as variáveis *Motivação* e *Coping* foi superior ao do grupo de não-profissionalizados. Para os atletas não-profissionalizados as correlações existentes entre as variáveis foram apenas para o

índice de autodeterminação, que apresentou correlação com a *treinabilidade* e com o *índice de confronto no esporte*.

Estes resultados indicam que os atletas do grupo de não-profissionalizados são atletas que, apesar de não apresentarem uma alta autodeterminação, aqueles que são mais autodeterminados são também os que utilizam de sua *treinabilidade* e de suas estratégias de *coping* como um todo para ultrapassar as barreiras que lhes impedem de desenvolver melhor suas atividades.

Considerando as três necessidades psicológicas inatas, subjacentes à motivação intrínseca, propostas pela Teoria da Autodeterminação (autonomia, competência e estabelecimento de vínculos), McDonough e Crocker (2007) confirmaram em seus estudos a hipótese de que a satisfação dessas três necessidades seria um preditor significativo da motivação autodeterminada. Este é um resultado importante porque enfatiza a necessidade de aprofundar nossa compreensão do papel combinado de autonomia, competência e relacionamento em processos motivacionais. A correlação existente entre a motivação dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados com suas respectivas habilidades de confronto com as adversidades seguem a mesma linha de pensamento, pois os atletas que satisfazem melhor suas necessidades de autonomia, competência e estabelecimento de vínculos, seriam mais aptos a enfrentar situações estressantes e desagradáveis, independentemente de fatores externos.

Especificamente sobre a necessidade de competência, Bloom (1985) coloca que este sentimento de competência é importante não somente para manter o jovem atleta praticando o esporte, mas também para aumentar a intensidade do tempo gasto com atividades no processo de aprendizagem específicas na sua área de maestria.

Vallerand (2004) demonstrou em sua pesquisa que técnicos que apresentam comportamentos de controle sobre seus atletas, prejudicando sua *treinabilidade* minam nos seus atletas a satisfação das necessidades de competência, autonomia e estabelecimento de vínculos, a consequência disso é a baixa motivação autodeterminada que estes atletas apresentarão, conduzindo ao abandono da prática esportiva. Ao invés de exercer uma função de controle sobre seus atletas, Keegan,

Harwood, Spray e Lavallee (in press) assinalam que o comportamento do técnico de fornecer instruções, dar atenção e feedback para seus atletas é considerado como uma influencia muito positiva para a motivação. Os técnicos e pais não apenas são a chave para a tomada de decisões dos jovens atletas (determinação de treinos, tempo de prática, fornecendo equipamentos), como também são responsáveis por garantir segurança para o atleta.

Devido os vários tipos de motivação presentes no *continuum* de autodeterminação, e pelo fato dessa autodeterminação estar associada com o aumento das funções psicológicas, um padrão de conseqüências é seguido. Assim, um resultado mais positivo é conseqüência de uma motivação mais autodeterminada (motivação intrínseca), enquanto resultados negativos são conseqüências de uma forma menos autodeterminada da motivação (amotivação e motivação extrínseca). Este padrão de resultados tem sido obtido no esporte e na atividade física com as seguintes conseqüências: concentração, interesse, prazer, satisfação, e baixa ansiedade bem como resultados comportamentais que incluem o esforço despendido, intenção comportamental, e real nível de persistência, aderência no esporte e desempenho (VALLERAND, 2004).

Estudos de Amiot, Gaudreau e Blanchard (2004) mostraram que a motivação autodeterminada estava positivamente associada com o uso de estratégias de *coping* orientadas para tarefa durante a competição, considerando que a motivação não autodeterminada positivamente prediz a utilização de estratégias de desligamento orientadas. Isto, segundo os autores, pode ser importante porque é uma valiosa ferramenta para ajudar os atletas a melhorar seu desempenho e também tornarem-se maduros emocionalmente através da utilização de estratégias de *coping* eficazes.

5.4.2 Estilos regulatórios da motivação e características do perfeccionismo

O perfeccionismo enquanto um traço da personalidade tem sido uma das variáveis que apresenta um número considerável de estudos no campo da psicologia social, sendo investigado com a associação com diversas outras variáveis, no entanto, o estudo do perfeccionismo no âmbito esportivo pouca atenção tem-se dado a este tema. Somente

nos últimos anos é que o perfeccionismo começou a fazer parte dos estudos no âmbito esportivo (HAASE e PRAPAVESSIS, 2004).

A Tabela 5 apresenta os resultados da avaliação das correlações existentes entre e os estilos regulatórios da motivação e as características do Perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados.

TABELA 5 - Correlação entre os estilos regulatórios da motivação e as características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

PROFISSIONALIZADOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Amotivação	0,237	0,433*	0,202	0,317	0,111	0,142	0,316	0,145	0,335
ME Regulação Externa	0,250	0,103	0,251	0,033	0,416*	0,286	0,327	0,420*	0,217
ME Introeção	0,284	0,252	0,250	0,032	0,379	0,254	0,344	0,356	0,244
ME Identificação	0,261	0,233	0,309	0,067	0,260	0,332	0,384	0,333	0,235
MI Conhecer	0,297	0,246	0,206	-0,014	0,461*	0,257	0,374	0,420*	0,222
MI Atingir Objetivos	0,227	0,149	0,104	-0,056	0,487*	0,392	0,314	0,533*	0,145
MI Experiências Estimulantes	0,261	0,172	0,222	-0,041	0,537*	0,421*	0,392	0,568*	0,177
Índice de autodeterminação	-0,001	-0,122	-0,058	-0,284	0,185	0,201	0,072	0,223	-0,130
NÃO-PROFISSIONALIZADOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Amotivação	0,304	0,343	0,279	0,312	0,103	0,056	0,324	0,085	0,350
ME Regulação Externa	0,407*	0,289	0,383	0,330	0,299	0,282	0,495*	0,311	0,417*
ME Introeção	0,290	0,221	0,318	0,279	0,172	0,198	0,361	0,195	0,319
ME Identificação	0,344	0,183	0,328	0,256	0,156	0,157	0,380	0,162	0,355
MI Conhecer	0,045	0,175	0,209	-0,060	0,298	0,233	0,213	0,300	0,048
MI Atingir Objetivos	0,134	0,028	0,131	-0,072	0,228	0,300	0,206	0,281	0,065
MI Experiências Estimulantes	0,031	0,073	0,191	-0,004	0,308	0,277	0,175	0,338	0,019
Índice de autodeterminação	-0,182	-0,195	-0,100	-0,288	0,105	0,131	-0,121	0,132	-0,258

Nota: 1-Preocupação com erros; 2-Dúvidas na ação; 3-Expectativas parentais; 4-Criticismo parental; 5-Padrões de realização pessoal; 6-Organização; 7-Índice de perfeccionismo global; 8-Perfeccionismo ajustado normal; 9-Perfeccionismo desajustado neurótico. * **Correlação estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$)**

De acordo com a Tabela 5, três das seis subescalas do perfeccionismo apresentaram correlações estatísticas positivas e moderadas com as variáveis da Motivação analisadas para os atletas profissionalizados. A característica do perfeccionismo *Dúvidas na ação* apresentou correlação estatística com a *Amotivação*, ou seja, para os atletas profissionalizados quanto maior a situação de dúvida que apresentam sobre a prática o futebol, mais acreditarão que não desempenharão bem suas funções, sendo menos motivados para realizar a atividade.

A característica do perfeccionismo dos atletas profissionalizados que apresentou maior número de correlações com os estilos regulatórios foi a de *Padrões de realização pessoal*, correlações com *Motivação extrínseca de regulação externa* ($r=0,416$), *Motivação intrínseca para atingir objetivos* ($r=0,487$), *Motivação intrínseca para experiências estimulantes* ($r=0,537$) e *Motivação intrínseca para conhecer* ($r=0,461$). Esses resultados indicam que, quanto mais os atletas profissionalizados são organizados e suas ações refletem o ambiente de excessivo padrão de alto desempenho que vivem, maior vai ser sua autodeterminação e suas ações serão guiadas pela motivação em atingir objetivos, aprendendo e explorando seus conhecimentos sobre a atividade e principalmente por praticar o futebol com prazer gerado intrinsecamente, sem a necessidade de contingências externas.

Sendo a característica do perfeccionismo *Padrões de realização pessoal* uma das que apresentou maiores escores para os atletas profissionalizados (Tabela 3), a correlação que apresentou valores estatísticos superiores foi justamente com a variável *Motivação intrínseca para experiências estimulantes* ($r=0,537$), que foi a variável da motivação que também apresentou maiores escores (Tabela 1). Os resultados (Tabela 5) demonstram que quanto mais estes atletas vivem em um ambiente de excessivos padrões de desempenho, apresentando ênfase exagerada no significado desses padrões quando ligados à auto-avaliação, mais estes atletas são autodeterminados, e se apresentam motivados por fatores intrínsecos para continuar a praticar o futebol.

O alto escore para o *Índice de Perfeccionismo ajustado normal* (profissionalizados) foi o único índice que apresentou correlação estatística com os estilos regulatórios (*Motivação extrínseca de regulação externa*, *Motivação intrínseca para atingir objetivos*, *Motivação intrínseca para experiências estimulantes* e *Motivação intrínseca para conhecer*), porém não apresentou correlação estatística com o *Índice de Autodeterminação*. O *Índice de Perfeccionismo ajustado normal* apresentou correlações superiores com as variáveis da Motivação Intrínseca, demonstrando que sujeitos com uma motivação predominantemente intrínseca apresentaram comportamentos perfeccionistas com tendência por estabelecer elevados *padrões de realização pessoal*.

Assim, a Tabela 5 observa-se também um número reduzido de correlações existentes para o grupo de não-profissionalizados quando comparados ao grupo de profissionalizados. Apenas a variável *motivação extrínseca de regulação externa* apresentou correlações com variáveis do perfeccionismo sendo estas a *preocupação com erros*, *índice de perfeccionismo global* e *perfeccionismo desajustado neurótico*.

Os atletas não-profissionalizados apresentaram uma pontuação idêntica à dos profissionalizados para a *motivação extrínseca de regulação externa*, porém suas características são diferentes, pois quanto mais esse tipo de motivação se destaca para os não-profissionalizados mais se preocupam com os erros que podem cometer durante a execução de suas atividades, sendo que as características de perfeccionismo desses atletas são mais voltadas para uma preocupação neurótica do que saudável, pois sua motivação está baseada nas variáveis extrínsecas.

Este fato se evidencia nas correlações existentes para estes atletas ocorrerem para o estilo regulatório *Motivação Extrínseca regulação externa*, que se correlacionou significativamente com a característica *Preocupação com erros* além dos índices de *Perfeccionismo Global* e de *Perfeccionismo Desajustado Neurótico*. Assim, quanto menos autodeterminado o atleta se encontra, maior sua incerteza sobre suas ações, portanto, sua característica de perfeccionismo estará vinculada a um perfeccionismo desajustado e neurótico. Vallerand (2004) coloca que um atleta quando apresenta uma orientação motivacional regulada externamente tende a realizar uma atividade para receber uma recompensa ou evitar punição, fato este que ocorre com os atletas não-profissionalizados, devido a correlação existente entre o estilo regulatório *Motivação Extrínseca regulação externa* e o *Perfeccionismo Desajustado Neurótico*.

O perfeccionismo ajustado é descrito por autores como a porção positiva do perfeccionismo. Segundo Haase e Prapavessis (2004) este seria voltado para alcançar conseqüências positivas, acompanhado pela motivação para alcançar um determinado objetivo, a fim de obter um resultado favorável. Já o perfeccionismo neurótico, também conhecido como perfeccionismo negativo, é encontrado em sujeitos que o utilizariam com a função de evitar as conseqüências negativas e a motivação que gere os

comportamentos destes sujeitos é voltada para alcançar um determinado objetivo, a fim de evitar conseqüências adversas. Estas colocações dos autores são afirmadas a partir dos trabalhos de Gould et al. (2002) que encontraram em atletas de alto nível características de perfeccionismo ajustado mais presentes que outras, que estão associadas à capacidade de auto-realização e de estabelecer elevados padrões de realização pessoal. Além disso, Barreiros (2005) coloca que em seus estudos com jovens talentos e não talentos esportivos, os padrões de realização pessoal parecem estar positivamente relacionados com a motivação para a estimulação e com o índice de autodeterminação, e negativamente relacionado com a amotivação dos mesmos.

Estudos realizados por Hall et al. (2007) resultaram em que os atletas que apresentaram perfil de perfeccionismo neurótico apresentaram também elevados níveis de amotivação, motivação extrínseca introjetada, e baixa auto-estima. Entretanto, os autores não encontraram relação significativa entre as variáveis motivação e perfeccionismo. Ao estudar os antecedentes motivacionais presentes na prática obrigatória de exercícios, não encontraram em seus estudos resultados suficientes para afirmarem que as características motivacionais quando combinadas com metas que incentivam a auto-validação, levassem os sujeitos a uma preocupação em cometer erros e aumentar sua auto-avaliação crítica.

Estudos de Hewitt e Flett (1991) indicam que indivíduos que apresentam características de um perfeccionismo auto-orientado, acreditando que chegar à perfeição é importante, são internamente motivados, ou seja, apresentam estilos regulatórios correspondentes à motivação intrínseca; já os indivíduos que apresentam características perfeccionistas socialmente prescritas, são motivados por fatores externos, correspondendo à estilos regulatórios menos autodeterminados, da motivação extrínseca.

5.4.3 Estratégias de *coping* e características do perfeccionismo

Considerando que o pensamento perfeccionista está associado a um papel debilitador no contexto esportivo, autores como Gould et al (2002) se preocuparam em analisar em atletas olímpicos a ocorrência de pensamentos perfeccionismo ajustado, ou seja, a face positiva do pensamento perfeccionista. Pessoas que são extremamente perfeccionistas

tendem a ser exigentes com seu desempenho nas atividades, são auto-críticos e suas falhas geram culpa, vergonha e inutilidade. Para evitar sentimentos negativos como culpa, vergonha e inutilidade, estas pessoas utilizam de suas estratégias de enfrentamento, o que contribui para um melhor desempenho.

Sobre esta relação é apresentada a Tabela 6 com os dados referentes às correlações entre as estratégias de *coping* e as características do perfeccionismo dos atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

TABELA 6 - Correlação entre as estratégias de *coping* e características do perfeccionismo para os atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

PROFISSIONALIZADOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Rendimento Máximo sob pressão	-0,019	0,045	-0,180	-0,300	0,370	0,207	0,000	0,345	-0,114
Ausência de preocupações	-0,308	-0,169	-0,172	-0,149	-0,165	-0,112	-0,229	-0,166	-0,299
Confronto com adversidade	-0,012	0,024	-0,079	-0,152	0,478*	0,392	0,109	0,513*	-0,080
Concentração	0,054	-0,080	-0,129	-0,359	0,428*	0,288	0,111	0,453*	-0,109
Formulação de objetivos	0,048	-0,204	-0,176	-0,397	0,442*	0,445*	0,044	0,499*	-0,163
Confiança e motivação	0,037	-0,078	-0,165	-0,347	0,343	0,266	0,029	0,371	-0,109
Treinabilidade	-0,366	-0,169	-0,267	-0,258	0,086	0,036	-0,278	0,087	-0,361
Índice de confronto no esporte	-0,175	-0,098	-0,289	-0,459*	0,445*	0,375	-0,048	0,482*	-0,268
NÃO-PROFISSIONALIZADOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Rendimento Máximo sob pressão	0,244	0,156	0,231	0,142	0,342	0,204	0,344	0,333	0,233
Ausência de preocupações	-0,329	-0,369	-0,293	-0,207	-0,086	-0,058	-0,328	-0,095	-0,349
Confronto com adversidade	0,091	-0,047	0,109	-0,211	0,278	0,206	0,093	0,275	-0,029
Concentração	-0,017	0,013	0,130	-0,081	0,320	0,313	0,147	0,364	-0,035
Formulação de objetivos	-0,021	0,004	0,142	-0,088	0,271	0,235	0,107	0,298	-0,043
Confiança e motivação	-0,125	-0,207	0,120	-0,190	0,276	0,317	0,026	0,336	-0,194
Treinabilidade	-0,253	-0,261	-0,140	-0,441*	0,090	-0,008	-0,262	0,071	-0,365
Índice de confronto no esporte	-0,088	-0,204	0,072	-0,318	0,391	0,375	0,099	0,418*	-0,181

Nota: 1-Preocupação com erros; 2-Dúvidas na ação; 3-Expectativas parentais; 4-Criticismo parental; 5-Padrões de realização pessoal; 6-Organização; 7-Índice de perfeccionismo global; 8-Perfeccionismo ajustado normal; 9-Perfeccionismo desajustado neurótico. * **Correlação estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$)**

De acordo com a Tabela 6 as características do perfeccionismo que apresentaram maior número de correlações com as estratégias de *coping* para os atletas profissionalizados foram os *Padrões de realização pessoal* e o *Perfeccionismo ajustado normal*. As duas características tiveram correlações positivas com as estratégias

Confronto com adversidade ($r=0,478$), *Concentração* ($r=0,428$), *Formulação de objetivos* ($r=0,442$) e *Índice de confronto no esporte* ($r=0,445$). Com isso, os atletas profissionalizados se caracterizam como atletas que quanto mais o ambiente em que vivem exige que obtenham alto desempenho em suas atividades esportivas mais utilizam estratégias de enfrentamento que refletem suas capacidades de afrontar a adversidade, e de se concentrarem para atingir um objetivo que foi previamente formulado. Além disso, quanto mais suas características do perfeccionismo são desenvolvidas de uma forma ajustada e normal, maior será sua capacidade de enfrentar as situações estressantes. Estes padrões de realização pessoal podem interferir no desempenho dos atletas, pois quanto mais autoconfiante o atleta, mesmo diante de um fracasso, mais se mantém alheio a essa situação; porém se essa autoconfiança for baixa, poderá o atleta se identificar com o fracasso e ter dificuldades para superá-lo. Quanto maior a capacidade dos atletas profissionalizados de formularem objetivos que irão guiar suas atividades, maior será sua organização, pois formulam os objetivos a serem alcançados e se organizam para que suas atividades o conduzam para tal fato. Entretanto, a crítica que muitos atletas recebem de seus pais podem atrapalhar suas atividades principalmente em situações difíceis. Os resultados parecem demonstrar que quanto maior a crítica dos pais sobre o rendimento dos atletas, menor será sua capacidade de enfrentar uma situação estressante.

A correlação existente entre o *Índice de Perfeccionismo ajustado normal* e o *Índice de confronto no esporte* dos atletas profissionalizados indica que quanto mais os atletas estabelecem elevados *padrões de realização pessoal*, mais se utilizam de estratégias de enfrentamento para superar uma situação adversa e estressante, e assim atingir os objetivos estabelecidos anteriormente, principalmente aqueles objetivos voltados para a prática esportiva, no caso o futebol.

Na Tabela 6 observa-se que apenas duas correlações estatisticamente significativas foram encontradas para a análise feita entre as variáveis *Coping* e Perfeccionismo dos atletas não-profissionalizados. A variável do perfeccionismo *criticismo parental* apresentou correlação estatisticamente significativa e negativa com a estratégia de *coping* *Treinabilidade*, o que indica que estes atletas quanto mais recebem críticas de

seus pais a respeito de suas atividades, menos se utilizam dos treinos para enfrentar situações estressantes. Estes resultados demonstram que em qualquer fase do desenvolvimento atlético, independentemente de ser um atleta profissionalizado ou não, a influência dos pais nem sempre tem conseqüências positivas, neste caso, os resultados parecem demonstrar isso, críticas em demasia podem prejudicar o rendimento desses atletas, no caso dos atletas não-profissionalizados, quanto mais estes recebem críticas de seus pais, menor sua capacidade de receber orientações dos treinadores ou dirigentes, aborrecendo-se e rendendo menos frente às correções e orientações dos mesmos. Barreiros (2005) também encontrou correlações negativas entre a *Treinabilidade* e o *Criticismo parental* de atletas considerados talentos e não talentos esportivos do futebol de campo.

Outra correlação estatisticamente significativa existente foi entre o *perfeccionismo ajustado normal* e o *índice de confronto no esporte*, assim quanto mais os atletas não-profissionalizados utilizam suas habilidades de *coping* para superar suas dificuldades e situações estressantes, mais a forma de perfeccionismo que se utilizam para realizar seus padrões pessoais se aproxima do perfeccionismo ajustado e saudável para o ser humano.

De acordo com o *continuum* de envolvimento dos pais no esporte proposto por Hellstedt (1990), que vai desde um subenvolvimento até um superenvolvimento, este último seria a fase que menos contribui para o bom desenvolvimento atlético dos filhos, pois os pais excedem em sua participação na vida esportiva dos filhos, não separando os seus próprios desejos, suas fantasias e suas necessidades dos desejos, fantasias e necessidades dos seus filhos. O autor encontrou em seus estudos que baixos níveis de pressão estão relacionados com uma reação positiva dos filhos, enquanto altos níveis de pressão indicam reações negativas, o que corrobora os resultados (Tabela 6), em que o *criticismo parental* apresentou correlações negativas com o *índice de confronto no esporte* (para os atletas profissionalizados) e com a *treinabilidade* (para os atletas não-profissionalizados).

Estudos de Carr, Weigand e Jones (2000) demonstram que a participação dos pais no estabelecimento de metas e no cumprimento das tarefas por parte dos atletas são questões importantes para que estes alcancem resultados positivos na sua carreira. Bloom (1985) cita que a diminuição da participação dos pais na carreira esportiva dos filhos com o passar do tempo é esperada, entretanto a ausência dos pais que colabora para o enfraquecimento do apoio, o desenvolvimento dos filhos não parece ser comprometido.

Morais et al. (2004) investigaram a influência dos pais no desenvolvimento atlético de jovens atletas de futebol considerados *experts* e encontraram resultados que mostraram pouco envolvimento dos pais, principalmente nas fases de formação (até 7 anos) e de desenvolvimento (de 8 a 12 anos), além disso, esse envolvimento era ainda menor na fase de especialização (acima de 13 anos).

Não só as críticas e as expectativas dos pais e familiares funcionam como agentes estressores para os atletas, segundo estudo realizado por Costa e Vieira (2003), as discordâncias e conflitos com o treinador ou com os companheiros de equipe também foram considerados fatores estressantes. Independentemente do tempo de prática dos atletas, os conflitos nas relações pessoais parecem diminuir seu rendimento, pois estes conflitos são causadores de estresse, as metas ficam comprometidas, dando lugar a sentimentos de insatisfação e resistência ao trabalho desenvolvido. Assim, o apoio social e profissional, é necessário para diminuir os problemas causados nos momentos de conflito.

Outra característica presente nos atletas não-profissionalizados que também já foi discutida para os atletas profissionalizados, foi referente à correlação existente entre o *Índice de perfeccionismo ajustado normal* e o *Índice de confronto no esporte*, demonstrando que quanto mais os atletas não-profissionalizados apresentam características perfeccionistas de cunho ajustado, mais terão facilidade em utilizar suas estratégias de *coping*.

Essa correlação existente entre *Índice de perfeccionismo ajustado normal* e o *Índice de confronto no esporte* tanto para os atletas profissionalizados quanto para os não-

profissionalizados, segundo estudos citados por Hardy, Jones e Gould (1996), indicam que são atletas menos vulneráveis a desenvolver algum tipo de problema psíquico que os afaste da prática esportiva, pois os autores chegaram a conclusões em que sugerem que atletas de elite são mais vulneráveis a desenvolver *burnout* quando apresentam tendências perfeccionistas, são pessoalmente desorganizados, tem estratégias pobres de reestruturação cognitiva, e seu esporte é organizado de forma que os enfraqueçam oferecendo-lhes poucas escolhas e pouca motivação. Os autores colocam ainda que a personalidade e fatores motivacionais tais como traços de ansiedade, perfeccionismo, otimismo e auto estima são identificados como potenciais influências a todos os aspectos do processo apreciativo, focado nas categorias gerais das estratégias de *coping*.

O maior número de correlações existentes entre as variáveis estudadas (*Motivação, Coping e Perfeccionismo*) para os atletas profissionalizados do que para os atletas não-profissionalizados parece indicar que com o processo de profissionalização e conseqüente aquisição da especialização, os atletas são envolvidos por métodos de auxílio externo e social em direção à transição para a auto-regulação. Com a aquisição da experiência, aumenta a motivação e o desenvolvimento desses atletas, e assim a dependência em relação a outras pessoas diminui, aumentando a autoconfiança, o auto-ajuste, o julgamento positivo que faz de si mesmo e a facilidade em aprender coisas novas.

Estudo de Dunn et al. (2006) demonstra que sujeitos que apresentam características do perfeccionismo mal adaptativo apresentam também altos padrões pessoais de desempenho, mas com isso irão também apresentar mais e mais estresse, isto devido sua auto-critica e dificuldade em sentir satisfação na melhoria de suas realizações e encontrar expectativas realísticas. Assim, os atletas que apresentam características de perfeccionismo mal adaptativo não conseguem apresentar altos níveis de desempenho, porque essas características podem conduzir a baixos níveis de concentração, ocasionando baixo desempenho atlético. Considerando que a concentração é uma das estratégias de *coping* estudadas, a análise dos resultados demonstra que o *Perfeccionismo desajustado neurótico* apresentou correlação negativa com todas as

estratégias de *coping*, menos para o *Rendimento máximo sob pressão* dos atletas não-profissionalizados, demonstrando que as características do perfeccionismo desajustado levam os atletas a desenvolverem menos suas capacidades de enfrentamento de situações estressantes. Entretanto, estes resultados não podem ser considerados conclusivos porque os coeficientes de correlação demonstram correlações baixas.

6 CONCLUSÃO

Com relação à motivação, os atletas profissionalizados apresentaram estilos regulatórios referentes à motivação intrínseca indicando que praticam o futebol de forma voluntária, sem necessidade aparente de receber recompensas, pois se interessam pela atividade, sentem prazer e satisfação no envolvimento com a prática do futebol. Para os atletas não-profissionalizados, a motivação intrínseca não foi tão alta quanto a dos atletas profissionalizados que se apresentaram mais autodeterminados. Assim, os atletas profissionalizados sentem maior prazer e satisfação pela prática do futebol do que os atletas não-profissionalizados. Essa maior autodeterminação dos atletas profissionalizados é comprovada também pela superioridade em sua motivação orientada à prática do futebol, demonstrando-se competentes e não são orientados por fatores externos que podem atrapalhar no objetivo de se tornarem atletas de sucesso.

A diferença nos níveis de motivação intrínseca entre os atletas profissionalizados e não-profissionalizados não foi encontrada para os estilos de motivação extrínseca, ou seja, apresentaram índices semelhantes de motivação extrínseca, indicando que os fatores externos pouco influenciam na motivação dos atletas, ao contrário da autodeterminação que parece aumentar com o processo de profissionalização e o amadurecimento dos atletas.

A motivação intrínseca dos atletas profissionalizados contribui também para a utilização de estratégias de *coping* eficazes em uma situação estressante, a estratégia de *coping* mais utilizada por estes atletas foi a de *Confiança e Motivação*, enfrentando e ultrapassando as barreiras que atrapalham seu desempenho atlético, se esforçam ao máximo, diminuindo a necessidade de pressões para jogar ou treinar com empenho. Entretanto, essa confiança não diminui a preocupação em desempenhar bem suas habilidades esportivas, são atletas preocupados com seu desempenho, mas não o suficiente para atrapalhar seu desenvolvimento atlético.

Já os atletas não-profissionalizados não apresentaram uma estratégia de *coping* definida, evidenciaram uma variedade de estratégias: *Confronto com a Adversidade*, *Confiança e Motivação*, e *Treinabilidade*. Esta diversidade de estratégias de *coping* não indica que estes enfrentam melhor as situações estressantes do que os atletas profissionalizados, pelo contrário, os atletas profissionalizados apresentaram maior capacidade de lidar com a ansiedade e de focar em pistas relevantes, além de se adaptarem melhor à rotina e se concentrarem melhor, utilizando uma estratégia de *coping* melhor definida do que os atletas não-profissionalizados.

Essa maior capacidade de lidar com a ansiedade, o estresse e se focar melhor nas metas e objetivos traçados é confirmada pela superioridade do *índice de confronto no esporte* dos atletas profissionalizados, indicando que tendem a jogar melhor sob pressão pensando de maneira mais clara frente às pressões impostas pela situação, de forma geral, quanto maior pressão mais gostam de jogar, entendem a pressão como desafios, ou seja, definem melhor qual a estratégia para enfrentar uma situação estressante e as utilizam de maneira mais eficaz do que os atletas não-profissionalizados.

Os atletas profissionalizados são mais motivados intrinsecamente, e utilizam melhor suas estratégias de *coping*, se consideram muito organizados com excessivo padrão de alto desempenho, sendo essas as características perfeccionistas mais presentes. Seus pais não são pessoas que lhes pressionam ou criticam excessivamente a respeito da sua prática esportiva e sobre os seus esforços de realização.

Tanto os atletas profissionalizados quanto os não profissionalizados apresentaram resultados que indicam correlação entre a motivação e as estratégias de *coping*, ou seja, os atletas mais autodeterminados são atletas que utilizam melhor suas estratégias de *coping* para superar uma situação estressante, estes atletas que são mais motivados intrinsecamente são também mais aptos a lidar com as situações adversas, como lesões, quedas no rendimento atlético, e as expectativas próprias ou de outros. Os atletas profissionalizados que praticam o futebol por prazer, sem necessidade aparente de receber recompensas externas são os que apresentaram maior

capacidade de formular seus objetivos em busca do sucesso, sendo também mais controlados emocionalmente durante a prática esportiva.

O *índice de autodeterminação* não se correlacionou com o *índice de perfeccionismo global*, não sendo possível assim dizer que a motivação dos atletas de futebol de campo tem relação com as características do perfeccionismo. Entretanto, para os atletas profissionalizados ficou evidente a relação entre o *índice de perfeccionismo ajustado normal* e determinados estilos regulatórios, principalmente para os que correspondem à motivação intrínseca indicando que quanto mais intrinsecamente motivados são estes atletas mais as características do perfeccionismo serão evidenciadas de forma positiva, e maior a tendência por estabelecer elevados padrões de realização pessoal.

Os atletas não-profissionalizados apresentaram relações entre o estilo regulatório menos autodeterminado (*Motivação Extrínseca de Regulação Externa*) e as características do perfeccionismo de *preocupação com erros*, *índice de perfeccionismo global* e *perfeccionismo desajustado neurótico*. Indicando características do perfeccionismo neurótico (ou negativo) como a preocupação excessiva com os erros que podem cometer durante a prática esportiva, gerando uma preocupação neurótica, não saudável de suas prestações.

As relações encontradas para os atletas profissionalizados indicam que quanto mais suas características perfeccionistas são desenvolvidas de forma ajustada e normal, melhor irão utilizar suas estratégias de enfrentamento, principalmente sua capacidade de concentração e estabelecer objetivos reais. Já para os atletas não profissionalizados a relação mostrou que quando o *criticismo parental* aumenta diminui a estratégia de *coping de treinabilidade*, confirmando as características do perfeccionismo neurótico, neste caso os que mais receberam críticas de seus pais a respeito de suas atividades, menos capacidade apresentaram de receber orientações de seus treinadores, se aborrecendo frente às correções e orientações dos mesmos.

Concluindo a análise das características psicológicas de motivação, *coping* e perfeccionismo de atletas profissionalizados e não-profissionalizados no futebol de

campo pode-se afirmar que os atletas apresentaram características semelhantes. De forma geral, demonstraram ser atletas motivados intrinsecamente para a prática do futebol, porém os profissionalizados são mais autodeterminados do que os não-profissionalizados. Em relação à utilização das estratégias de *coping*, o índice de confronto no esporte se destacou, em que os atletas profissionalizados apresentaram mais confiança e com maior capacidade de utilizar uma estratégia bem definida e com maior eficiência, ao contrário dos atletas não-profissionalizados que, se preocupam mais com os erros, aumentam sua ansiedade frente à prática esportiva, não apresentando uma estratégia de *coping* bem definida. Por fim, os atletas profissionalizados apresentaram características do *perfeccionismo ajustado normal* mais evidente do que os atletas não-profissionalizados, que apresentam superioridade nas características referentes ao *perfeccionismo desajustado neurótico*.

Assim, os resultados indicam que os fatores motivacionais apresentados pelos atletas devem ser considerados como influenciadores na utilização das estratégias de *coping* durante uma situação estressante na competição esportiva, bem como fatores indicativos da forma como demonstraram suas características da personalidade. A partir disto, o acompanhamento psicológico de jovens atletas em formação pode contribuir para que estes desenvolvam suas características de personalidade de forma positiva, a fim de que pratiquem a atividade esportiva motivados por contingências intrínsecas, sem uma necessidade aparente de recompensas externas, se tornando atletas que conseguem controlar melhor sua ansiedade e sendo mais capazes de enfrentar uma situação adversa, através de atitudes positivas que contribuam para sua formação atlética e pessoal.

Realçando assim a importância do estudo das determinantes psicológicas que são apresentadas e desenvolvidas ao longo do processo de desenvolvimento dos jovens atletas, com intervenções realizadas junto a estes jovens atletas no sentido de aperfeiçoar as suas capacidades psicológicas, criando condições necessárias e favoráveis para o desenvolvimento destes jovens atletas.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A., e COLLINS, D. Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: considering the role of psychology. *Journal of Sport Sciences*, 2004, 22, 395-408.

ABBOTT, A., COLLINS, D., MARTINDALE, R. e SOWERBY, K. *Talent Identification and Development: An Academic Review*. Edinburgh: SportScotland, 2002.

ABBOTT, A. e EASSON, B. The mental profile. In B.D. Hale e D. Collins (Eds.), *Rugby Tough* (pp. 17-33). Champaign, IL: Human Kinetics, 2002.

ALVES, P. J. M. C. O desenvolvimento do talento de jovens futebolistas: estudo comparativo de algumas características psicológicas face a outros grupos de jovens. *Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2007.*

AMIOT, C. E., GRAUDREAU, P. e BLANCHARD, C. M. Self-determination, coping, and goal attainment in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 2004, 26, 396-411.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 1998, 3 (2), 273-194.

BAKKER, F. C.; WHITING, H. T. A.; BRUG, H. *Psicología del deporte. Conceptos y aplicaciones*. Madrid: Ediciones Morata, S.L., 1993.

BARREIROS, A. Características psicológicas e desenvolvimento dos talentos em desporto. *Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2005.*

BARTMUS, U., NEUMANN, E., e MARÉES, H. The talent problem in sports. *International Journal of Sports Medicine*, 1987, 8, 415-416.

BLOOM, B. S. *Developing talent in young people*. New York: Ballantine Books, 1985.

BÖHME, M. T. S. Talento esportivo II: determinação de talentos esportivos. *Revista Paulista de Educação Física*, 1995, 9 (2), 138-146.

BOMPA, T. O. *Periodization: theory and methodology of training*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.

BRIÈRE, N. M.; VALLERAND, R. J.; BLAIS, M. R. e PELLETIER, L. G. Développement et validation d'une mesure de motivation intrinsèque, extrinsèque et d'automotivation en

context sportif: l'échelle de motivation dans les sports (ÉMS). *International Journal of Sport Psychology*, 1995; 26, 465-489.

BRITO, N., FONSECA, A. e ROLIM, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sênior? Análise centrada nos *rankings* femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2004, 4(1): 17-28.

BURNS, D. D. The spouse who is a perfectionist. *Medical Aspects of Human Sexuality*, 1983, 17, 219-230.

CAFRUNI, C., MARQUES, A. e GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2006, 1, 55-64.

CARR, S., WEIGAND, D. e JONES, J. The relative influence of parents, peers, and sporting heroes on goal orientation of children and adolescents in Sport. *Journal of Sport Pedagogy*, 6, 34-55.

CARRAVETTA, E. *O jogador de futebol: técnicas, treinamento e rendimento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CARVER, C. S., e SCHEIER, M. F. Situational coping and coping dispositions in a stressful transaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1994, 66, 184-195

COELHO, O. Pode a passada ser maior que a perna? In Garganta J (ed.) *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, Portugal, 2000, 145-154.

CONROY, D. E.; ELLIOT, A. J.; COATSWORTH, J. D. Competence motivation in sport and exercise: the hierarchical model of achievement motivation and self-determination theory. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007. Cap 12, p. 181-192.

COSTA, L. C. A. e VIEIRA, L. F. Estudo dos fatores motivadores e estressantes em atletas do campeonato nacional de basquete masculino adulto. *Revista da Educação Física*, 2003, 14 (1), 7-16.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 1999, 13, 395-417.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: the psychology of optimal experience*. New York: Harper Perennial, 1991.

CSIKSZENTMIHALYI, M., RATHUNDE, K., e WHALEN, S. *Talented teenagers - the roots of success and failure*. New York: Cambridge University Press, 1993.

DECI, E. L. e RYAN, R. M. *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press, 1985.

DIAS, C. S. L. *Do stress e ansiedade às emoções no desporto: da importância da sua compreensão à necessidade da sua gestão*. Tese de Doutorado. Portugal: Universidade do Minho, 2005.

DONAHUE, E. G., MIQUELON, P., VALOIS, P., GOULET, C., BUIST, A. e VALLERAND, R. J. A motivational model of performance-enhancing substance use in elite athletes. *Journal of Sport e Exercise Psychology*, 2006, 28, 511-520.

DOUGLAS, W. e ARAUJO, R. *Ajude seu filho a ser um vencedor: conselhos de um campeão nos estudos e de um campeão nos esportes*. Niteroi. RJ: Impetus, 2004.

DUNN, J. G. H., DUNN, J. C. GOTWALS, J. K., VALLANCE, J. K. H., CRAFT, J. M., SYROTUIK, D. G. Establishing construct validity evidence for the Sport Multidimensional Perfectionism Scale. *Psychology of Sport and Exercise*, 2006, 7, 57-79.

DUNN, J. G. H., DUNN, J. C. e SYROTUIK, D. G. Relationship between multidimensional perfectionism and goal orientations in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 2002, 24, 376-395.

DURAND-BUSH, N. e SALMELA, J. The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 2002, 14, 154-171.

ENDLER, N. S., e PARKER, J. D. Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1990, 58, 844-854.

ERICSSON, K. A. Development of elite performance and deliberate practice: An update from the perspective of the expert performance approach. In: J.L. Starkes e K.A. Ericsson (Eds.), *Expert performance in sports* (pp. 49-83). Champaign, IL: Human Kinetics, 2003.

ERICSSON, K. A., KRAMPE, R. T., e TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 1993, 100, 363-406.

FAIRCHILD, A.; HORST, S. J.; FINNEY, S. J. e BARRON, K. E. Evaluating existing and new validity evidence for the Academic Motivation Scale. *Contemporary Educational Psychology*, 2003, 30, 331-358.

FERNANDES, H. M. e VASCONCELOS-RAPOSO, J. *Continuum de Auto-Determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. Estudos de Psicologia*, 2005, 10(3), 385-395.

FLETT, G. L., e HEWITT, P. L. Perfectionism and maladjustment: An overview of theoretical, definitional, and treatment issues. In G. L. Flett, e L. P. Hewitt (Eds.), *Perfectionism: Theory, research, and treatment*, (pp. 5–31). Washington, DC: American Psychological Association, 2002.

FLETT, G. L., HEWITT, P. L. e ROSA, T. Dimensions of perfectionism, psychosocial adjustment, and social skills. *Personality and Individual Differences*, 1996, 20 (2), 143-150.

FOLKMAN, S. e LAZARUS, R. S. Coping as a Mediator of Emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1988, 54 (3), 466-475.

FOLKMAN, S. e LAZARUS, R. S. The relationship between coping and emotion: implications for theory and research. *Social Science and Medicine*, 1988, 26, (3), 309-317.

FROST, R. O., MARTEN, P., LAHART, C. M., e ROSENBLATE, R. The dimensions of perfectionism. *Cognitive Therapy and Research*, 1990, 14, 449-468.

GAGNÉ, F. Constructs and models pertaining to exceptional human abilities. In K. A. Heller, F. J. Mönks & A. H. Passow (Eds.), *International Handbook of Research and Development of Giftedness and Talent* (pp. 69-87). Oxford: Pergamon Press, 1993.

GAGNÉ, M. e BLANCHARD, C. Self-determination theory and well-being in athletes: it's the situation that counts. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007. Cap 16, p. 243-254.

GEISLER, G. e KERR, J. H. Competition stress and affective experiences of Canadian and Japanese futsal players. *International Journal of Sport Psychology*, 2007, 38, 2, 187-206.

GIACOBBI JR, P. R., FOORE, B. e WEINBERG, R. S. Broken clubs and expletives: the sources of stress and coping responses of skilled and moderately skilled golfers. *Journal of Applied Sport Psychology*, 2004, 16, 166-182.

GIACOBBI JR, P. R. e WEINBERG, R. S. An examination of coping in sport: individual trait anxiety differences and situational consistency. *The Sport Psychologist*, 2000, 14, 42-62.

GIMBEL, B. Possibilities and problems in sports talent detection research. *Leistungssport*, Frankfurt, n.6, p.159-67, 1976.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, K. e MOFFETT, A. Psychological characteristics and their development in Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 2002, 14, 172-204.

GOULD, D., ECKLUND, R. C., JACKSON, S. A. 1988 U.S. Olympic Wrestling Excellence: I. Mental preparation, precompetitive cognition, and affect. *The Sport Psychologist*, 1992, 6(4), 358–382.

GUIMARÃES, S. E. R. e BORUCHOVITCH, E. Estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17 (2), 143-150.

HAASE, A. M. e PRAPAVESSIS, H. Assessing the factor structure and composition of the Positive and Negative Perfectionism Scale in Sport. *Personality and Individual Differences*, 2004, 36, 1725–1740.

HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Exercise and Sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 2007.

HALL, H. K., KERR, A. W., KOZUB, S. A., FINNIE, S. B. Motivational antecedents of obligatory exercise: The influence of achievement goals and multidimensional perfectionism. *Psychology of Sport and Exercise*, 2007, 8, 297–316.

HAMACHEK, D. E. Psychodynamics of normal and neurotic perfectionism. *Psychology*, 1978, 15(1), 27–33.

HARDY, L.; JONES, G. e GOULD, D. *Understanding psychological preparation for sport: theory and practice of elite performers*. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 1996.

HARRE, D. *Trainingslehre*. Berlim: Sportverlag, 1982.

HELLSTEDT, J. C. Early Adolescent Perceptions of Parental Pressure in the Sport Environment. *Journal of Sport Behavior*, v. 13, n. 3, p. 135-144, 1990

HELSEN, W. F., HODGES, N. J., VAN WINCKEL, J., e STARKES, J. L. The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. *Journal of Sport Sciences*, 2000, 18, 727-736.

HEWITT, P., CAELIAN, C. F., FLETT, G., SHERRY, S. B., COLLINS, L. e FLYNN, C. A. Perfectionism in children: associations with depression, anxiety, and anger. *Personality and Individual Differences*, 2002, 32, 1049–1061.

HEWITT, P. L., e FLETT, G. L. Perfectionism in the self and social contexts: Conceptualization, assessment, and association with psychopathology. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1991, 60, 456–470.

HOLT, N. L. *Toward a grounded theory of the psychosocial competencies involved in becoming a professional soccer player*. Unpublished PhD, University of Alberta, Edmonton, 2002.

HOLT, N. L. *Coping in professional sport: a case study of an experienced cricket player*. 2003 Disponível em <http://www.athleticinsight.com/Vol5Iss1/CricketPlayerCoping.htm>. Acesso em: 20 dez. 2007.

HOWE, M. J. A. *The psychology of high abilities*. London: Macmillan Press Ltda, 1999.

INGHAM, A. G.; CHASE, M. A. e BUTT, J. From the performance principle to the developmental principle: every kid a winner? *Quest*, 2002, 54, 308-331.

KAY, T. Sporting excellence: a family affair? *European Physical Education Review*, 2000, 6(2), 151-169.

KEEGAN, R. J., HARWOOD, C. G., SPRAY, C. M. e LAVALLEE, D. E. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early-career sports participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. *Psychology of Sport & Exercise*, (in press).

LANARO FILHO, P., BÖHME, M. T. S. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: um estudo de revisão. *Rev. paul. Educ. Fís.*, 2001, 15(2): 154-68.

MAGILL, R. e ANDERSON, D. Critical periods as optimal readiness for learning sport skills. In F. Smoll e R. Smith (Eds.), *Children and youth in sport* (p. 57-72). Madison, WI: Brown e Benchmark, 1996.

MAIA, J. A. Uma nota breve sobre a idéia de talento desportivo. *Sobredotação*, 2000, 1, 37-45.

MALLETT, C. J. e HANRAHAN, S. J. Elite athletes: why does the "fire" burn so brightly? *Psychology of Sport and Exercise*, 2004, 5, 183-200.

MARQUES, A. C. Situações Stressantes e Estratégias de Coping nos Atletas de Basquetebol de Alta Competição. *Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2005*.

MARQUES, A. A periodização do treino em crianças e jovens. Resultados de um estudo nos centros experimentais de treino da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. In Marques A., Bento J. (Eds.) *As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva*. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1993, 243-257.

MARTINDALE, R. J. J.; COLLINS, D. e DAUBNEY, J. Talent Development: A guide for practice and research within sport. *Quest*, 2005, 57, 353-375.

MATSUDO, V. K. R.; RIVET, R. E.; PEREIRA, M. H. N. Standard score assessment of physique and performance of Brazilian athletes in a six-tiered competitive sports model. *Journal of Sports Science*, London, 5, p.49- 53, 1987.

MCDONOUGH, M. H. e CROCKER, P. R. E. Testing Self-Determined Motivation as a Mediator of the Relationship between Psychological Needs and Affective and Behavioral Outcomes. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 2007, 29, 645-663.

MONTPETIT, R.; CAZORLA, G. Swimming science V. Champaign (IL): Human Kinetics, 1988

MORAES, L. C.; RABELO, A. S. e SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 2004, 17, 211-222.

MORENO, R. M.; DEZAN, F.; DUARTE, L. R. e SCHWARTZ, G. M. Persuasão e motivação: interveniências na atividade física e no esporte. *Revista Digital-Buenos Aires*, 2006, 11 (103).

MORRIS, T. Psychological characteristics and talent identification in soccer. *Journal of Sport Sciences*, 2000, 18, 715-726.

NADORI, L. Especialización y talento. Problemas pedagógicos de la especialización y de la promoción del talento en el deporte. *Stadium*, 1990, 141:41-46.

ORLICK, T. *In pursuit of excellence*. Champaign: Human Kinetics, IL, 2000.

ORLICK, T., e PARTINGTON, J. Mental links to excellence. *The Sport Psychologist*, 1988, 2, 105-130.

PAGE, J., BRUCH, M. A. e HAASE, R. F. Role of perfectionism and Five-Factor model traits in career indecision. *Personality and Individual Differences*, 2008, 45, 811–815.

PASSER, M. At what age are children ready to compete? Some psychological considerations. In F. Smoll e R. Smith (Eds), *Children and youth in sport* (p. 73-86). Madison, WI: Brown e Benchmark, 1996.

PATRICK, H., RYAN, A. M., ALFELD-LIRO, C., FREDRICKS, J. A., HRUDA, L. Z., e ECCLES, J. S. Adolescents' commitment to developing talent: the role of peers in continuing motivation for sports and the arts. *Journal of Youth Adolescence*, 1999, 28(6), 741-763.

PEARSON, D. T.; NAUGHTON, G. A. e TORODE, M. Predictability of physiological testing and the role of maturation in talent identification for adolescent team sports. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 2006, 9, 277-287.

PELLETIER, L. G., DION, S., TUSON, K., e GREEN-DEMERS, I. Why do people fail to adopt environmental behaviors? Toward a taxonomy of environmental amotivation. *Journal of Applied Social Psychology*, 1999, 29, 2481-2504.

PELLETIER, L. G., FORTIER, M. S., VALLERAND, R. J., BRIÈRE, N. M., TUSON, K. M., BLAIS, M. R. Toward a New Measure of Intrinsic Motivation, Extrinsic Motivation, and Amotivation in Sports: The Sport Motivation Scale (SMS). *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 1995, 17, 35-53.

PELLETIER, L. G. e SARRAZIN, P. Measurement issues in self-determination theory and sport. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007. Cap 9, p. 143-152.

PENSGAARD, A. M., e DUDA, J. Sydney 2000: The interplay between emotions, coping, and the performance of Olympic-level athletes. *The Sport Psychologist*, 2003, 17, 253-267.

PENSGAARD, A. M. e ROBERTS, G. C. Achievement goal orientations and the use of coping strategies among Winter Olympians. *Psychology of Sport and Exercise*, 2003, 4, 101-116.

PIERCE, W.J. & STRATTON, R.K. Perceived sources of stress in youth sport participants. In G.C.Roberts & D.M. Landers (Eds.) *Psychology of motor behavior and sport* (pp.116) Champaign, IL: Human Kinetics, 1981.

PIIRTO, J. The Piirto pyramid of talent development. *Gifted Child Today*, 2000.

PORÉM, R. A.; ALMEIDA, P. L. e CRUZ, J. F. Um programa de treino de formulação de objectivos no futebol: Desenvolvimento, implementação e avaliação. *Análise Psicológica* (2001), 1 (19): 27-36.

REGNIER, G., e SALMELA, J. Predictors of success in Canadian male gymnasts. In B. Petiot, J.H. Salmela, & T.B. Hoshizaki (Eds.), *World identification systems for gymnastic talent*. (pp. 143-150). Montreal: Sport Psyche Editions, 1987.

RENZULLI, J. S. Emerging conceptions of giftedness: building a bridge to the new century. *Exceptionality*, 2002, 10(2), 67-75.

RIUS SANT, J. *Metodología del atletismo*. Barcelona: Paidotribo, 1999.

SABOONCHI, F. e LUNDH, L. Perfectionism, self-consciousness and anxiety. *Personality and Individual Differences*, 1997, 22 (6), 921-928.

SARRAZIN, P.; BOICHÉ, J. C .S. e PELLETIER, L. G. A self-determination theory approach to dropout in athletes. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007. Cap 15, p. 229-241.

SEEFELDT, V. The concept of readiness applied to the acquisition of motor skills. In F. Smoll e R. Smith (Eds), *Children and youth in sport* (p. 49-56). Madison, WI: Brown e Benchmark, 1996.

SERPA, S., ALVES, P., e BARREIROS, A. *Versão portuguesa da Multidimensional Perfectionism Scale (MPSp): processos de tradução, adaptação e fiabilidade*. Lisboa: Laboratório de Psicologia do Desporto - Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, 2004.

SERPA, S., ALVES, P. e BARREIROS, A. *Versão portuguesa da Sport Motivational Scale (SMSp) e da Sport Academic Scale (AMSp): processos de tradução, adaptação e fiabilidade*. Lisboa: Laboratório de Psicologia do Desporto - Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, 2004.

SERPA, S., e PALMEIRA, A. L. ACSI28 - estudo das experiências desportivas. Lisboa: Laboratório de Psicologia do Desporto - Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

SINGER, R. N., e JANELLE, C. M. Determining sport expertise: From genes to supremes. *International Journal of Sport Psychology*, 1999, 30(2), 117-150.

SMITH, R. E., SCHUTZ, R. W., SMOLL, F. L., e PTACEK, J. T. Development and validation of a multidimensional measure of sport-specific psychological skills: The Athletic Coping Skills Inventory-28. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 1995, 17(4), 379-398.

SMOLL, F. e SMITH, R. *Children and youth in sport: A biopsychosocial perspective*. Madison, WI: Brown e Benchmark, 1995.

SOARES, M. J.; GOMES, A. A.; MACEDO, A. F.; SANTOS, V. e AZEVEDO, M. H. P. Escala multidimensional de perfeccionismo: adaptação à população portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2003, 5 (1), 46-55.

SOBRAL, F. *Desporto Infanto-Juvenil: prontidão e juventude*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

STOEBER, J. e STOEBER, F. S. Domains of perfectionism: Prevalence and relationships with perfectionism, gender, age, and satisfaction with life. *Personality and Individual Differences*, (in press).

STORNES, T. Sportspersonship in elite sports: on the effects of personal and environmental factors on the display of sportspersonship among elite male handball players. *European Physical Education Review*, 2001, 7, (3), 283-304.

TAUER, J. M. e HARACKIEWICZ, J. M. The effects of cooperation and competition on intrinsic motivation and performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2004, 86, 6, 849-861.

TANNENBAUM, A. J. History of giftedness and "gifted education" in world perspective. In K. A. Heller, F. J. Mönks & A. H. Passow (Eds.), *International handbook of Research and Development of Giftedness and Talent* (pp. 3-27). Oxford: Pergamon Press, 1993.

THOMAS, J. R. e NELSON, J. K. *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. 3ª Edição, ARTMED, Porto Alegre, 2004.

TREASURE, D. C.; LEMYRE, P. N.; KUCZKA, K. K.; STANDAGE, M. Motivation in elite-level sport: a self-determination perspective. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007. Cap 10, p. 153-165.

VALLERAND, R. J. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise. In: ROBERTS, G. C. *Advances in Motivation in Sport and Exercise*. Champaign: Human Kinetics, 2001, cap. 8, p. 263-319.

VALLERAND, R. J. Intrinsic and extrinsic motivation in sport. In: *Encyclopedia of Applied Psychology*, 2004, 2, p. 427-435.

VALLERAND, R. J. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation for sport and physical activity. In: HAGGER, M. S. e CHATZISARANTIS, N. L. D. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Champaign: Human Kinetics, IL, 2007. Cap 17, p. 255-279.

VALLERAND, R. J., e LOSIER, G. F. An integrative analysis of intrinsic and extrinsic motivation in sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 1999, 11(1), 142-169.

VAN ROSSUM, J. H. A. Talented in dance: The Bloom stage model revisited in the personal histories of dance students. *High Ability Studies*, 2001, 12, 181-197.

VANSTEENKISTE, M.; SIMONS, J.; LENS, W.; SHELDON, K. M. e DECI, E. L. Motivating learning, performance, and persistence: The synergistic effects of intrinsic goal contents and autonomy-supportive contexts. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2004, 87, 2, 246-260.

VIANNA JUNIOR, N. S. A influência dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis. *Mestrado, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional* - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

VIEIRA, J. L. L. *O processo de abandono de talentos do atletismo do estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos*. 1999a. 162f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Marina, Santa Maria.

VIEIRA, L. F. *O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos*. 1999b. 190f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

VIEIRA, L. F. e VIEIRA, J. L. L. Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo. *Revista da Educação Física*, 2001, 12 (1), 7-17.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L. e KREBS, R. J. A trajetória de desenvolvimento de talentos esportivos. *Revista da Educação Física*, 2003, 14 (1), 83-93.

VISSOCI, J. R. N., VIEIRA, L. F., OLIVEIRA, L. P. e VIEIRA, J. L. L. Motivação e atributos morais no esporte. *Revista da Educação Física*, 2008, 19 (2), 173-182.

VOOGD, A. *Perfectionism in Soccer Players: Perfectionism in relation to sports level and in relation to country of origin of the soccer players*. 2007. 30f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Esporte e do Exercício) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

WEINBERG, R. S. e GOULD, D. *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. (2ª Ed.). Porto Alegre: ARTMED, 2001.

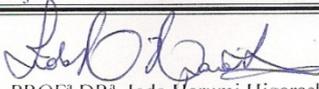
WIERSMA, L. Risks and Benefits of Youth Sport Specialization: Perspectives and Recommendations. *Pediatric Exercise Science*, 2000, 12: 13-22.

WILSON, P. M., ROGERS, W. T., RODGERS, W. M., WILD, T. C. The psychological need satisfaction in exercise scale. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 2006, 28, 231-251.

ZAKHAROV, A. *Ciência do Treinamento Desportivo*. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A: PARECER DO COMITÊ PERMANENTE DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Pesquisadora: José Luiz Lopes Vieira	
Centro/Departamento: CCS - Departamento de Educação Física	
Título do projeto: A influência de características psicológicas específicas e não específicas do esporte no desenvolvimento de talentos esportivos.	
<p>Considerações: O projeto “A influência de características psicológicas específicas e não específicas do esporte no desenvolvimento de talentos esportivos” envolverá um total de 200 sujeitos, por meio do Programa de Mestrado Associado UEM/UEL. Será desenvolvido por Leonardo Pestillo de Oliveira sob a orientação do prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira.</p> <p>O pesquisador explica que participarão do projeto “[...] 200 atletas identificados seguindo critérios da classificação das etapas de participação esportiva de Côté (1999), compreendendo atletas com idades entre treze e dezoito anos.”</p> <p>A relevância do projeto é justificada no fato de que “[...] existe ainda pouca informação que diz respeito ao desenvolvimento das características psicológicas em jovens atletas considerados talentos.”</p> <p>Tem por objetivo “Identificar as características psicológicas do esporte que diferenciem o jovem talento do “não-talento” do futebol” e as características não específicas.</p> <p>O pesquisador esclarece que desenvolverá metodologia descritiva do tipo correlacional fundamentada em bibliografias publicadas no período de 1976 a 2007.</p> <p>O cronograma de execução prevê 11 meses de trabalho com orçamento total de oitocentos e sessenta e cinco reais a ser custeado pelo pesquisador.</p> <p>Considerando que o pesquisador apresenta:</p> <p>Curriculo na Plataforma Lattes;</p> <p>Modelo do instrumento de coleta de dados (anexos 1-2-3-4 e 5);</p> <p>Modelo da ficha de identificação do atleta;</p> <p>Modelos de TCLE para pais e para atletas;</p> <p>Autorização da Escola de Seleção e Formação de Talentos no Futebol do Clube Atlético Paranaense, carimbada e assinada por Alison Gustavo Laurindo Pereira, Coordenador Técnico;</p> <p>Somos de parecer pela aprovação do presente projeto com a seguinte recomendação:</p> <p>Que o pesquisador inclua no modelo de TCLE, finalidade, riscos e benefícios da pesquisa e informe aos sujeitos sobre a garantia de sigilo e ressarcimento caso seja necessário.</p>	
Situação: APROVADO COM RECOMENDAÇÃO	
CONEP: () para registro () para análise e parecer Data: 14/03/2008	
O pesquisador deverá apresentar Relatório Final para este Comitê em: 15 de janeiro de 2009	
<p>O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução nº. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 148ª reunião do COPEP em 14/03/2008.</p>	 PROFª.DRª. Ieda Marumi Higarashi Presidente do COPEP

ANEXO B: Escala de Motivação Esportiva

PORQUE É QUE VOCÊ PRÁTICA ESPORTE?

	Não corresponde nada	Corresponde um pouco		Corresponde moderadamente	Corresponde muito		Corresponde exatamente
1. Pelo prazer que sinto em viver experiências emocionantes.	1	2	3	4	5	6	7
2. Pelo prazer que me dá saber mais acerca da modalidade que pratico.	1	2	3	4	5	6	7
3. Costumava ter boas razões para praticar esporte, mas agora pergunto-me se deverei continuar.	1	2	3	4	5	6	7
4. Pelo prazer de descobrir novas técnicas.	1	2	3	4	5	6	7
5. Já não sei por que pratico a minha modalidade. Tenho a sensação de não ser capaz de ter êxito nesta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
6. Porque permite que as pessoas que conheço tenham mais consideração por mim.	1	2	3	4	5	6	7
7. Porque na minha opinião é uma das melhores formas de conhecer pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
8. Porque sinto uma enorme satisfação pessoal em dominar certas técnicas difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
9. Por ser absolutamente necessário praticar esportes se quero estar em forma.	1	2	3	4	5	6	7
10. Pelo prestígio de ser atleta.	1	2	3	4	5	6	7
11. Porque é uma das melhores formas que encontrei para desenvolver outros aspectos da minha pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
12. Pelo prazer que sinto ao melhorar alguns dos meus pontos fracos.	1	2	3	4	5	6	7
13. Pelas sensações que sinto quando estou verdadeiramente envolvido na atividade.	1	2	3	4	5	6	7
14. Porque devo praticar esportes para me sentir bem comigo próprio.	1	2	3	4	5	6	7
15. Pela satisfação que sinto enquanto aperfeiçoar as minhas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7
16. Porque as pessoas que me rodeiam acham que é importante estar em forma.	1	2	3	4	5	6	7
17. Porque é uma boa forma de aprender imensas coisas que me poderão ser úteis noutras áreas da minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
18. Pelas emoções intensas que sinto ao praticar um esporte de que gosto.	1	2	3	4	5	6	7
19. Já não sei muito bem por que pratico a minha modalidade. Parece-me que o meu lugar não é no esporte.	1	2	3	4	5	6	7
20. Pelo prazer que sinto nas execuções difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
21. Porque me sentiria mal se não arranjasse tempo para praticar o esporte.	1	2	3	4	5	6	7
22. Para mostrar aos outros quanto sou bom na minha modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
23. Pelo prazer que sinto quando aprendo novas técnicas que nunca experimentei antes.	1	2	3	4	5	6	7
24. Por ser uma das melhores formas de manter boas relações com os meus amigos.	1	2	3	4	5	6	7
25. Porque gosto da sensação de estar totalmente empenhado no exercício.	1	2	3	4	5	6	7
26. Porque tenho de praticar esportes regularmente.	1	2	3	4	5	6	7
27. Pelo prazer de descobrir novas estratégias no meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
28. Tenho muitas dúvidas, porque parece que não consigo alcançar os objetivos que estabeleci para mim próprio.	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO C: Inventário Atlético de Estratégias de *Coping*.

	Quase nunca	As vezes	Regularmente	Quase sempre
1. Diária ou semanalmente, estabeleço para mim um conjunto de objetivos específicos que orientam as minhas ações.	0	1	2	3
2. Consigo aproveitar ao máximo o meu talento e habilidade.	0	1	2	3
3. Quando um treinador ou dirigente me diz como corrigir um erro que fiz, tenho tendência a levar isso a mal e fico aborrecido.	0	1	2	3
4. Quando estou praticando esporte consigo focalizar a minha atenção e bloquear as coisas que me distraem.	0	1	2	3
5. Por muito mal que as coisas me estejam correndo, mantenho-me motivado e positivo durante a competição.	0	1	2	3
6. Tenho tendência a jogar melhor sob pressão, porque assim penso de maneira mais clara.	0	1	2	3
7. Preocupo-me bastante acerca do que os outros pensam de meu desempenho.	0	1	2	3
8. Tenho tendência a fazer muitos planos sobre a forma de atingir os meus objetivos.	0	1	2	3
9. Sinto-me confiante de que vou jogar bem.	0	1	2	3
10. Se um treinador ou dirigente me critica, isso me aborrece mais do que me ajuda.	0	1	2	3
11. Para mim é fácil evitar que pensamentos que me distraem interfiram em alguma coisa que estou vendo ou ouvindo.	0	1	2	3
12. A preocupação com o meu desempenho coloca-me sob forte pressão.	0	1	2	3
13. Estabeleço os meus objetivos de desempenho para cada treino.	0	1	2	3
14. Não preciso que me pressionem para treinar ou jogar com empenho, dou os 100%.	0	1	2	3
15. Se um treinador me critica ou grita comigo, eu corrijo o erro sem ficar zangado com isso.	0	1	2	3
16. Lido muito bem com as situações inesperadas do meu esporte.	0	1	2	3
17. Quando as coisas me estão correndo mal, digo a mim próprio que mantenha a calma.	0	1	2	3
18. Quanto mais pressão existe durante um jogo, mais gosto de jogar.	0	1	2	3
19. Quando estou competindo preocupo-me com a possibilidade de cometer erros ou de não conseguir jogar bem.	0	1	2	3
20. Muito antes de o jogo começar, desenvolvo na minha cabeça o meu próprio plano de jogo.	0	1	2	3
21. Quando sinto que estou ficando muito tenso, consigo relaxar rapidamente o corpo e acalmar-me.	0	1	2	3
22. Para mim, as situações de pressão são desafios que me agradam.	0	1	2	3
23. Penso e imagino o que acontecerá se eu falhar ou estragar tudo.	0	1	2	3
24. Mantenho o controle emocional, independentemente do modo como as coisas me estejam acontecendo.	0	1	2	3
25. Para mim é fácil dirigir a atenção de modo a fixá-la num só objeto ou pessoa.	0	1	2	3
26. Quando não consigo atingir os meus objetivos, isso me faz trabalhar ainda com mais empenho.	0	1	2	3
27. Meloro as minhas capacidades quando ouço cuidadosamente os conselhos e instruções dos treinadores e dirigentes.	0	1	2	3
28. Cometo menos erros quando existe pressão, porque me concentro melhor.	0	1	2	3

ANEXO D: Escala Multidimensional de Perfeccionismo

	Discordo completamente	Discordo	Nem discordo Nem concordo	Concordo	Concordo completamente
1. Os meus pais exigem demais de mim.	1	2	3	4	5
2. A organização é muito importante para mim.	1	2	3	4	5
3. Quando era criança, castigavam-me se não fosse perfeito no que fazia.	1	2	3	4	5
4. Se não for o mais exigente possível comigo próprio, tornar-me-ei numa pessoa de segunda categoria.	1	2	3	4	5
5. Os meus pais nunca tentam entender os meus erros.	1	2	3	4	5
6. É importante para mim que eu seja extremamente competente em tudo o que faço.	1	2	3	4	5
7. Sou uma pessoa arrumada.	1	2	3	4	5
8. Tento ser uma pessoa organizada.	1	2	3	4	5
9. Se falhar no esporte ou na escola, serei um fracasso como pessoa.	1	2	3	4	5
10. Deverei ficar aborrecido se cometer um erro.	1	2	3	4	5
11. Os meus pais queriam que eu fosse o melhor em tudo.	1	2	3	4	5
12. Estabeleço objetivos mais elevados do que a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5
13. Se uma pessoa executa uma tarefa melhor do que eu na escola ou no esporte, sinto que fracassei na execução da tarefa.	1	2	3	4	5
14. Eu falhar em parte da tarefa considero tão grave como falhar completamente.	1	2	3	4	5
15. Na minha família só o desempenho excelente é considerado suficientemente bom.	1	2	3	4	5
16. Sou muito bom em concentrar todos os meus esforços para alcançar um objetivo.	1	2	3	4	5
17. Mesmo quando faço algo com muito cuidado, sinto freqüentemente que ainda não está bem.	1	2	3	4	5
18. Detesto não ser o melhor em tudo.	1	2	3	4	5
19. Tenho objetivos extremamente altos.	1	2	3	4	5
20. Os meus pais sempre esperaram que eu fosse excelente.	1	2	3	4	5
21. As pessoas provavelmente terão menos consideração por mim se eu cometer erros.	1	2	3	4	5
22. Nunca me achei capaz de responder às expectativas dos meus pais.	1	2	3	4	5
23. Eu não ser tão bom como os outros, significa que sou um ser humano inferior.	1	2	3	4	5
24. As outras pessoas parecem ser menos exigentes consigo próprias do que eu sou comigo mesmo.	1	2	3	4	5
25. Se eu não fizer as coisas sempre bem, as pessoas não terão respeito por mim.	1	2	3	4	5
26. Os meus pais sempre tiveram expectativas mais elevadas para o meu futuro do que eu.	1	2	3	4	5
27. Tento ser uma pessoa arrumada.	1	2	3	4	5
28. Habitualmente tenho dúvidas sobre as coisas simples do dia-a-dia que tenho de fazer	1	2	3	4	5
29. O rigor é muito importante para mim.	1	2	3	4	5
30. Exijo uma maior perfeição nas minhas tarefas do que a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5
31. Sou uma pessoa organizada.	1	2	3	4	5
32. Tenho tendência a me atrasar no meu trabalho, porque repito as coisas várias vezes.	1	2	3	4	5
33. Levo imenso tempo para fazer algo bem feito.	1	2	3	4	5
34. Quanto menos erros eu cometer, mais os outros gostarão de mim.	1	2	3	4	5
35. Nunca me achei capaz de responder às exigências dos meus pais.	1	2	3	4	5

APENDICE E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Sujeitos

Departamento de Educação Física – Programa de Pós-Graduação Associado UEM/UEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS SUJEITOS

Estamos conduzindo uma pesquisa na área de Psicologia do Esporte, com o objetivo de identificar a motivação, as estratégias de enfrentamento de situações estressantes, e as características do perfeccionismo de atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

Para a realização do trabalho, será necessária a participação de atletas, que pratiquem esporte em escolas de seleção e formação de jogadores de futebol. Sabendo que seu filho é praticante de futebol em uma dessas escolas, pedimos a colaboração dele no estudo. Na pesquisa seu filho responderá a questionários com questões referentes à sua motivação, estratégias de enfrentamento, e características perfeccionistas.

Informo que durante qualquer momento da coleta dos dados você poderá recusar a participação de seu filho na pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo pessoal ou para a pesquisa, e ainda, que estou disponível para qualquer dúvida.

Durante o decorrer e após a conclusão do trabalho, será preservada a sua identidade e dos demais participantes. O trabalho terá a orientação do Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira, da Universidade Estadual de Maringá e será desenvolvido pelo Mestrando Leonardo Pestillo de Oliveira.

Caso V. Sa. concorde com a participação de seu filho no estudo solicitamos seu consentimento preenchendo as informações abaixo:

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações acima e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes ao estudo CONCORDO em permitir a participação de meu filho na pesquisa.

_____ Data: ____/____/____
Assinatura (Pai ou Responsável)

Eu, Leonardo Pestillo de Oliveira, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo.

Leonardo Pestillo de Oliveira

Telefone: 30287440

Rua Bragança, 531, Apto 103.

José Luiz Lopes Vieira

Telefone: 32232145

Rua Neo Alves Martins, 1886, Apto 151.

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Bloco 035 – Campus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

APENDICE F: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Sujeitos

Departamento de Educação Física – Programa de Pós-Graduação Associado UEM/UEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS SUJEITOS

Estamos conduzindo uma pesquisa na área de Psicologia do Esporte, com o objetivo de identificar a motivação, as estratégias de enfrentamento de situações estressantes, e as características do perfeccionismo de atletas profissionalizados e não-profissionalizados de futebol de campo.

Para a realização do trabalho, será necessária a participação de atletas de futebol de rendimento.

Na pesquisa você responderá a questionários com questões referentes à sua motivação, estratégias de enfrentamento, e características perfeccionistas.

Informo que durante qualquer momento da coleta dos dados você poderá recusar a participação na pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo pessoal ou para a pesquisa, e ainda que estou disponível para qualquer dúvida.

Durante o decorrer e após a conclusão do trabalho, será preservada a sua identidade e dos demais participantes. O trabalho terá a orientação do Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira, da Universidade Estadual de Maringá e será desenvolvido pelo Mestrando Leonardo Pestillo de Oliveira.

Caso V. Sa. concorde com a participação no estudo solicitamos seu consentimento preenchendo as informações abaixo:

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações acima e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes ao estudo CONCORDO em participar na pesquisa.

_____ Data: ____/____/____
Assinatura

Eu, Leonardo Pestillo de Oliveira, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo.

Leonardo Pestillo de Oliveira

Telefone: 30287440

Rua Bragança, 531, Apto 103.

José Luiz Lopes Vieira

Telefone: 32232145

Rua Neo Alves Martins, 1886, Apto 151.

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Bloco 035 – Campus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

APENDICE G: AUTORIZAÇÃO DO CLUBE DE FUTEBOL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



ESCOLA DE FUTEBOL ATLETICO PARANAENSE
Atleticway – Escolas de Futebol



www.atleticway.com.br

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o mestrando Leonardo Pestillo de Oliveira, do curso de Pós-Graduação em Educação Física Associado UEM/UEL a realizar a pesquisa "A influência de características psicológicas específicas e não-específicas do esporte no desenvolvimento de talentos esportivos" na Escola de Seleção e Formação de Talentos no Futebol do Clube Atlético Paranaense.


Alison Gustavo Laurindo Pereira
Coordenador Técnico

08.035.425/0001-48
ATLETICWAY
CENTRO DE TREINAMENTO E TECNOLOGIA
DO FUTEBOL LTDA.
R. 1º DE MAIO, 274
PQ INDUSTRIAL - CEP 87111-690
SARANDI - PR

Rua Vidal de Negreiros, 335 – SL 04 – Maringá – Paraná.
CEP: 87111-690 – (0xx44) 3029-7759 / 9981-4891
www.atleticway.com.br